REVISTA arigó

Número 3 2022

Expediente Número 3

Revista Arigó

ISSN: 2764-1155

Periodicidade: anual.

Contato: revistaarigo@avl.org.br

https://www.revistaarigo.avl.org.br/

Instituição responsável: Academia Volta-redondense de Letras (AVL)

Editor-Chefe:

José Huguenin

Editores associados

Djalma Augusto dos Santos Mello
Lourildo Costa
Lúcia Assis

Endereço:
Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília
Volta Redonda-RJ
CEP: 27260-140

DIRETORIA DA AVL (2022-2023)
Presidente: José Huguenin
Vice-presidente: Lourildo Costa
Secretário: Regina Vilarinhos
Tesoureiro: Elyane Lacerdda
Diretor Social: Djalma Augusto dos S. Mello
Coordenação Editorial: Jean Carlos Gomes

www.avl.org.br

Sumário

Editorial 4

Biblioteca da AVL.....6

Projetos & Entrevista..... 8

Textos Literários.....21

Ensaios & Trabalhos Acadêmicos.....58

Relatos Historiográficos.....101

Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2022

Vamos chegando ao fim do ano de 2022, ano em que nossas vidas, não sem sustos, vão retomando passos, os encontros. E a ***Revista Arigó (RA),*** registra esse reencontro da literatura com o público, aproxima mais escritores e pesquisadores da região em torno da missão de ser uma fonte de referência para a produção literária e acadêmica da região.

Em seu terceiro ano a RA mantem seu foco na difusão da literatura e pesquisa acadêmica ligadas à Volta Redonda e ao Sul Fluminense. Esse ano publicamos nosso primeiro número especial, o Número 4 - Especial FLIM, numa parceria com a Festa Literária da Mambucaba, município de Angra dos Reis.

O Número 3, edição periódica da **RA**, ficou aberto para submissão trabalhos de 01 de janeiro a 31 e agosto de 2022 e mantem sua estrutura básica, porém com algumas novidades.

A seção *Biblioteca da AVL (BAVL)* mostra as atualizações do acervo da BAVL, que está aberto à consulta na Biblioteca do GACEMSS, grande parceiro da AVL.

A seção *Resenhas & Biografias* ganhou outro nome nesse número, mas continua com o intuito de registro da cena literária da região. Em Projetos & Entrevista, apresentamos três projetos importantes desenvolvidos ao longo do ano que deram grandes contribuições para a literatura local. Apresentamos o projeto Poesia & Ponto, feito em parceria inédita como a Secretaria de Municipal de Cultura (SMC), que encheu de poesia os pontos de ônibus de Volta Redonda e legou também um E-Book com os textos selecionados. São também apresentados o Projeto *Literatura de Volta Redonda*, que visa registrar e divulgar autoras e autores da cidade, e projeto *Poesia de Aço*, cuja missão é apresentar e divulgar todos os poetas e as poetas de Volta Redonda. Apresentamos também a primeira entrevista publicada pela RA. Entrevistamos grupo *Circunlókios*, cuja formação atual tem seus fundadores Dio Costa e Giglio.

A seção *Textos Literários*, que publica produções em verso e prosa apenas de autores e autoras da região, continuou recebendo de textos de grande expressão literária, agora de municípios que ainda não tínhamos autores publicados, por exemplo, Vassouras. Aceitamos poemas, pequenos contos e crônicas. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a ***RA*** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas.

A seção *Ensaios e Trabalhos Acadêmicos* traz um artigo de pesquisadores do Curso de Letras do UGB-FERP que apresentam um estudo do impacto da pandemia na produção literária de Volta Redonda. Um artigo traz importante olhar sobre o silenciamento feminino na personagem Capitu, do clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis. A narratividade também é discutida no último artigo da seção.

A seção *Relatos Historiográficos*, que tem por objetivo registrar a rica história da região. São aceitas submissões de artigos acadêmicos ou ensaios, baseados em pesquisas e estudos, relatos pessoais de eventos contemporâneos e passados. O Número 3 apresenta dois ensaios do historiador Nikson Salem, Presidente da Academia Barramansense de História. Em um deles trata das primeiras impressões de Barra Mansa, com ênfase nas primeiras produções literárias publicadas na região. No segundo trabalho, apresenta um relato sobre as primeiras escolas de Barra Mansa. Erasmo Quiricci apresenta importante análise do movimento operário de Volta Redonda. O acadêmico e historiador Guto Mello apresenta uma análise das leis paliativas contra a escravidão que atendia à pressão da Inglaterra, dando exemplos da região da aplicação das chamadas "leis para inglês ver"

Entregamos aos leitores esse Número 3 da RA que traz importantes registros literários e historiográficos da Região, discute literatura em geral e consolida-se como instrumento acadêmico-literário de divulgação de literatura, estudos sobre literatura e a história de nossa região.

Boa Leitura!

José Huguenin
Editor Chefe

Biblioteca da AVL

A Biblioteca da AVL (**BAVL**), inaugurada em 14 de dezembro de 2019, tem por principal objetivo preservar e eternizar a produção literária do município de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, buscando catalogar e salvaguardar os livros de autoras e autores da cidade e região e de seus acadêmicos, como forma de contribuir para conservação e valorização do patrimônio cultural do município e da região, guardando, também, a vivência do vale do médio paraíba.

Como toda biblioteca, a BAVL é viva e seu acervo físico é construído continuamente de forma a permitir a pesquisa e, na medida do possível, o empréstimo das obras à população. Conforme estatuto, a BAVL é vinculada à Coordenação Editorial da AVL. Através do acordo de Cooperação com o GACEMSS, a BAVL está sediada temporariamente na Biblioteca do GACEMSS (BG), na Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília – Volta Redonda-RJ. Visite-nos!

Acervo

O acervo é constituído exclusivamente por obras de autores da região. Ele está divido em duas categorias: *Coletâneas* e *Livros Solo*.

O principal destaque são as coletâneas do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos), fundado em Volta Redonda em 1975, e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras), fundado em Barra Mansa também em 1975. Esses grêmios produziram, ao longo de mais quarenta anos, inúmeras coletâneas com textos em prosa e em verso de muitos autores da região. Em 2021 recebemos mais edições de coletânea do GLAN e do GREBAL, além de antologias

A coleção de livros solos, obras fechadas com um ou mais autores, reúne desde obras contemporâneas, doadas pelos autores, até livros raros, com edições esgotadas. Em 2022 recebemos títulos mais recentes de autores, notadamente acadêmicos da AVL, como do poeta Giovani Miguez, do escritor Rodrigo Hlavys, Edmilson Naves, Angeli Rose, e José Huguenin. O projeto "Poesia de aço" tem aberto espaço para novos poetas que cederam suas obras para BAVL: Marcorelio Fortini e Doracineia Feijolo, Além de títulos do Escritor e pesquisador Pedro Alberice e do escritor Eduvaldo A. Ferreira.

O acervo atual conta com 105 títulos e 132 exemplares de livros solos e 55 títulos e 104 exemplares de coletâneas, notadamente do GLAN e GREBAL, totalizando 160 títulos e 236 exemplares.

Consulte o acervo da BAVL em: https://www.avl.org.br/acervo/

Para fazer uma doação, os livros podem ser entregues na secretaria do Gacemss ou a um membro da AVL. Para fazer contato, escreva para contato@avl.org.br .

REVISTA

arigó

Projetos & Entrevista

Projeto "Poesia & Ponto"

Por José Huguenin[1]

No fim do ano de 2021 o secretário de cultura Anderson de Souza chamou a Academia Volta-redondense de Letras para uma reunião que daria início a uma parceria que tem legado importantes frutos à cidade. A presidente à época, acadêmica Mércia Christani, contou empolgada a receptividade aos projetos da academia e o convite feito pelo secretário para fazer a curadoria dos textos do projeto Poesia & Ponto, da Secretaria Municipal de Cultura, missão que a AVL abraçou com grande paixão e responsabilidade. Lançado no início de 2022, quando tive a honra de assumir a presidência da AVL, assumi com muita empolgação a responsabilidade de coordenar o edital de seleção de textos.

Espalhar poesia pela cidade... unir palavras às cores que já começavam tomar conta dos muros da cidade e pela Galeria Zélia Arbex, sons e notas musicais em espaços públicos... a arte começava a ocupar novamente as ruas... e a literatura, a poesia, não foi esquecida, não foi deixada de lado, mas elevada, levada aos pontos de ônibus onde na pressa do dia-a-dia passamos e podemos ver, um relance, palavras que nos enchem o coração... Ver o resultado desse projeto em painéis que colorem e aquecem quem chega, quem sai, quem passa... ver a poesia nas artérias da cidade, ao alcance de todos, onde ela, a poesia, nasceu para estar: no olhar e coração de toda gente. Eis a essência deste projeto. Levar a arte a todo lugar.

Pensamos que por se tratar, em um primeiro momento, de pontos de ônibus, onde se está de passagem, deveríamos ter textos curtos que pudessem ser lidos na correria dos dias. Assim, foi determinado o limite de seis versos. Poderiam ser enviados poemas curtos, algumas formas fixas como haikais, aldravias, trovas, mas também deixamos a possibilidade do envio de trechos de poemas. O objetivo era divulgar a poesia e os poetas de Volta Redonda, residentes no município ou nascidos aqui morando em qualquer canto do mundo.

Para a seleção constituímos uma comissão julgadora que fez a avaliação às cegas, ou seja, os avaliadores receberam apenas o texto, sem nome de autores. Essa comissão foi formada por Membros Correspondentes da AVL, a poeta, doutora em letras, Angeli Rose, da cidade do Rio de Janeiro, e os escritores e poetas Alexandre Diniz e Edmilson Naves, da cidade de Resende. Logo, a comissão avaliadora foi totalmente externa.

Os textos selecionados foram enviados à Secretaria Municipal de Cultura, que providenciou a arte e a fixação deles nos pontos de ônibus.

[1] Presidente da AVL, organizador do E-book "Poesia & Ponto 2022". Texto de apresentação da obra.

A SMC convidou, também, instituições a participarem como convidados. Assim, temos também textos de poetas acadêmicos da AVL.

A AVL desde 2015 é cadastrada como editora e tem editado livros que registram a produção de seus acadêmicos e, mais importante, diferentes produções literárias de autores da cidade de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense. Dessa forma, incluímos no edital a proposta de edição em livro eletrônico com os textos selecionados. Isso permite eternizar o projeto, fazer um registro que nunca se perca deste primeiro de muitos, esperamos.

Ao preparar a diagramação do livro veio a ideia de incluir as imagens dos textos nos pontos. Além da força do texto, fica também registrada a beleza estética, o efeito festivo e acolhedor que a poesia oferece nesse projeto. Vale destacar o design harmonioso dos painéis que, além de belo, valoriza o texto, a palavra. Não compete com o poema. Emoldura. Apresenta.

Este livro fecha o projeto que, agora, poderá ser sempre visto, lido, vivido... Para nós da AVL é motivo de muito orgulho e felicidade pois está no âmago de sua missão registrar, divulgar e incentivar a produção literária da cidade.

Cara leitora, caro leitor, passageiros da vida, que a poesia esteja em todos os pontos de sua viagem neste planeta lindo... que precisa de mais poesia.

O livro pode ser baixado gratuitamente em
https://www.avl.org.br/livros/

Projeto *Literatura de Volta Redonda*

José Huguenin[2]

Em 2022 a Academia Volta-redondense de Letras deu início a projetos importantes, alinhados com sua missão de registrar e divulgar a produção literária de Volta Redonda. Entre eles, o projeto "Literatura de Volta Redonda", em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura (SMC), que pretende fazer o registro de autores e autoras da cidade do aço, começando pelos precursores, já não presentes entre nós.

Iniciado em junho de 2022, o projeto foi coordenado por um grupo de trabalho (GT) formado pelo(a)s acadêmico(a)s José Huguenin, Leonor Vieira-Motta, a ex-presidente Mércia Christani, e o Coordenador Editorial da AVL, Jean Carlos Gomes. O formato desse projeto foi definido como um encontro mensal, sempre na última quinta-feira do mês, às 14h na Biblioteca Municipal Raul de Leoni (BRL). O GT elencou os nomes da temporada 2022 e, nesse encontro, para cada autor(a) homenageado(a) apresentou-se pequena biografia, foram lidas das obras ou trechos de obras, relatos de escritores presentes, familiares dos homenageados, o que garantiu, sempre, um toque de emoção.

Graças a parceria com a SMC, foi possível a gravação de cada evento e sua edição em vídeos curtos. Esse projeto/formato motivou a criação do Canal da AVL no YouTube, onde os vídeos com a apresentação do(a)s autore(a)s está disponível a todos. Com isso, a população da cidade e interessados no mundo todo podem conhecer mais sobre a literatura produzida em Volta Redonda. Esse formato tem o objetivo de aproximar interessados, fazer com que a população conheça autoras e autores de forma leve, despertando o interesse pelos artistas apresentados. A realização dos encontros na BRL também aproxima os participantes das obras produzidas na cidade e região através da coleção de autores regionais, projeto da Acadêmica Raquel Leal enquanto titular da Cadeira de Literatura do Conselho Municipal de Cultura.

Além do mais, o projeto permite a criação de uma agenda literária onde se possa discutir, conhecer e divulgar a produção da cidade. A criação desse espaço supre importante demanda cultural até aqui não atendida: um espaço de discussão e registro de autores e obras. Cumprindo esta agenda estamos contribuindo, em sentido último, com o incentivo à leitura e à escrita.

Vamos apresentar agora os autores e autoras apresentados em 2022!

[2] Presidente da AVL, idealizador do projeto e Membro do Grupo de Trabalho "Literatura de Volta Redonda"

Autora de junho de 2022

Maria José Maldonado, membro fundador da AVL, que em 2022 comemorou-se o centenário de nascimento. Foi uma importante escritora que incentivou a produção literária da cidade. Participou de forma ativa do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda) e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras)

Obras publicadas (Poesia): Cântico à vida (1967), Teia do tempo (1972), Dias habitados (1985), Perspectivas de Pássaro (1990), Navegante da Palavra (1998), Amor-Mundi - Antologia Poética (2008). além da participação em inúmeras antologias do GLAN e GREBAL.

Autora de julho de 2022

Dora Araújo, membro fundador da AVL, que em 2022 comemorou-se o centenário de nascimento. Professora (lecionou durante mais de 35 anos em educandários) e ex-secretária de Educação de Volta Redonda, Dora de Araújo da Rocha e Silva, 91 anos, morreu no dia 31 de outubro de 2013. Natural de Lorena (SP), Cidadã Voltarredondense, escritora e rotariana. Participou de forma ativa do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda) e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras)

Obra publicada: Comédias de uma vida (Poesia - 1998), além da participação em inúmeras antologias do GLAN e GREBAL.

Autor de agosto de 2022

José Luiz de Oliveira, membro fundador da AVL. Foi uma importante ativista literário da cidade. Fundador e primeiro presidente do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda) e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras)

Obras publicadas: Uma questão de cor (Romance, 1958 – considerado primeiro romance publicado em Volta Redonda), Poemas bíblicos e outros temas, Beija-flor (poesias), O homem que se casou com uma cadelinha branca (romance), Esposa de dois maridos (romance), além da participação em inúmeras antologias do GLAN e GREBAL.

Autora de Setembro de 2022

Eny Pinheiro, membro fundador da AVL. Gaúcha de Porto Alegre (RS), nascida aos 14 de fevereiro de 1925. Residiu em São Paulo, Rio de Janeiro e depois em Volta Redonda. Advogada, artista plástica, pianista e poeta. Dentre inúmeras distinções que recebeu, o Título de Cidadã Volta-redondense e Cidadã Pioneira de Volta Redonda. Participou de forma ativa do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda) e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras).

Obras publicadas: "Meus sonhos" (2001), "Resgate de amor" (2004), "Retratos da vida" (2005) e "Otimismo sempre" (2007), além da participação em inúmeras antologias do GLAN e GREBAL.

Autor de dezembro de 2022[3]

Pedro Viana Filho, membro fundador da AVL. Foi importante trovador, sonetista e poeta. Sua obra perpassou pelo lirismo e o humor. Recebeu inúmeros prêmios, inclusive a Láurea Internacional de Literatura, por intermédio da OICC (Ordem Internacional das Ciências, das Artes, Letras e da Cultura), em 2001. Participou de forma ativa do GLAN (Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda) e do GREBAL (Grêmio Barramansense de Letras), incentivando muitos novos poetas da cidade.

Obras publicadas: "Minhas trovas mais queridas" (1975), "Sonetos para você" (1976), "As maravilhosas parábolas de Jesus" (19993), "O mais seletivo humor evangélico" – Volumes 1 (1993), 2(1994), 3(1995) e 4 (1996), "Bolas de sabão" (1998), "Exaltação à Volta Redonda" (1998), "A arca do Rei Salomão"(2011), "A carta de Pero Vaz de Caminha" (2005) além da participação em inúmeras antologias do GLAN e GREBAL.

Assista aos episódios do projeto Literatura de Volta Redonda no Canal da AVL no YouTube.
Clique no link:
https://www.youtube.com/channel/UC3t7hfSOku4UGWUholNgjPA

Se inscreva no Canal e Ajude a Divulgar a Literatura de Volta Redonda!

[3] Não tivemos o encontro em outubro e em novembro devido à assembleia da AVL e jogo do Brasil na Copa do Mundo, respectivamente.

Projeto *Poesia de aço*

José Huguenin[4]

Volta Redonda tem uma tradição de grandes poetas, autoras e autores que deixaram um legado de grandes obras poéticas. A tese do grande poeta volta-redondense Giovani Miguez, o ser uma é uma animal poético. Alguns despertam o desejo de escrever. Outros, vivem a poesia nas coisas mais simples do dia a dia. A cena atual da poesia na cidade é estimulante com o surgimento de novas vozes. Podemos nos perguntar, quem são as poetas e os poetas da cidade do aço? Quem faz poesia entre as curvas do rio, a fumaça no ar e as limalhas no chão? É justamente essa pergunta que o projeto "*Poesia de Aço*" quer responder.

Esse projeto segue linha de divulgação da literatura produzida na cidade. Isso passa, certamente por divulgar as poetas e os poetas de Volta Redonda. Esse projeto é desenvolvido em parceria com o GACEMSS, o grande parceiro da AVL, e acontece sempre na segunda quinta-feira do mês, às 14h na Biblioteca Orlando Alvisi (BOA), do GACEMSS. É, portando, mais um espaço dedicado à literatura da cidade. A Curadoria da primeira temporada ficou a cargo dos acadêmicos José Huguenin, Raquel Leal e Elisa Carvalho.

São convidados até três poetas por episódio. Os poetas declamam poemas de sua autoria, escolhidos pelo(a)s poetas e respondem à pergunta "O que é poesia?". As visões do significado da poesia de cada uma e cada um, cada qual com sua história, suas motivações, formam um painel memorável de significâncias e aprendizado. Os episódios são filmados e disponibilizados no Canal da AVL no YouTube. O projeto tem pretenciosa missão de apresentar todo(a)s o(a)s poetas da cidade!

É previsto, ainda, depois de cada temporada, a publicação de um E-Book com os poemas declamados que serão disponibilizados gratuitamente no site da AVL, como mais uma forma de divulgação poética. Isso aproxima poetas e leitores.

Poetas participantes da Primeira Temporada

Anielli Carraro

Dio Costa

Doracineia Feijolo

Ed Zambroni

[4] Presidente da AVL, idealizador do projeto "Poesia de Aço".

Elisa Fleming

Francisco Carlos Góes

Jéssica Regina

Marcelo Brandão

Marcorélio Fortini

Mônica Melanie

Otávio Meloni

Raquel Leal

Sara Jane

Assista às temporadas disponíveis do projeto *Poesia de Aço* no Canal da AVL no YouTube.
Clique no link:
https://www.youtube.com/channel/UC3t7hfSOku4UGWUholNgjPA

Se inscreva no Canal e Ajude a Divulgar a Poesia da Cidade do Aço!

Entrevista com Circunlókios

A cena cultural de Volta Redonda e Região tem hoje no grupo Circunlókios um representante da vanguarda, da experimentação e do comprometimento social da arte. Música, poesia e performance andam de mãos dadas. Sua formação atual tem os fundadores Dio Costa e Giglio que, individualmente tem suas obras poéticas bem estabelecidas mas que, ao se juntarem, criam uma "persona Circunlókios" com uma poética destacada, diferente e mesmo independente da obra individual de seus integrantes.

A **Revista Arigó** não poderia deixar de registrar a potência poética e artística desse grupo. Para o formato desse registro pensamos que uma entrevista permitiria aos leitores se aproximarem mais das ideias do grupo. O convite foi aceito prontamente e, sempre na vanguarda, inauguram as entrevistas nesta publicação literário acadêmica.

Agradecemos ao Giglio e ao Dio Costa por prontamente atenderem ao nosso convite.

Confiram essa excelente entrevista que nos ajuda, também, a entender um pouco mais sobre o movimento artístico a região.

RA- Como nasceu o Circunlókios?

Giglio: depois da pausa do Sarau Poesia em Volta, na Toca do Arigó, assumi o espaço com um sarau temporário chamado Poesia Jah. Lá conheci o Dio pessoalmente e, com a Camila Gabriela, criamos o Sarau à Moda da Casa. Nasceu daí o Circunlókios.

Dio: Foi algo bem natural. Eu levava o violão, a Camila o violino e quem mais quisesse levar seu instrumento. O Sarau à Moda da Casa teve gente tocando, flauta, sax, guitarra... além do microfone aberto pra poesia, claro. Como Giglio, Camila e eu estávamos sempre presentes, tocando, cantando, falando, o trio se configurou antes mesmo de ter um nome.

RA – E o nome Circunlókios? É curioso, pois as canções, as letras, são muito assertivas, vocês não fazem rodeios com as mensagens, embora trabalhem muito o jogo de palavras.

Giglio: Dio sugeriu o nome, fazendo trocadilho com lógica, loucos e circular. Não me lembro se em alusão à Volta Redonda, ou à característica de circularmos por todos os cantos. E sim, ao menos pra mim, tem ligação com esse jogo de palavras. E isso de ser assertivo é um bordão meu: chegamos dando o papo reto!

Dio: Estávamos na minha casa. Lembro que procurávamos uma palavra que sintetizasse o que o trio era. Minha esposa, Morgana, abriu o dicionário e chegou na palavra circunlóquio. O primeiro significado não nos agradou (fazer rodeios, não ir direto ao ponto), mas o segundo caiu como uma luva: um caminho de palavras. Era o que a gente fazia: um caminho de palavras em movimento. Adicionamos o "s" ao final do termo e ainda trocamos o "qu" pelo "k". O "lóki" em Circunlókios tem um quê de loucos, sim, mas é também uma homenagem ao Lóki do Arnaldo Batista.

RA – O álbum "Notícias do bunker" faz um chamado, um apelo, poderíamos dizer, ao despertar de consciência. Lançado em um momento trágico do país durante a pandemia da COIVD-19. Como vocês veem as canções desse álbum agora em nosso país? O que ele pode nos dizer sobre o que virá pela frente com o resultado das eleições.

Giglio: A pergunta é a chave da resposta: nosso trabalho é muito a crônica do nosso tempo, retrato e radiografia do que acontece. Na pandemia, as bizarrices de Bozo, a ligação com o passado de ditadura militar, a violência e a narrativa fascista criada por esse governo neopentecostal fascista miliciano. Tava tudo ali. Eu prevejo um conflito que pode ser inclusive armado. Creio que precisaremos estar atentos e fortes, unidos e convictos de nossas posições

Dio: Não vai levar muito tempo e teremos pessoas querendo recontar a história da pandemia no Brasil. Dirão que não foi isso tudo, que não morreu tanta gente assim, que aquelas imagens de valas abertas a céu aberto eram fake news, que o governo agiu bem, etc. "Notícias do Bunker" foi feito pra gente não esquecer, por mais que doa lembrar aquele período.

RA – Os trabalhos do Circunlókios, além da lente crítica do mundo de desigualdades, tem uma linguagem poética muito autoral e vê-se claramente uma identidade mantém certa diferença com o que vocês dois produzem individualmente. Como nasceu essa persona poética?

Giglio: Na amizade, na admiração mútua e no que gostamos muito de fazer: Sarau. Tudo no improviso. Eu falo a intenção, a pegada do poema e o Dio improvisa no violão. Ou, como no álbum Notícias do Bunker: eu mandava o poema gravado e o Dio compunha em cima.

Dio: Talvez um dos baratos do Circunlókios seja essa diferença que existe entre o Giglio e eu. Para estarmos juntos nesse projeto, é claro que pensamos muita coisa de maneira semelhante, mas os tons são diferentes. Giglio é o poeta sem papas na língua, direto e reto. Eu tento amenizar a tensão do discurso político, mas *sin perder la ternura*.

RA - Além das palavras, as notas! As canções são muito bonitas e modulam as letras acentuando sentidos, sublinhando metáforas e sensações. Letra e música nascem juntas? Poemas são musicados? Vocês podem falar um pouco sobre o processo de criação?

Giglio: "Dio... toca um Blues pesadão!", "Dio... faz algo pra esse poema?". "Vou colocar um barulho". "Espera que vou inventar algo cênico ". E assim vai saindo.

Dio: Não tem muito uma lógica. Não sei explicar. Eu ainda me surpreendo com o resultado final. "Fizemos isso?". Temos noção da qualidade do trabalho, mas explicar o processo é bem difícil porque sai naturalmente. Palavras e sons estabelecem uma relação afetiva que apenas passa pela gente até chegar ao público.

RA- Como e onde os leitores podem acessar os álbuns, enfim, encontrar as obras do Circunlókios?

Aí vão nossos contatos:

Instagram: @circunlokiosoficial
Twitter: @circunlokios
YouTube: Circunlókios
Site: circunlokios.wixsite.com/poesia

Também estamos no Spotify: Circunlókios
"Notícias do Bunker", assim nossos outros trabalhos, estão lá no Spotify.

Giglio é artista que, desde a década de 80, atua em diversas frentes da Cultura de Volta Redonda.

É professor, ator, diretor, cenógrafo, iluminador de teatro, palhaço, pirofagista, artista de artes visuais, poeta e produtor.

Hoje tem dedicado seu tempo artístico ao Circunlókios e às atividades da Guerrilha Produções.

Dio Costa Nascido no Rio de Janeiro, é professor doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada com mestrado e pós-graduação em Literatura Brasileira (UERJ).

Como músico, integrou as bandas Radar e Lâmina Blue na cena musical independente do RJ.

Poeta, tem cinco publicações independentes: "Os Sete Espelhos Quebrados" (2007), "1,99 – Poesia até o último centavo" (2008), "#Vazão – Antes que seja depois" (2013) "Sarcáustico" (2015) e "Poemas de Amores" (2016).

Textos Literários

Verso

Margaritífera

Márcio Castilho
Volta Redonda - RJ

Eu leio poesia em voz alta
Para captar o ritmo, a cadência,
Tal como uma música
Que a musa tocou,
Tal como a canção
de um compositor.

Sim, eu leio poesia em voz alta
Para que ela se infiltre em todos os sentidos,
Seja olhos, boca, , olfato, ouvidos,
Seja tátil, palpável a arrepiar minha nuca,
Seja toda prosa, toda "*proesia*",
Seja toque, seja escuta,
Seja presença
Quando ausente estou,
Seja multidão
Quando só estou,
E quando sentida,
Seja amor.

A reconciliação

Robson Chaves
Barra Mansa - RJ

Busquei-a em outros abraços
Em outros sorrisos
Depois de sete longos meses, você voltou a falar comigo
Meu coração anseia pelo reencontro no plano físico
Sei que meu corpo queimará como fogo
Daquele sentimento que arde e tudo suporta
Estar novamente ao seu lado, é tudo o que importa

Sua

Yasmim Nascimento de Paula
Volta Redonda – RJ

Não quero ligações apaixonadas intermináveis depois do expediente
Não quero flores, firulas e floreios para me dizer o quanto de amor você sente
Quero seu beijo "despretensioso" ao acordar na ânsia velada de prolongar a despedida
Quero ser inteira nos seus braços e no teu cheiro que é sopro de vida
Quero ser sua lembrança na canção de amor ou no filme tosco que você sabe que eu ia chorar
Quero o segredo de te olhar dormindo e saber que todo nó que ainda existe vai desatar
Não quero que conte o tempo
Não quero que proponha um nome
Não quero juras da eternidade
Quero a eternidade do momento de nós dois
Quero o carinho gostoso do agora sem pensar no depois
Quero ser seu repouso e sua verdade entre as incertezas de tudo
Eu, que quero tanto ser sua
Eu, que há tanto tempo já sou.

De uma coisa eu tenho certeza

Yasmim Nascimento de Paula
Volta Redonda – RJ

Na fila que demora pra andar, os seus braços me aquecem inundando o peito de presença
E no caminho pra casa, os olhos vidram seu brilho que irradia em toda parte sua
Mas na verdade eu nem sei o que é você e o que sou eu nesse encontro
Nesse encontro que é esperado com tanta saudade, que é aguardado num cantinho especial desse não saber sabendo que tanto me atrai.
Eu não sei se você sabe mas eu amo os mistérios da vida
Assim como eu amo você
Mas eu não consigo dizer, então acho que você não sabe.
Isso não quer dizer que eu não tentei te contar outras vezes. Eu tentei, em muitas…
Mas os sons daquelas três palavrinhas serelepes que aguardam ansiosas para serem ditas por uma das partes pela primeira vez não conseguem sair da minha boca
Assim como aquela outra palavrinha, que no lugar de serelepe é tristonha. Sem despedidas mais uma vez
Beijo é. É melhor
Assim garanto que a energia dela não te espante e por ele eu quero de novo
Eu sempre quero de novo, né? Você sempre diz isso
E de novo a resposta vem na ponta da língua, mas não sai. Simplesmente não sai e eu não sei o porquê
Na verdade eu não sei de muitas coisas. Eu não sei, por exemplo, qual é a gravidade exata da terra, eu não sei o nome do deus que criou a receita do pudim, eu não sei quantas espécies diferentes de flores existem na Mata Atlântica e eu também não sei viver mais sem te esperar. Eu não sei também em quantos reais fechou o dólar hoje, ou quantos dias faltam pra eu te ver, eu não sei até que ponto o óleo e a água são componentes heterogêneos em analogia às relações humanas e nem sei te dizer todos os anagramas da palavra saudade.
Mas de uma coisa eu sei: de você
Posso dizer que é o que muitos chamam de amor, mas que pra mim é certeza. Saber… e simplesmente saber.
Eu espero que meu medo não te impeça de saber um dia
E que quando esse dia chegar não seja tarde demais.

Quando as asas crescerem novamente

Raquel Leal
Volta Redonda - RJ

Não eram parecidas.

Nunca foram, embora fossem da mesma antiga linhagem de mulheres que sabem amar exatamente como é o amor, um estado de libertação. Amam e continuam o amor, já que seus sobrenomes não desmentem o ato.

São três mulheres corajosas, embora a rigidez da educação primorosa recebida através da matriarca, antiga como o espelho da trisavó, não as deixassem completamente à vontade sem as malhas tecidas à mão.

Corpos femininos são sagrados feito santuários, só podem ser percebidos depois de muitos anos vividos e isso talvez custe a beleza juvenil coberta por finos bordados. Modernas, eram três mulheres atemporais. Paralelas aos tempos normais.

Foram enquanto puderam beija-flores apenas nos jardins da casa, parcialmente livres, parcialmente sonhadoras. Completamente livre, quem seria? A educação garantia disciplina.

Primas, talvez irmãs. Adotaram umas das outras o que lhes foi negado pela vida, ainda assim são totalmente diferentes em gestos e sabores de escolhas. Uma foi fazer medicina, outras duas, enfermagem, antes e depois de tantas outras coragens. Alguma resolveu ainda professorar, já que a dor das partidas não compensavam em si a alegria das chegadas.

Desabotoam as casas das blusas de flor com a destreza de quem serve à mesa, a delicadeza é quase igual alguma dor que não se perde.

Diferentes na caligrafia impressa em cada tom de cor, pois apertam a caneta em dedos e mãos de outras horas, destoam pouca coisa da paleta ancestral, sem jamais se esquecerem de quais são os bons costumes.

Cada uma delas se assustou, em tempos distintos, com cacos de vidro dispostos no chão cortando suas mãos. Duas na primeira infância. Outra em idade mais tenra. Em épocas diferentes, cortaram despropositadamente a mesma mão, parecendo a continuação da irmandade.

Os cacos ficaram no chão, elas não.

Não à toa se tornaram mães de si, mães de suas mãos usadas para louvar a vida. Tiveram em suas linhas de nascença outras escritas bordadas. Talvez por isso sigam costurando com suas mãos pedaços de histórias inacabadas. Vão se refazendo incansavelmente sem deixarem a essência bordadeira. Multiplicam com as mãos o amor
que aos poucos foi aprendido em amparo.

Dentro de mim

Elyane Lacerdda
Volta Redonda - RJ

Dentro...
Lá no fundo do peito

Moro "eu"
Assim quieta
Contida...
Sentida...

E extremamente sozinha

Eu que choro
Que sorrio loucamente
Que encanto
Desencanto
Iludo/desiludo

Eu
Somatório
De todas que vivem
Em mim...

Há tempo...

Denise Marques
Pinheiral - RJ

Nada se perdeu
Nada se apagou
Há luz naquele que acredita na força Maior
A busca pela vida existe quando há esperança
Não chore!
Tudo passará!
O mundo se transformará!
A busca pela mudança chegará!
A humanidade despertará!
Jesus veio nos alertar
Que assim não dá para continuar
Precisamos melhorar
Abrir o coração
Para a cura então chegar
No espírito se concretizar
E mostrar que sem amor
Não dá para ficar
Somente Ele nos dará a chance
De um novo mundo reformar
Está nas nossas mãos
O poder da união
vai passar!
Mas para isso precisamos modificar
E olharmos com atenção
Aquele que em oração
Pede não só pelo pão
Mas também pelo perdão
Hora de reagirmos
Não há mais tempo para lamentar
Descubra a sua missão
Aquela que um dia prometeu antes de sua concepção
Não perca tempo
As horas não voltam
Meu irmão!

Viver

Denise Marques
Pinheiral - RJ

Viver...
É como pisar em areia e afundar os pés
É não saber quantos quilômetros ainda tem para andar
Viver...
É olhar para o futuro
Mas não esquecer que o presente veste o amanhã
Viver...
É procurar o caminho sem desviar a rota
Viver...
É ter a confiança e fazer boas escolhas
Viver...
É se permitir mudar para diferenciar
É não se deixar abater pelo vento
É garantir o seu lugar na vida
Todavia é não se iludir nos atrativos efêmeros
Viver...
É ser campeão mesmo não chegando primeiro
Sua torcida está em você mesmo
Quando aprende a lidar consigo
Nada mais o impede de seguir
O céu é o seu limite
Luta com a vitória nas mãos
Estar presente já é gratidão
Vida que sempre sonhou na imensidão
Olhou para Terra no instante que afloravam suas emoções
Não teve dúvida decidiu pousar
Saiu para a largada sem temer os desafios
Viver...
É aprender a se corrigir
É amadurecer
Se descobrir
Se permitir
Sem medo e com fé
Viver...

É ter esperança
É virar a página com delicadeza
Mesmo sem saber o fim da história
É confiar
Na oportunidade de poder voar
Sem negligenciar o voo
Aterrissar com gentileza
Com os pés firmes
Em tudo que veio buscar
Viver! Viver!

É preciso ir além

Guilherme Tadeu Costa da Cruz
Volta Redonda - RJ

Além do braço
E do cansaço
É preciso ir além do estilhaço
Maço, faço, ato
É preciso ter tato

Me fragmento
Intento
Esquento
Esqueço
Desconheço
Me enfrento

É preciso ir além do humor
Da dor
Do pavor
Do horror
Sem soçobrar,
Alavancar
É preciso continuar

Me perco
Escorrego
Me quebro
Sou um treco
Eco
Sou esperto
Me levanto
É preciso ir além do abraço
Do beijo
É preciso ir além do sexo
Conecto
É preciso ter nexo

Me zonzo
Tonto
Me estranho

Há dentro de mim
Eu, mim e o mesmo
É preciso ir além do eu
Para ser mim e o mesmo
É preciso ir além do mim
para ser eu e o mesmo
É preciso ir além do mesmo
Para ser mim e eu
Quando eu e mim
Não mais brigarem
Se estacarem
Blasfemarem
Enganarem
É preciso ir além de mim
É preciso ser além deles
É preciso não ser eu
É preciso ganhar além do mesmo
É preciso que eu, mim e o mesmo
Não seja ele, vós e outros
Mas, que sejamos além disso
Que sejamos nós.

Outros tempos

Marcio dos Santos Medeiros
Vassouras - RJ

Dos tempos de outrora,
saudades tenho do canto das cigarras,
da água murmurando no ribeirão,
de palavras doces que acalmam.
Da sofreguidão
do mundo
em nada tenho saudades.
Saudades dos tempos,
dos quais era possível observar os pássaros
(que não são os de ferro),
escutar o farfalhar do mato,
o miado do gato.
Dispenso o tilintar
das moedas,
das buzinas
dos caminhões,
do choro velado
da selva de pedra...

Maturidade avançada

Deo Saraiva
Conservatória - RJ

Não permito que a velhice me domine
Que o tempo se enrugue e me encubra
Que a desesperança me fascine

Apesar da coluna dolorida
Em contraste com as juntas endurecidas
Meu pensamento é flexível, ágil e petulante
Os sentimentos são mais firmes que os passos vacilantes

Tornei-me dúbia com a tolerância
Rejeito o conformismo e relevo a ignorância
Enxergo longe a lábia sinuosa dos falsários
E não me envolvo em conflito desnecessário
Nem me esquivo do embate por meus princípios
Sei que há menos futuro do que o fardo do passado
Mas não me abato por ter de enfrentar a derradeira despedida

Vidas e planos soterrados

Sônia Gargia
Vassouras - RJ

Sob toneladas de aço e concreto
milhares de corpos foram soterrados,
fragmentados junto com vidros.
A nuvem de fumaça se espalhou em Nova Iorque
e provocou menos lágrimas do que a dor das
vidas perdidas.
Uma escova de dentes escovou o último sorriso.
Escovas de cabelo retocaram pela última vez
cabeças que tombaram.
Bilhetes de teatro voaram pelas torres gêmeas
junto com um encontro que nunca aconteceu.
Amantes se juntaram: o pé de um com o braço do
outro
num lugar comum: o saco de transportes mortuários.
De pedaço em pedaço, histórias de vida se juntaram.
Projetos financeiros de milhões de dólares,
negócios volumosos, cartões de cheques
com bolsas de mulheres, batons, cremes,
e sacolas de guloseimas com chocolates e crepes.
Tudo foi estilhaçado pelo terror.
Tudo voou pelos ares com muito papel planetário:
Documentos, livros, jornais, revistas e higiênicos
para nunca mais.
O último café da manhã cristalizou o momento!
Cabeças lavadas, perfumadas, prestes a ser soterradas.
Ternos e saias estreados, olhares, sorrisos,
o gosto bom dos sucos de laranja
e o leite derramado nos gestos e passos
para sempre carbonizados.
Bilhões de dólares deixaram de ser negociados,
outros bilhões voaram pelos ares.
Pensamentos e planos foram para o subsolo.
Tudo de repente acabou. Somente a nuvem de
poeira e dor continuou.
Quantos fizeram planos de comprar, viajar, mudar...

Quantos fizeram planos a curto,
médio e longo prazo?

"A falibilidade dos projetos humanos.
Eia agora vós que dizeis: Hoje ou amanhã,
iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e
contrataremos e ganharemos.
Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã.
Por que, que é vossa vida?
É um vapor que aparece por um pouco,
depois se desvanece.
Em lugar do que devíeis dizer:
Se o Senhor quiser, e se vivermos,
faremos isto ou aquilo.
Mas agora vos gloriais em vossas presunções:
toda a glória tal como esta é maligna."
(Tiago 4.13-16).

Cura e evolução

Camila Cabral
Volta Redonda - RJ

Quem dera meu o peito não doesse tanto
Fio de navalha, parte minha alma em dois
Prevendo o silêncio inerte do depois
Feito toada do vento em todo o canto.

Fada madrinha que perdeu seu encanto
ante a amplidão ao fundo, flores e arrebóis,
sozinha dançando roda em caracóis.
Resta meu som mudo, resta meu espanto.

Porque a multidão tornou-se ermo e vazio
e a solidão corrói feito ferrugem,
enquanto esquadrinho meu peito qual búzio.

Descubro na entranha só e selvagem
meu ser, renovado em fogo e topázio
Pois o que a vida requer é coragem!

Prosa

Aconteceu naquela noite

Conto
Assede Paiva
Volta Redonda-RJ

— Cheguei??!!
Vou começar desde *inhantes*...
Gosto muito de ler... desde os sete aninhos. Por que gosto tanto? Fácil, nós morávamos num lugarejo chamado Chapéu D'Uvas. E por lá passava a estrada de ferro: antiga Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB). Um empregado da ferrovia, guarda-chaves, apelidado Rio Novo, porque era originário daquela cidade, mas seu nome era Sebastião***, gostava muito de ler romances de Alexandre Dumas. Como eu tinha boas relações com ele, após a leitura ele me emprestava os livros. Em geral, eram grandes calhamaços, mas eu adorava os imensos volumes e traçava todos. Fiquei fã das histórias de capa e espada de Dumas. Certa feita, fui com minha mãe visitar parentes num lugarejo chamado Penido. Naquela família havia muitos meninos da minha idade, tendo um me chamado para soltar papagaio (pipa), ou jogar crica (bola de gude), recusei o convite, porque apanhara uma revista na mesinha da sala e estava lendo com sofreguidão uma história intitulada Um milhão de dólares para John L. destiny. Como a revista estava inutilizada pelo arrancar de páginas, não pude terminar a história. Muitos e muitos anos depois achei a revista com o título: Eu sei tudo, mas, já adulto, a história não teve o mesmo sabor do passado. Na minha vida, li milhares de livros e, agora, do alto da minha velhice, quase não leio mais. A idade me cansou, me derrotou; o cérebro já não metaboliza bem as palavras. Agora vou contar porque a leitura naquele tempo trouxe um grande problema para mim. Conforme enunciei, em nosso povoado passava a estrada de ferro e, naqueles tempos heroicos, era a única condução para irmos à cidade grande, no caso Juiz de Fora. Entre Chapéu e Juiz de Fora ficavam as estações: Dias Tavares, Benfica, Francisco Bernardino, Mariano Procópio. Pois bem, meu pai tirava leite e fazia queijos. No fim de semana levava os queijos para vendê-los a meu tio, Sebastião Leite, que os revendia, unitários ou fatiados, a fregueses, no seu armazém de secos e molhados, em Francisco Bernardino. Este título era novo: o anterior era Creosotagem. Um dia o meu pai viajou e fui incumbido de levar os queijos, acondicionados em um malão, próprio para viagem, não para queijos. Peguei o trem: uma composição mista, com vários vagões de carga e apenas dois de passageiros; um, de primeira classe; outro, de segunda. Paguei a passagem de segunda classe, por ser a mais econômica. O trem passava de madrugada, eu me levantei às cinco da matina para não o perder. Às oito horas já havia chegado à venda de meu tio Sebastião, em Bernardino (assim falávamos). Feita a entrega e recebido o pagamento, havia que voltar, mas o trem de retorno a casa, só passava às dezoito horas. Com muito tempo disponível, resolvi dar uma chegada ao centro da cidade de Juiz de Fora. Peguei uma jardineira (pequeno ônibus) e desci na rua Halfeld. Naquele o dia, o cinema exibia, em vesperal, às 14 horas, no cine Glória, o filme seriado: O falcão do deserto. Depois do filme, dei uma visitada nas várias livrarias: Zappa; Charutaria Campos e Dias Cardoso. Fui, também, a um sebo, cujo nome está escondido nas brumas da memória. Na Charutaria Campos, eu babei por não poder comprar livros de Ponson Du Terrail, nem Os Miseráveis, de Victor Hugo. Todavia, vi um livro de Dumas: O Castelo de

Eppstein. Comprei-o por ser versão reduzida, condensada e barato. Fui correndo para a estação do trem, para começar a leitura do romance. Faltava pouco para chegar minha condução que, segundo informaram, estava a caminho de Matias Barbosa e no horário. De fato, tudo deu certo: Embarquei às dezoito e trinta e, imediatamente, abri o livrinho e comecei empolgante leitura. Submergi no tema, entrei em quarta dimensão. Nesta hora, o mundo pode desabar sobre mim, que nada sinto. E o trem parava numa e noutra estação, eu sequer levantava os olhos, tão absorvido na história. O trem seguia o seu destino: Barbacena. Eu lendo... Cá e lá maus fados há. De repente, a locomotiva deu uma parada maior, eu levantei os olhos e raciocinei errado: num relâmpago pensei: fim de minha viagem. Cheguei não... Corri para a plataforma do vagão... e saltei. Piuíií, a locomotiva apitou e partiu. Vi as luzes do último vagão desaparecerem na curva num socavão. Para meu espanto e decepção, saltara na estação errada: estava em Dias Tavares, a quatorze quilômetros do meu lar. Eu, patético, segurava a imensa mala naquela estação deserta. "Que fazer?" pensei. "Que fria!" Hoje, eu diria: "Tô lascado, paguei mico!" pernoitar ao relento não era opção. Decidi e pus-me a caminhar no leito da estrada, afora. Anoitecia rápido, e o invólucro da noite, sem luar me trouxe muito medo. Caminhei e caminhei. Ao passar perto de casas de trabalhadores de soca de linha, vários cachorros vieram latindo furiosamente em minha direção: vira-latas bravios. Olhei para um lado e para outro, estava sem arma para espantá-los. Meu recurso último foi derriçar minha mala em semicírculos sobre eles que, assustados, voltaram aos seus terreiros e sempre latindo. A essa altura eu tremia. Continuei a viagem. Meus Deus! Estava muito longe. Cheguei à casa do feitor da linha e pedi pousada. Ele negou, mas me disse que mais tarde passaria o rondante, e eu seguiria com ele. Sentei-me sobre material ferroviário: placas de apoio, pregos, parafusos, grampos, porcas, talas de junção e pedras, à beira da linha. Esperei. Felizmente, o rondante não demorou. Segui com ele. Boa pessoa, ele era. Após meia hora de caminhada aproximamo-nos de uma casa humilde que ele me disse ser de sua mãe e que ia dar um alô. Eu o acompanhava sempre. A dona da casa me tratou muito bem e ainda fez um cafezinho para mim. No primeiro gole, senti uma formiga doceira na minha boca. Tomei goles generosos, tentando engoli-la, em vão, ela teimosamente aninhou sob minha língua. Café no buchinho, pé no caminho. Despedimo-nos da boa senhora e, na primeira moita de erva-cidreira que vi, cuspi a formiga. Reiniciamos a jornada. O rondante levava sua senha: um pedaço de pau com um número inscrito, para trocá-lo com o seu companheiro, quando se encontrassem. Notei que numa das mãos trazia a lanterna e noutra, um porrete de pau-mulato, bem encorpado, além de uma pistola na cintura. Numa curva enlodaçada, um bicho, ou lobisomem de olhar sanguíneo pulou na direção do rondante. Ele negaceou, deu uma paulada e outra e outra. O bicho desviava e avançava. Então, o rondante puxou da garrucha .380 e atirou duas vezes no animal esquisito que, após estranho rosnado, pulou na matinha, ao lado da ferrovia. Por algum tempo, ouvimos o barulho do animal roçagar nas pequenas árvores e no capinzal. Suspirei ou suspiramos aliviados, mas eu estava arrepiado da cabeça aos pés. Daí em diante, ficamos em silêncio. Na metade de caminho, encontramos o outro rondante. Após os cumprimentos de praxe, trocaram senhas e eu continuei com o novo companheiro. Este, já meu conhecido, antigo morador em Chapéu D'Uvas. Às duas da manhã chegamos à estação de Chapéu. O rondante me deixou só. Talvez um quilômetro ou pouco mais me separava de minha casa. Eu tinha que passar pela caixa d'água, onde as máquinas a vapor abeberavam antes de subirem a Serra da Mantiqueira.

Meses antes acontecera grave acidente, uma tragédia. Lembro-me claramente: Era de tarde, eu passava perto da caixa d'água, enquanto o manobrista orientava o maquinista no vaivém de manobras, para desviar a composição para linha secundária e deixar alguns vagões para

levar gado de corte. O manobrista tinha que mover o aparelho de controle manual (AMV) para mudar a agulha da linha e, assim desviar o vagão para via secundária. Ele o fez, mas se esqueceu de tirar o pé. Sua botina ficou agarrada entre a alma do trilho, a boleia e a agulha. Ele deitou-se o lado, sobre as pedras e, o vagão, em movimento, cortou-lhe as pernas acima dos joelhos. Eu vivi tudo isso. Foi horripilante: gritaria e pedidos de socorro. Pegaram o mutilado e o levaram à estação à espera do trem rápido (R-1), para interná-lo na Santa Casa, em Juiz de Fora. O R-1 parou, abriram um vagão de carga, e puseram o infeliz entre lençóis brancos, e, em minutos eles ficaram vermelhos de sangue. Meu Deus! O homem morreu antes de chegar à cidade. Desde então, há quem diga que, em noites claras, um fantasma grita por socorro perto da caixa d'água: é a alma do manobreiro. E eu tinha que passar lá. Sem opção, corri e abaixei a cabeça, olhos fixos nos pés, sem olhar para os lados, para não ver o fantasma. Meus cabelos se arrepiaram, minha pele se enrugou. Cheguei a casa esbaforido. Ninguém ficou com pena de mim; ficaram chocados e indignados com minha história e me deram uma coça de relho como lição.
É... foi uma noite inesquecível.
Quem conta um conto, acrescenta um ponto. Tal é a lei.

Aparelho de controle manual de via (AMV)

Chapéu D'Uvas – Juiz de Fora – MG

Estação abandonada, janeiro de 2010

Estação de Chapéu D'Uvas. Inaugurada em 1877. Acima: Dístico Chapeo D'Uvas (grafia antiga), que ainda existe.

Antiga caixa d'água de Chapéu, para abastecimento das locomotivas a vapor. Inaceitável abandono

O toureiro

Conto
Assede Paiva
Volta Redonda-RJ

Viver é perigoso
(Guimarães Rosa)

O poeta é como o toureiro. Precisa viver medindo forças com a morte ou não vive.
(João Cabral de Melo Neto)

Naquele tempo, em Paula Lima, um Distrito de Juiz de Fora, Zona da Mata, nada acontecia e a vida monótona escorria seus dias de sol ou de chuva. Uma vez por ano, no mês de Maria, havia a festa de Nossa Senhora de Assunção. Eram três dias de missas, leilões, bailes, foguetes, procissões e barracas. Também havia jogatina: víspora e roleta paulista. Uma vez, seu Minga Leite, parente próximo, jogador compulsivo, perdeu todo o dinheiro que tinha; daí, sacou do revólver e descarregou-o na banca de roleta paulista, como se ela fosse culpada pela sua falta de sorte. Seu João era pavio curto: por dê cá aquela palha ele arranjava confusão. Pois bem, eventualmente, muito raramente apareciam por lá ciganos e abarracavam uns dias, negociando tralhas, enquanto suas mulheres liam a buena dicha dos incautos. Depois de darem mantas nos ingênuos moradores do lugar, trocando/baldrocando cavalos sonsos por bestas boas e ainda levando troco. De uma lua para outra, levantavam acampamento e partiam para algum lugar mais próspero, para mais barganhas ou baldrocas (na língua disgramada deles). Desta vez, foi diferente: ficaram um pouco mais, construíram palco para teatro mambembe, trouxeram balancins, estande de tiro, e uma arena para touradas, mediante ingresso pago. A arena era muito simples, mas forte o bastante, para que os touros não se arremetessem contra ela. Eles, os ciganos, solicitaram aos fazendeiros locais que trouxessem os animais mais bravios para realização de touradas. Alguns atenderam às solicitações e cinco novilhos foram postos em um curral anexo à arena. Enquanto isto, faziam o que mais gostavam: baldrocas e venda de colares de "ouro", que chamavam sonacai. Também consertavam tachos furados e vendiam panelas de cobre. As mulheres ciganas percorriam as casas lendo a "sorte" e, nisso eram muito boas. Num domingo de muito sol iniciou-se a tourada. A multidão de pagantes encheu a arquibancada. Homens, mulheres e crianças gesticulavam e gritavam, enquanto comiam seus sanduíches e pipocas. Ao meio-dia, dois toureiros ciganos adentravam na arena, e um terceiro abriu a porteira do curral dando liberdade ao touro, marruco, que entrou bufando e raspando a terra com as patas. O toureiro segurava um pano retangular, de cor vermelha, gesticulando à esquerda e direita para provocar o animal. Não pensem em touradas na Espanha. Em nossa terra tudo era simples, rústico: não havia clarins, nem lenços acenando, nem vestes brilhantes. Pois bem, o animal avançou e o toureiro, esperto, desguiou. O touro

retornou ao ataque, e o toureiro subiu no cercado, escapando de bela chifrada. Isso aconteceu algumas vezes, até que o toureiro o distraiu, enquanto o segundo o agarrou pelos chifres, e o terceiro pelo rabo. Sacudido com violência, o touro caiu. Vitória. Palmas da plateia. O touro foi guiado de volta ao curral. Não havia espadim para matá-lo nem era esse o caso. Antes de soltar o segundo touro, os ciganos fizeram um desafio: "Quem queria bancar o toureiro mediante uma gratificação? e mostrar a coragem? Um jovem, candidato a herói a fim de agradar as mocinhas presentes, se propôs a tourear. Entrou na liça e esperou. Soltaram o segundo touro. Quem não pode com a mandinga não carrega patuá. O jovem aprendiz até se mostrou ágil em se livrar das aspas encapsuladas, mas a sorte não durou muito: ao tenta subir o cercado, caiu e foi espremido contra a cerca da arena. Deu um grito lancinante e desmaiou. O touro prosseguiu o massacre, esfregando com a cabeça e os chifres o rapaz, desmaiado contra a cerca, até que dois toureiros intervieram e conseguiram levar o touro ao curral. O infeliz candidato a toureador foi carregado para fora da arena. Alugaram o carro de José Lopes para levá-lo à Santa Casa, em Juiz de Fora. Aí, seu João retorna à história. Ele, além de jogador, era mulherengo, digamos mau caráter. Certa feita, ele e um sargento, aposentado, da polícia militar de Belo Horizonte, estavam em disputa por uma leviana, ou melhor, "mulher de vida fácil". O apelido dela era Lolota, doidivana. Os desafetos encontraram-se na venda de "sô" Lino e tiveram violenta discussão. O sargento não levava desaforo para casa e estava armado com uma .45, sacou a pistola e deu cinco tiros em seu João. Antes avisou: "Cê qué morrer, não é"? As balas entraram e saíram pelo corpo de seu João como que passeando e fizeram um estrago. Todos sabemos que pistola calibre 45 é para matar elefantes. Seu João teve sorte: não morreu. Foi levado para a mesma Santa Casa onde estava há meses o candidato a toureador. Por falta de vagas, ficaram provisórios na mesma UTI. Eu fui ver seu João, que, naquele dia, estava sofrendo um procedimento médico, com imensa agulha cravada nas costas, e o médico puxava o êmbolo, sugando sangue pisado dos seus pulmões. "Gente ruim não morre ou talvez tenha muita sorte". Seu João sobreviveu. Enquanto convalescente, via e ouvia os médicos examinando o toureiro, sem muita esperança; ele, realmente agonizava. Tinha sonda nasogástrica; sonda na bexiga, donde escorria sangue coagulado e urina; ventilador pulmonar; eletrocardiógrafo e oxímetro no dedo. Os braços estavam engessados e a espinha quebrada. Imóvel, em decúbito dorsal permanente; gemia dia e noite: um gemido arrastado, fundo, sofrido, impedindo o colega de dormir. Seu João ficou com muita pena dele, e, também muito irritado. No dia em que teve alta, aproveitou o momento a sós com ele, fez o sinal da cruz e cortou o fio do tubo de oxigênio. Ah, maldade... ou piedade... ou caridade...

Uma dose de coragem, meu consagrado

Crônica
Guilherme Tadeu Costa da Cruz
Volta Redonda - RJ

Fugindo da chuva, ligeiramente molhados, Jonas com cabelo encharcado e eu com a gola da camisa enxovalhada, arrastamo-nos para um bar, quando ouvi, para minha (in)conveniência – sou muito indeciso- a pergunta de Jonas "Vamos parar nesse bar aqui mesmo?" seguindo o caminho acabei respondendo "Pode ser, não me importo pra onde vou" e tive como réplica "Pior que não saber de onde vem é não saber pra onde vai". Já tinha me acostumado com meu amigo e sabia que vez ou outra ele soltava uma dessas, afinal um filósofo sem retóricas não é um filósofo e, às vezes, pouco se importava com o que pensariam do que dissesse. Sentados enquanto conversávamos demoradamente e alternávamos entre uma golada no colarinho e uma recordação gostosa, atentei-me ao fato seguinte: um rapaz, um pouco alto, cabelo molhado assim como a barba (um pouco falhada), caminhava – não sei dizer ao certo a razão – em baixo do dilúvio desavisado que despontara, precisamente, às 10:15 horas da manhã daquela quinta nublada. Por algum motivo fixei minha mirada no mesmo e quedei-me perpetrado até que, depois de certo tempo, virei meu olhar e percebi que todos haviam feito o mesmo e, de repente, tive uma catarse.

Dos estalos repentinos que nos costumam ocorrer, intrigante foi este: não temos medo do desconhecido ou do perigoso, temos medo da coragem, sim da coragem. Curioso, não?! Os que nos cercam podem efetivamente averiguar o contrário em suas múltiplas e facetadas experiências de vida, entretanto, não querendo contrariar o empirismo, o convite se torna a reflexão do medo consciente. É óbvio que ao ouvirmos algum barulho provindo de um local escuro, que nos pareça estranho, sentiremos um calafrio tendencioso, que sentiremos nosso coração bater mais rápido ao ouvir tiros ou ficaremos receosos com uma situação de perigo iminente, pois não é destes calafrios que temos a nos indagar.

Os questionamentos referentes voltam-se aos olhares apressados e julgadores para um menino que enquanto todos (embora voltando da praia) se escondiam da chuva, ele caminhava, olhando para os céus, como algo que lhe desse um pouco de frescor ante a uma seca duradoura em sua vida. Olhares esses desafiadores, afinal o que é mais desafiador que pôr à prova o senso comum?! Talvez nestes mesmos pontos focais estivessem inscritos os inúmeros atos/conversas/broncas recebidas durante anos de que "vai ficar gripado", "pode se resfriar" ou "foi assim que seu tio pegou pneumonia e morreu", os olhos não miravam o poema que o menino fazia enquanto caminhava feliz pela chuva, porque fixados a múltiplas ideias se fecharam a qualquer poesia que o momento pudesse lhes trazer, como corações cheios de areia que se recusam a qualquer nova chuva de amor. Era de se

reconhecer aqueles olhares, eram os mesmos endereçados a alguém que mesmo errando inúmeras vezes, não desiste, que assume sua orientação sexual, que faz um discurso convidando ao amor em tempos de cólera, que resiste, - são loucos, vagabundos, escória da sociedade - assim são chamados porque tornaram-se aquilo que seus juízes ainda não conseguiram ser: corajosos.

O que mais amedronta, embora existam os insondáveis perigos cotidianos, não é a ameaça iminente, mas a coragem resplandecente, a ideia de crescer em seus próprios ideais, de se aceitar por si mesmo sem a correspondência dos que lhe veem/ouvem ou falam causa medo, porque, em regra geral, a coragem é muito mais ameaçadora que balas, as últimas, por sinal, são usadas apenas para que a primeira não continue existindo (pobres tolos, ideias e sentimentos não são da vida como algo pertencente a ela, mas propriamente ela), tudo que evolui, se modifica, precisa do primeiro passo, da tentativa, da persistência, desde os unicelulares aos mais complexos organismos conhecidos. As revoluções, filosofias, ciências, artes foram, obviamente, escritas nas longas e tortuosas contrações da gestação da humanidade que vive parindo a si mesmo, mas a coragem foi e continua sendo o suspiro necessário para um novo ser de criações e o leite para seu prosseguimento.

O menino andando na rua era apenas um menino, um jovem, talvez triste, mas, com certeza, corajoso e motivado pelo sentimento de descobrir, descobrir aquilo que há dentro de si e, possivelmente, a chuva foi o refrigerante em sua retífica de pensamentos, porque um dia (pelo menos não naquela hora) ele buscou ser aceito, pode ter escrito um texto ou, quem sabe, um poema, mas ficou com vergonha de postar por medo do que iriam achar, ele só não entendeu que o problema de ficar frenético na questão do que vão achar do que faz é, muita vez, ficar perdido em si mesmo, tentando achar algo que lhe diga mais que um mero texto. Provavelmente foi rejeitado pela namorada ou não conseguiu aquilo que tanto almejara – ahhh, menino, a coragem também está em aceitar que as situações ruins existem e que temos capacidade seguir em frente, afinal coragem não é para os fortes, quão forte alguém seria sem ter nenhuma fraqueza?!

A coragem não é mãe da indisciplina, mas deve ser sempre companheira da responsabilidade, como quem lhe dá as mãos e diz que se o que temos a oferecer é vantajoso para o bem comum (mesmo que esteja contra o senso comum) devamos oferecê-lo, no hospital terrestre os próprios pacientes e médicos se distinguem somente pelo dinheiro e como se vestem (como se isso os fizessem superiores), mas todos tem algo a ofertar a fim de tratar a doença. Os médicos, dos diversos, que atravessaram o mundo cada um com suas corajosas técnicas de tratamento, alguns escrevendo, outros pintando, discursando, limpando, administrando, resistindo, amando, servem como motivo de continuar a caminhada, como trampolins da coragem a nos encaminharem nas dificultosas veredas da vida. Mas, receamos porque dar um passo à frente exige o desconhecido, exibe pra nós as consequências futuras, pede-nos encarar os olhares sem compreender que, embora as críticas ser-nos-ão importantes à medida que nos constroem dos que sinceramente tem esse desejo, os verdadeiros olhares aterradores são da consciência que se desnuda e cada vez mais pede que nos movimentemos, que saiamos do útero onde sempre estivemos protegidos e, como qualquer parto, todo primeiro passo dói, mas a pior dor é viver no medo de não dá-lo.

O menino agora atravessava a rua enquanto alguns poucos continuavam a encarar-lhe o fato de estar com a blusa molhada e continuar caminhando – entretanto, do que lhe adiantava parar agora?!- o necessário era buscar se secar, ele continuava a caminhar em uma direção, uma meta traçada. - Naquele ponto entendi- ele não era simplesmente alguém a caminhar, representava verdadeiramente todos nós e nossos anseios, levava com ele nossos olhares de susto e desaprovação e deixava conosco a vontade firme de falar (com devido cuidado) o que deveríamos ter dito a muito para fulano, de comprar (com displicência) o que tantos queríamos, mas tínhamos vergonha, deixava o rapaz a firme vontade de sermos nós mesmos e a coragem de nos parirmos, mais uma vez, de nós mesmos, de deixarmos a chuva cair, acima de tudo, deixá-la molhar. Afinal, a coragem não é algo que se toma ou se pede, como gostaria de chegar à mesa e pedir "Uma dose de coragem, meu consagrado".

Depois de emergir de meus pensamentos voltei minha face em direção a Jonas e, finalmente, respondi-lhe: "Vamos sair? A chuva parou e queria caminhar na praia" Ele concordou comigo e, no momento que ele levantou-se (logo após termos pagado o garçom), ficou curioso em sabermos pra onde iríamos, naturalmente respondi-lhe que" Na direção do farol" Ele sorriu pois percebeu que a frase dita antes havia feito efeito e comentou "Agora sabemos pra onde vai" e, finalmente, lhe disse "Podemos saber de onde viemos, para onde vamos, mas isso pouco importa senão dermos o primeiro passo pra sairmos de onde sempre estivemos". A ordem do jogo virou e agora ele, talvez, fosse ele a esperar que alguém atravessasse seu caminho e lhe enchesse de coragem pra me responder o que havia refletido.

Vício

Conto
Edmilson Naves de Oliveira
Resende - RJ

A vida é dura com as pessoas e os sentimentos têm razões que a vida desconhece. Roberto era um trabalhador da área financeira e tímido. Quase todas as pessoas tímidas estão propícias a terem vícios, porque quando os conhecemos eles nos transmitem um ar de depressão. E por anos Roberto passou atrás de um balcão de repartição e no fim de cada expediente nunca ia direto para casa, sempre passava no bar na quadra de trás do prédio da receita e depois de duas horas na sua maioria voltava para casa para lá de Bagdá como um ditado antigo. Num apartamento que ficou de herança dos pais, ele vivia sozinho com suas latas de salsichas e almôndegas, e em cada canto da casa havia uma garrafa de vodca, vinho ou de uma cachaça barata.

Com certeza estava um alcoólatra e para a repartição em que trabalhava estavam no limite com sua situação, já tinha passado alguns meses por uma consulta no psicólogo a pedido e agendado pelo seu chefe de repartição e o especialista havia passado remédios como calmantes, antidepressivos e antiácidos. Durante duas semanas seguiu à risca a receita e a dieta, mas no fim voltou-se para o balcão, se sentia bem numa conversa com um amigo ou uma conversa com uma nova pessoa que frequentava o ambiente. E nesses recintos não havia mulheres e a timidez estava constante no seu dia a dia, só amara uma vez na vida e já fazia tempo, como ele mesmo se perguntava às vezes.

Por que veio a mim e me fizeste escravo
Pois o amor dói e faz corroer o meu peito
E eu quero morrer aos poucos
Mas quero morrer sofrendo
Quero morrer de falta de amor
Quero morrer amando.

E ali estava o sentido ou razão da tentativa de demolição da estrutura harmoniosa que é o homem e sua realidade, onde um grande amor pode erguer ou enterrar uma pessoa. Roberto continuava a beber diariamente após seu expediente e a cada dia se sentia mal e toda manhã tomava vários antiácidos e até na hora do almoço passou a tomar uma dose e estava claro que os amigos notavam, quando seu chefe pediu seu afastamento e o encaminhou ao serviço médico e este o deu como dispensado por um período inicial de seis meses para seguir um tratamento pedindo sua internação imediata.

Roberto saiu do consultório médico e entrou no primeiro bar da esquina, pediu uma cerveja e sorriu, levou o copo na boca bebendo de uma vez o seu conteúdo. Olhou o ambiente e num canto uma moça sentada o olhava e ao cruzar seus olhares ela sorriu, ele

entendeu e na sua timidez foi até a mesa ela indicou a cadeira, conversaram um pouco e por fim ela se convidou a acompanhá-lo, pagou a conta e saíram em direção ao apartamento. Ele já tinha feito análise e tomado remédios por anos e nada aconteceu. Depois de duas horas sentados no sofá conversando e Roberto pela primeira vez falara sem parar sobre sua vida, estava com fome e não tinha nada pronto para comer, então ela se prontificou a fazer, abriu os armários e encontrou macarrão e carnes no congelador. No espaço de uma hora ela preparou um jantar e quando foi arrumar a mesa ela colocou dois copos e uma garrafa d'água. Ele entendeu o recado, comeram e conversaram até o dia amanhecer, quando o sol ameaçou despontar com seus raios no horizonte ela pegou a bolsa para sair, ele com os olhos marejados num ato de desespero segurou sua mão e ela entendeu o seu pedido que naquele momento não era para satisfazer um desejo carnal e sim um pedido de socorro para ajudá-lo a sair do poço no qual se encontrava e ela sem pensar entendeu que a vida tinha lhe sorrido naquela manhã e aquele homem a tinha salvado.

A vida de um simples volta-redondense

Crônica
H.P. Teixeira
Volta Redonda - RJ

Capítulo 1
Onde trato de apresentar-me

Olhando as árvores secas e o céu acinzentado eu percebia que o outono era a minha estação. O clima melancólico refletia o interior deste azarado homem, que aqui escreve. Cinco e meia da tarde, os ônibus passavam na estação enquanto dezenas de pessoas iam e vinham, aqui e acolá, preocupadas com seus problemas: um boleto para pagar, o carro que quebrou, a promoção no trabalho, a cerveja gelada no próximo final de semana; nada mais normal e compreensível. Queria eu estar assim também, ocupado com problemas corriqueiros. Mas eu estava no ponto de ônibus e naquele momento ele parecia ser o melhor lugar do mundo. Ali eu não precisava me estressar com o emprego que não gostava, ou culpar-me por ser incapaz de acompanhar a hipocrisia da vida moderna, onde tudo era permitido, desde que estivesse ao meu favor.

Levei dois esporros no trabalho, um bom número até, já me acostumara a ficar quieto e balbuciar monossílabos ou palavras solitárias "tá", "certo", "pódeixar"; ficava a rir sozinho. Engraçado era que enquanto os demais colegas de trabalho me olhavam com reprovação para apoiar a chefa, julgando-me incapaz e idiota por um erro que não foi culpa minha, e tirando-me o direito de defesa num satânico sentimento de soberba, eu não ligava, não ligava mesmo, não fazia questão sequer de manter conversa com alguém que pregava "ideologias políticas" ou que ousava dizer que não tinha filhos porque tal coisa atrapalharia a vida financeira. Aos meus ouvidos entravam bravatas como "alguma coisa 'imbecil'", "alguma coisa 'idiota'", "alguma coisa 'lerdo'" e eu mesmo quase não ouvia as frases completas, senão as ofensas, porque me sentia José Geral Vieira: incompreendido e melancólico ao notar a pichação de "morreu José Geraldo Vieira" em frente a janela de casa, e a total apatia das pessoas que passavam por cima do escrito. Ou ainda pensamentos mais distantes me vinham, como os heroicos lusíadas desbravando o mar desconhecido; Fernão Magalhães e a poética volta ao mundo; quem sabe a emocionante redenção e conversão de Santo Agostinho, que ao dar aos homens a confissão deu-nos também a capacidade de sermos melhores. Que barulho era aquele que me tirava o devaneio? Era o ônibus que chegava...

Levantei e vi no chão uma nota de dois reais. Recolhi-a feliz pela sorte e abri a carteira para tirar o restante necessário para a passagem. Quatro e vinte era o valor da passagem, mas minha carteira estava vazia, pois havia esquecido de conferir se tinha

pegado o dinheiro no bolso da calça que usara dia antes. Como disse um amigo meu certa vez "sorte no azar e azar na sorte". Eram trinta minutos de caminhada até em casa, não tinha problema, podia ir. Coloquei os fones de ouvido, uma música tanto romântica e melancólica, e saí, a levar gotas de chuva no crânio, pensando nos demais problemas que tinha.

Além do trabalho desagradável e desinteressante, tinha a faculdade. Faculdade federal. Fiz ENEM três anos seguidos para conseguir uma universidade de graça, e quando entrei, lá estava ela. Meus professores admiravam Paulo Freyre e não sabiam da existência de Gilbert Highet. Esperneavam mais as palavras "social" e "justiça" do que uma "verdade", criam, porque sim, que eram os salvadores do mundo, ou os responsáveis por salvá-lo, transformando a educação que deveria ser o caminho para as virtudes no caminho para a idiotização e alienação. No caminho fui interrompido por um pedinte e dei-lhe os dois reais.

Minha saúde na época não andava lá essas coisas. Fui ao médico certa vez. O diagnóstico foi gastrite leve, porém, pioraria. O médico disse que não tinha cura, receitou uma dieta que eu era materialmente incapaz de fazer e disse coisas como "dois litros de água", "oito horas de sono", "estresse", quem dormia tanto assim? Desaprendi a dormir quando saí da casa dos meus pais. E quem não se estressava?

Até então não conhecia brasileiro vivo que conhecesse algo de José Bonifácio além do próprio nome. Um povo que não conhecia a própria história não estava preparado sequer para fazer as compras no supermercado. Ter um celular então? Só se fosse para espalhar bizarrices, estas espalhavam mais que lepra, sarna e tuberculose, e eram mais nocivas ao homem também. Enfim, as palavras desta crônica não são expositivas, e sim romanescas, então atentar-me-ei mais para não fugir do assunto.

Após a caminhada de minutos até em casa eu estava encharcado e indiferente, nem animado e nem desanimado. Perdido num pensamento aqui e outro ali e refazendo várias vezes as possibilidades de vida que eu tinha. Perdido, na imaturidade do jovem intelectual que criticava o mundo por ser como, na minha cabeça da época, deveria. Orwell havia entendido isso muito bem antes de mim como tantos outros antes dele; entendido, porém, depois de dificuldades extremas. Achegando ao meu prédio mirei de costume o velho com aparência de sábio que era meu vizinho, o matuto Senhor João.

Senhor João era vizinho meu, velhaco, de olhos já opacos e que passava os dias balançando vagarosamente na cadeira da varanda de casa. Toda vez que o cumprimentava ele dizia que algo acabaria com o mundo. Passando pela casa do anoso como bem fazia todos os dias cumprimentei:

- Políticos Senhor João.

- Os políticos ainda acabarão com o mundo, Gilberto – respondeu-me.

Sempre achava engraçado rir do velho. Nonagenário, desfrutava o quanto podia da licença poética de fazer o que quisesse.

Não parei a prozar com ele naquele dia. Minhas pernas doíam e eu sentia a urgente necessidade dum bom banho. Pelo menos as contas estavam pagas, as principais. Se faltasse algum dinheiro no final do mês, normal, para quem sobrava dinheiro?

Capítulo 2
Um pouco do que eu fazia

A Companhia Siderúrgica Nacional era a maior indústria do país. Tendo sido dada ao Brasil pelos Estados Unidos da América como recompensa pela luta ao lado dos Aliados na Segunda Guerra, a siderúrgica tornou possível a exportação de aço, gerou riqueza e desenvolveu a cidade de Volta Redonda. A cidade, geograficamente, cresceu ao redor da indústria e no emaranhado de prédios, apartamentos e casas, ficava o meu; no Bairro Laranjal, rua 156 número 333, edifício Vivendas do Laranjal. Um espaço nem pequeno e nem grande, exato, com cômodos e mobílias decadentes.

Cheguei ofegante e preguiçoso, sentei alguns minutos no sofá a respirar e foi quando, num aplicativo de relacionamento, dei match como falavam os rapazes da minha idade. Morena de cabelos compridos, olhar felino, sorriso largo, alta, tudo que sempre mentalizei. A impressão que tive, no entanto, fora a mesma de sempre: nenhuma empolgação. Afinal, fotos não eram confiáveis, os aplicativos não paravam de criar ferramentas para modificar tudo que era humano.

Deixei o celular de lado, tomei banho e fui comer o típico pão com manteiga e café. Depois de matar a fome e colocar roupa limpa, permiti-me assistir algumas mentiras no jornal televisivo. O âncora contava da guerra entre Ucrânia e Rússia. Putin a soltar mísseis de lá, Ucrânia a defender-se dali, e entre o mar de corpos os burocratas mundiais se reuniam para tomar decisões e discursar. ONU e OTAN eram os nomes do momento. Na minha humilde opinião, palhaçada, seria mais útil ter colocado tanques de guerra na rua, além de mais útil, seria mais viril. E pensar que na terra onde pisou Churchill vivia um bando de covardes efeminados e idiotizados. Que fosse então. Estava eu lá, preocupado com a guerra enquanto não era capaz de resolver meus próprios problemas. Sentia-me tanto amargo, desanimado, exceto pela literatura talvez, que tinha para mim efeito médico até, como se fosse a única coisa pela qual ainda pensava valer a pena viver. No entanto, não era a literatura em si que me fascinava, e sim a busca pela verdade. Como bem disse grandes homens do passado, da filosofia grega com Sócrates, do cristianismo com Jesus e na modernidade com Olavo, "A verdade libertará". Imaginava, às vezes, se a guerra fosse no Brasil, e a sociedade como tal entrasse em colapso, que teria eu de útil quando os muros da vulgaridade virassem pó? Minha família e amigos, e o conhecimento obtido através da verdade. Nada mais. Certificados? Diplomas? Emprego? Dinheiro? Tudo seria igualmente inútil.

Droga, estava ansioso de novo, era a consequência natural de tanta notícia ruim. Fui para a sacada a ver alguns pássaros e mares de morros ao horizonte, em meio à fumaça da siderúrgica. Acendi um cigarro, não costumava fumar, só quando ficava tanto pensativo, exasperado diria. Os tragos não me relaxavam, nem viciavam, simplesmente, distraíam.
Após minutos fui ter alguma prosa com Machado de Assis e O Alienista. Livro interessante, que criticava de maneira nítida a sociedade e tudo mais que qualquer autor descente conseguisse retratar. Encontrar os defeitos para escrever sobre eles no Brasil era fácil, difícil mesmo era enxergar, em meio a tanta porcaria, personagens bons. E assim eu me perdia entre a realidade e a ficção, que eram caso de não se pode viver com, não se

pode viver sem ela, pois uma dependia da outra e ainda brigavam para saberem qual era a mais importante, para mim eram as duas igualmente importantes. Gastei bom tempo ali, não que eu não tivesse coisas para fazer. A universidade, por exemplo, dava aulas à distância, pela internet; eu me conectava pelo celular e deixava a aula acontecer enquanto fazia outras coisas. Por mim, nem faculdade faria, mas precisava da porcaria do diploma para ter acesso a algum emprego. Enfim, enfim, problemas e problemas. Nesses momentos de um pouco de desespero pensava em Juca Campos Lara, que seguiu o sonho de ser escritor, como eu queria fazer, e falhou tanto, que quando venceu não valeu mais a pena. Eu estou aqui agora como narrador a escrever, escrever, escrever... e não escuto mais que "morrerá de fome", "terá que ser sustentado pelos pais", "é louco". Se não for de maneira irônica, não se pode aguentar a vida. Dante que estava certo, é mesmo uma Divina Comédia.

Capítulo 3
Mais a respeito do que fazia

Dei ao leitor, se é que alguém está a ler esta porcaria, apenas alguma noção de quem eu era e como pensava. Não para que se divirta com a vida alheia, mas sim porque ao redor o mundo parecia desmoronar e existem coisas que apenas um romance pode dizer. Assim sendo, o que escrevo não é nem mais e nem menos que romance, no sentido literal e filosófico, literário e fantasioso, enfim, em todas as possiblidades da palavra. Volto agora a rotina.

No dia seguinte, algo no começo de março de 2022, aprontei-me. Passei a roupa do trabalho bem devagar, vi alguns vídeos curtos pelo celular, fiz café ouvindo música e comi, pensativo, pão com manteiga e café. Pensativo sempre. Sempre. Foi quando mandei mensagem para àquela morena do aplicativo. Não quero dar nomes aos bois, então a chamarei de Helena, em homenagem a Machado. Helena respondeu às perguntas de praxe que fiz: onde morava, idade, interesses, objetivos de vida, ocupações, e toda a burocracia necessária. Até então eu estava desinteressado. Via as mulheres da mesma forma que C.S. Lewis, "as mulheres modernas exigem príncipes, mas não são princesas". Assim sendo eu não via nelas mais que prazer momentâneo e, se tivesse que sair para um encontro, nem mesmo as mensagens eu respondia. Primeiro por falta de dinheiro, segundo porque nunca valeu a pena. Tommy Shelby era quem sabia "cavalos lentos e mulheres rápidas acabarão com a sua vida".

Mais uma vez saí para o trabalho, sempre com fone de ouvido e música, da pior qualidade por sinal, exceto quando tirava para ouvir Cartola ou Noel Rosa, aí sim podia dizer que era música de qualidade. Um tanto gordito segui a ver carros, e não mais navios, até o ônibus. Daquela vez não esqueci o dinheiro, só não o tinha mesmo. Então saí mais cedo de casa, caminhando. A rotina no trabalho era maçante. Eu trabalhava num banco. A minha incapacidade de falsidade e valores morais que me impediam de ludibriar velhinhos, aliada as más línguas e conspirações dos outros colegas de trabalho fez-me total fracassado no trabalho. Porém, eu sabia como fazer para ser promovido e até ter sucesso. Bastava ser político com os colegas de trabalho, mentir para o cliente afim de aumentar minha

produção de vendas de produtos bancários e puxar muito os bagos da chefia. Porém, antes de temer o desemprego e os patrões, eu temia a Deus, e o conflito moral angustiava-me, pois eu precisava ser alguém que jamais seria para ter sucesso profissional no banco. Daí a sufocante necessidade de conseguir alguma renda com a escrita, que era a única coisa que eu sabia fazer, mesmo malfeita. Porém, não escrevia por dinheiro, escrevia por nobreza, mas a nobreza não enchia minha barriga; daí repetia como ensinaram-me "o pão nosso de cada dia nos dai hoje", pois, quando meu contrato no banco acabasse dali alguns meses, ficaria sem o pão. A falta de perspectiva e o desinteresse fizeram de mim péssimo funcionário do ponto de vista corporativo; do ponto de vista humano, no entanto, as pessoas me adoravam e viviam a me levar presentes. Algumas reclamações depois e finalmente a liberdade. Sair do trabalho para mim era como sair de uma jaula, tortuosa e sufocante.

Depois fui treinar. Alguns corriam na rua, outros faziam academia, mas eu gostava mesmo era do boxe. Treinava o pugilismo algumas vezes na semana, não sendo nem bom e nem ruim, apenas sabendo o necessário para sobreviver se preciso fosse. Depois do pugilato fiz novamente o caminho até em casa. Assim seguiam os meus dias. Nada de novo, de fascinante ou incomum, exceto pela literatura talvez. Eu não conhecia mais ninguém que pudesse conversar comigo sobre tais coisas, exceto por Joaquim, amigo próximo que de quando em quando dava para ser homem de letras e devorava livros, mais por hábito do que por objetivo. Naquele dia brinquei com o Senhor João:

- Economistas Senhor João.

- Os economistas acabarão com o mundo – respondeu-me da cadeira.

Voltei para casa novamente e segui o mesmo roteiro do dia anterior. A alienação da vida moderna era sutil, passava despercebida para aqueles que não possuíssem bagagem literária, pois, não conhecendo o passado, eram incapazes de o compararem com o presente e enxergarem possiblidades diferentes. Por exemplo, recordo aqui O Cortiço, onde durante certa barafunda a polícia tentou invadir o lugar; os moradores uniram-se para impedirem a entrada da polícia, algumas mortes depois, tiveram êxito e os moradores regressaram para suas vidas e a força policial para a dela. Hoje, quem tem poder para tal coisa? Os policiais, que Deus tenha os bons, eram munidos de armas de fogo e respaldo burocrático que a população comum não tinha. Portanto, se decidissem invadir sua casa, restava rezar, e o mesmo se dava entre os bandidos; apenas as pessoas de bem que sustentavam o país eram proibidas de se defenderem.

Continuando o tema deste escrito, durante a noite troquei mais algumas palavras com Helena. Pareceu-me simpática e madura, o que era raro de encontrar. Sendo nordestina de origem, vivia em Volta redonda para formar-se em medicina, coisa que nas universidades brasileiras saía em torno de quase dez mil reais por mês em mensalidade. No entanto eu conversava com ela e com mais dez. Classificava-as pela virtude. As que fossem desocupadas e relaxadas eram última opção, não recebendo de mim mais que um convite direto para irem até minha casa; às mais bonitas, porém feias de caráter, eu dava um pouco mais de atenção, dispondo-me a conversar durante dias. Helena pareceu-me das bonitas e de feio caráter, apesar de madura. Tinha na cabeça algumas ideias progressistas que nem mesmo ela sabia dizer o que eram. Enfim, ainda não era o suficiente para me fazer sair de

casa. Ainda. Ignorei-a e fui continuar discutindo com Simão Bacamarte se o Brasil era um país louco ou não. Cheguei à conclusão que era, mas talvez o mundo todo estivesse um pouco louco. Ou eu ?

Ensaios & Trabalhos Acadêmicos

Reflexos da pandemia na produção literária de Volta Redonda[5]

Isabella Dulce da Silva Carvalho[6]
Vitor Gums Martins[7]
Elisa Andrade Costa[8]

Curso de Letras – UGB - FERP

RESUMO

A literatura vincula-se à sua época de produção, visto que registra, por meio de visão idealizada ou crítica, o que está ao redor. Desse modo, certamente, o tempo de pandemia de Covid-19 impactou a arte em todos os seus formatos. O objetivo deste trabalho é compreender que impactos a literatura produzida em Volta Redonda sofreu, especialmente, na época de isolamento. Para isso, por meio textos elaborados por escritores locais, técnica e conteúdo serão analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Lliteratura; Pandemia; Volta Redonda.

REFLECTIONS OF THE PANDEMIC ON THE LITERARY PRODUCTION OF VOLTA REDONDA

ABSTRACT

Literature is linked to its time of production, as it records, through an idealized or critical view, what is around. In this way, certainly, the time of the Covid-19 pandemic has impacted art in all its formats. The objective of this ongoing work focuses on understanding what impacts the literature produced in Volta Redonda suffered, especially during the isolation period. For this, through texts prepared by local writers, technique and content will be analyzed.

KEYWORDS: Literature; Pandemic; Volta Redonda.

1 INTRODUÇÃO

A literatura não está dissociada do tempo em que é produzida, visto que registra,

[5] Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB-FERP), Volta Redonda, RJ.
[6] Aluna do Curso de Letras e pesquisadora do PIC no UGB-FERP.
[7] Aluno do Curso de Letras e pesquisador do PIC no UGB-FERP.
[8] Professora M.a de Literaturas de Língua Portuguesa no UGB-FERP, orientadora do PIC e autora correspondente. E-mail elisa.andradevr@yahoo.com.br

por meio de visão idealizada ou crítica, o que está ao redor. Desde Gregório de Matos, considerado primeiro grande poeta brasileiro, as belezas e mazelas do país já são registradas em versos ousados. Segundo Candido (1989), por intermédio da literatura, há "possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas."(p.113). Então, a visão literária do que nos rodeia manifesta-se como crítica ou desabafo, enfatizando reflexões por parte do interlocutor quanto ao que lê. A afinidade com o tema, leva à compreensão e à resistência a certos momentos vividos coletivamente.

Nesse sentido, os dois anos de pandemia no Brasil, certamente se refletiram também nas produções literárias feitas pelos escritores, visto o impacto da reclusão, incerteza e receio característicos do período. O isolamento imposto, por medidas de segurança, aparece, muitas vezes, poeticamente como lamento e solidão por quem está por trás das cortinas observando o mundo que, como mágica, para completamente. Na cidade, o impacto foi maior e, por isso, a escrita urbana revela o silenciamento incomum das ruas.

Ao se partir do pressuposto de que a arte é uma forma mais elaborada de perceber o mundo, ao estender o olhar sobre o meio circundante, este projeto busca, portanto, contribuir com a análise de textos produzidos no período pandêmico e com a observação do olhar direcionado às vivências desse tempo por pela escrita. Tal leitura se centrará em textos de diversos autores de Volta Redonda, cidade do interior do Rio de Janeiro, e objetiva analisar ,também, os recursos mobilizados na construção das ideias, seja em poema, seja em prosa. Assim, esta pesquisa se justifica pela relevância de se compreender como a pandemia influenciou a literatura local, bem como a valorização dos escritores de Volta Redonda, como sujeitos conectados a seu tempo, promotores de reflexão, sem perder de vista a técnica literária na elaboração de seus textos.

Diante do panorama apresentado, pretende-se, a partir do desenvolvimento deste projeto, contribuir para a compreensão da produção escrita nos anos de 2020 e 2021, em Volta Redonda, evidenciando as perspectivas em torno do tema pandemia e seus impactos na literatura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura capta a realidade e a transforma esteticamente em narrativas ou versos, muitas vezes, com objetivo de compartilhar emoções ou pontos de vista acerca de determinadas situações existenciais. Cenários pandêmicos já passaram por páginas de

grandes autores e, de certa forma, revelam como os seres humanos respondem às crises de saúde pública. Sabe-se que nem sempre o real é tratado tal qual se mostra perante a vida, pois pode ser modificado em prol da arte, objetivo maior da escrita literária. No entando, o interlocutor sempre buscará conexão entre a mensagem e a vivência de seu tempo. Candido (2010), ao tratar a questão da análise da obra literária, afirma que

> a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (p.13-14)

Nessa linha, a fusão entre a produção escrita e o contexto se dá por meio da constituição estrutural da obra que, naturalmente, deixa entrever, por mecanismos utilizados, a ligação entre forma e conteúdo. O crítico ainda acrescenta que a arte é social, visto que depende

> [...] da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2010, p. 30)

Os efeitos práticos são,sem dúvida, processados pelo leitor, ao se tratar de conteúdo que reflete suas angústias e anseios. A escrita ligada à situação pandêmica deixa fluir emoções reprimidas, consciência da vivência de situações comuns aos habitantes de uma mesma cidade que se sentem menos sós em suas incertezas diante do tempo obscuro. Os escritores, então, imersos na contemporaneidade, escrevem livremente e utilizam variadas formas de expressão. Perrone Moisés (2016), ao salientar traços da literatura contemporânea destaca que "Os valores buscados numa narrativa ou num poema, atualmente, são a veracidade, a força expressiva e comunicativa." (p.28). Desse modo, a escrita, em pleno século XXI, cria laços com a situação vivenciada com fins de crítica ou de reflexão. Não raro, algumas produções lembram traços românticos, já que o peso da existência transborda em lamentos ou saudade de um passado livre da situação pandêmica. Outras se apegam ao relato de experiências que envolvem isolamento, tristeza, receio,

esperança de dias melhores. Tais textos caminham ao encontro de sentimentos semelhantes perante os desafios da época, o que auxilia o enfrentamento em busca de superação. Pode-se dizer, por isso, que há, também, um olhar de resistência em muitos desses textos, pois não se dobram às adversidades. Os escritores registram, questionam e compartilham o conflito existencial vivido, bem como a crítica a determinadas posturas. Seguindo essa linha, conforme Bosi (1994),

> É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (p.27)

De acordo com o autor citado, a narrativa, assim como a poesia, pode revelar traços de resistência pelo modo de criação do discurso que, nem sempre, apresenta, explicitamente, viés ideológico. O monólogo interior ou mesmo o lirismo poético, por meio da expressão, resiste quando não se acomoda a imposições. A revolta contra determinadas situações ou contextos, bem como a estilização de tudo isso demosntra-se, também, como resistência que se espalha e promove importantes ponderações. Desse modo, ao se estudar literatura, a partir da percepção que reflete a coletividade, há amplo entendimento de que a arte exerce função social, além da estética pura. Acima desse ideal, é revelada a consciência de pertencimento e o modo de interação nesse conjunto vivo e dinâmico. O artista, como contemporâneo, está imerso em seu tempo, dele participa e com ele dialoga. Suas obras, por esse motivo, são resultantes de elaboração estética perante as situações que abrangem o universo social, cultural e político a que ele pertence, ainda que a produção apresente caráter mais subjetivo.

O presente estudo, por conseguinte, faz um levantamento bibliográfico em torno do tema abordado. Para isso, o objeto investigado corresponde a livros já publicados na cidade ou em blogs dos autores. Algumas pesquisas foram feitas na biblioteca muncipal, detentora de publicações do GLAN (Grêmio Literário de autores novos), que apresenta vários poemas de autores da cidade. Além do GLAN, outras fontes como AVL (Academia Volta-Redondense de Letras), em publicações impressas ou virtuais. Assim, foi possível fazer um levantamento de autores e textos que tratam sobre o olhar direcionado ao período mais rigoroso da pandemia Covid-19, nos anos 2020 e 2021, o que possibilitou aprofundamento na pesquisa.

3 CIDADE FANTASMA: SOLIDÃO E VAZIO

Há, algumas vezes, a ideia de que da Literatura é apenas o reflexo da sociedade. Nos anos 30, por exemplo, houve uma intensa discussão no meio literário em relação ao caráter descritivo e realista das produções que poderia ofuscar a arte da escrita, segundo alguns. De acordo com Antônio Candido (2006), a identificação dos fatores que contribuem para a organização interna das produções literárias é uma tarefa um tanto quanto difícil para os críticos, principalmente o que envolve os fatores sociais. Para ele, a análise em questão é determinar se os fatores sociais determinam apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora, ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte. Entendemos que a obra é completa quando exerce ambas as funções, visto que o simples vínculo com a realidade como pura escrita documental a torna circunstancial. Seguindo essa linha de raciocínio, a literatura volta-redondense impactou-se pela pandemia, sobretudo, na época em que o isolamento foi determinado pelo poder público, no entanto, não abandonou a técnica que faz cada texto ir além da mera circunstância temporal.

Sabe-se que a cidade foi o ambiente mais afetado nessa época e, por isso, não faltam referências às mudanças sentidas por todos os seus habitantes. O cenário urbano sempre foi marcado pelo dinanismo de movimentações, bem como por convivências diversificadas entre pessoas e culturas. Segundo Gomes(1994), ao falar do Rio de Janeiro, no início do século XX, a cidade é " Mais que lugar de encontros acidentais, espaços deo efêmero, ou pontos de cruzamento, a cidade é ambiente de mudanças, de rupturas, pontos focais da comunidade intelectual. E, ainda mais de conflitos e tensões de vários matizes."(p.105). Essa contínua transformação visível pela interferência do homem a cada dia, em pouco tempo, silencia abruptamente pelo isolamento imposto e necessário devido ao caos instalado pela pandemia Covid-19. Em pouco tempo, as ruas tornam-se completamente esvaziadas como cenários de cidades fantasmas, onde há apenas espaço para o silêncio e o medo. Tal imagem não passa despercebida pela literatura volta-redondense que registra a solidão insistente que perambula assustadora:

FORA DE ALCANCE
A calçada
a feira

a flor.
O bar
o cinema
o Arpoador.
A livraria
a professora
a maçã do amor.
O amigo
o gesto
o beijo libertador. (LIMA, 2022,p.24)

(...) Era muito triste olhar pela janela da sala e não acreditar que o mundo havia parado, literalmente. O Sol brilhava, mas faltavam as pessoas, as vozes pelas ruas, os vendedores ambulantes, não havia escolha, apenas calar...(LACERDDA, 2022,p.38)

No poema, o título já condiciona os versos seguintes a impossibilidade de algumas ações. Entre elas, algumas comuns na cidade, como ir a locais compartilhados por outras pessoas, como cinemas, livrarias, bares. Tais interações estão fora do alcance de todos e o encadeamento entre versos sem a presença de verbos deixa mais clara a noção de estaticidade. A ausência de contato que impede "o beijo libertador" torna-se opressora e segregadora. Mais uma vez, a estrutura confirma tal quadro quando isenta o poema de elementos conectivos entre os versos. O encadeamento dos versos se dá de forma independente, visto que se separam por ponto final. Os habitantes citadinos também se encontram dessa forma durante o isolamento por portas fechadas, novos sinais de pontuação que interrompem qualquer tipo de afetividade mais próxima. Cada um no seu espaço, tenta levar a vida e superar as mortes em meio à solidão, sem resposta das ruas tristes e imóveis em sua mudez.

No fragmento em prosa, olhar semelhante ao apresentado no poema, pois a incoerência do momento confere perplexidade ao eu-lírico. Novamente, o caráter estático do que sempre se traduziu por movimentações contínuas se solta da página por meio da tristeza. "O Sol brilhava", mas o brilho não consegue se espalhar por locais sem a presença maciça da população a se esbarrar pelas esquinas. Os períodos coordanados nesse trecho, somado à enumeração das ausências enfatiza o distanciamento social, o que demonstra a união entre forma e conteúdo para a expressão da realidade circundante. A paisagem urbana também se mostra sem cor pelo esvaziamento de sentido do tempo que se acentua com a presença das mortes: "As horas mortas/e as pessoas idem/não caem em cinzas/mas feito viadutos." (LIMA, 2022, p.21). Esse contraste entre a agitação urbana e o silêncio presente, incomoda e reforça o estado de impotência diante das adversidades.

3.1 JANELAS E OLHARES

A escrita literária passeia por diversos temas e, de forma mais ou menos correspondente ao que se entende por real, leva o leitor a sentir e a pensar sobre o mundo. Segundo Roland Barthes (2013),

> A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (p.19)

Essa reflexão se faz pertinente, porquanto a literatura não tenha exatamente o compromisso com o real, por ser arte. Contudo, até mesmo quando transgride situações consideradas coerentes pela razão, por meio do fantástico ou do insólito, dialoga com o real. O leitor buscará, a cada página, alguma pista possível de comparação para o contato com as vivências cotidianas. Além disso, sempre acrescenta conhecimento, conforme Barthes. Os vários saberes revelam traços culturais, psicológicos e comportamentais de uma sociedade. No caso da literatura em tempos de pandemia, o único conforto, ou desconforto, se dá pela janela: contato mais imediato com o externo. Por ela, as ruas se mostram tristonhas e as outras janelas, solitárias e nostálgicas do "mundo antigo".

Em um poema de José Huguenin, *Pela janela*[9] (p.17) , nono do conjunto da obra "Poemas em tempos de cólera" , aborda-se diretamente o isolamento social durante a pandemia. O eu-lírico utiliza a imagem da janela que também aparece em alguns escritos de outros autores, como representação do único elemento entre o ser humano e o exterior: "Hoje ver a vida da janela/É como vê-la através de um quadro/Por onde ela, a vida, entra em pé de ventos/E deixa tudo em volta revirado." A comparação com o quadro é interessante, pois remete também ao inusitado da situação. Metaforicamente, a vida em pé de ventos, entra e promove o caos. A vida, personificada, já não está atrelada à alegria e à harmonia, mas ao desalinhamento do cotidiano antes previsível. O tempo, aparentemente congelado, visto que a pandemia dura mais do que o que se espera, revela-se, pois "Caleidoscópio do tempo, a janela/É ampulheta suspensa /De onde a gente tem vontade

[9] Poema escrito para Antologia "Da minha janela", Editora Outra Margem.

de gritar." O sentimento de desespero culmina com o verbo gritar, desabafo máximo que se manifesta na solidão. Apesar da angústia revelada em cada verso, "Pela janela, o sonho sai, vai, voa/ Em busca de um raminho à toa/ Que mostre que a esperança rebrotou." Desse modo, a esperança persiste, ainda que sutilmente. Um "raminho à toa" é sinal de que a vida supera momentos difíceis e vence ao final.

A sensação de enclausuramento também é nítida nos poemas de Flávia Lima (2022) em trechos como "A tela é agora janela. [...] A tela é agora (única) paisagem (tábua da salvação) (p.25) " em que o eu-lírico faz do uso da tecnologia como a única maneira de manter contato com o mundo externo. A imagem da janela, embora "tábua de salvação", aprisiona o usuário, distancia-o do exterior e renova a paisagem. Nem sempre a visão pela janela é motivo de animação: " Tive medo de chegar à janela, e não avancei. Tive medo dos carros, dos ônibus, dos monstros... da poeira... do asfalto! Tive medo e voltei...Voltei para mim. " (Lacerdda,2022, p. 37). Compreende-se a necessidade de reflexão interior imposta pelo momento de reclusão que impede um olhar para o cenário exterior povoados apenas de veículos e poeira que passam pela cidade vazia. Nesse caso, a narradora, ao acordar, na verdade, percebe a importância de repensar a vida em meio ao medo e à solidão. A visão de fora pela janela seria fugir ao próprio sentimento que deve ser cultivado e regado para que refloresça em meio às intempéries. No poema "Tardes vazias", de Elienai Pereira (2022), o contato com o exterior de forma angustiante também se faz presente: "Parece que o ócio invadiu a janela/ Onde os passarinhos cantam/Em assobios quase indecifráveis. /Suportar o malcriado comportamento/Desfrutar o insuportável temperamento, /Tardes vazias preenchem o humor inanimado. " (p.6). Interessante a combinação do substantivo humor ao adjetivo inanimado que se torna uma antítese ao expressar o conflito emocional. No fragmento, a janela, novamente, é portadora de sentimentos negativos. Por ela, é possível visualizar o vazio, assim como sentir com mais força o desânimo que perpassa o final de mais um dia." Além disso, compara-se a situação atual em que o poema está envolvido com o pós-guerra, como podemos identificar nos versos "Equivalem-se aos soldados voltando das guerras/ Para os braços doces de quem os amou/ Terrivelmente/ As imagens violentas os desampararam em dor". Ao finalizar, o eu-poético se utiliza do conceito do confinamento vivenciado durante a pandemia, e, com o adjetivo "inviolável" direcionado às "imperfeitas tardes", somado aos dois últimos versos do poema, "Daqueles que ainda se importam/ Lutam..." interpreta-se a importância dada ao isolamento social durante a pandemia no poema, visto como atitude revolucionária de combate à Covid-19. É

importante analisar as reticências no final do poema, transportando ao leitor a ideia de luta continuada que ainda não chegou ao fim.

A recorrência da imagem da janela confirma o anseio de liberdade, bem mais valorizado pelo ser humano associado ao prazer da interatividade. Logo, a expressão de impressões e subjetividades lança mão de várias maneiras de externar o que incomoda. A palavra, nesse sentido, é instrumento de compartilhamento de sensações que humaniza e, ao mesmo tempo, fortalece o ser humano a enfrentar dificuldades.

3.2 UM BRINDE AO FUTURO: PERSPECTIVAS

Escrever também é uma forma de luta contra determinados momentos ou situações complexas e, por isso, muitas vezes, a palavra se torna engajada. Bosi (1996) faz distinção entre dois tipos de resistência na escrita. Um deles é a presença do tema voltado a questões sociais e defesa de posições ideológicas bem marcadas no decorrer da narrativa. A outra forma de resistência é imanente da escrita, ou seja, revela resistência sem propriamente se apegar a linhas ideológicas explícitas. Segundo o estudioso, ao tratar do assunto em narrativas,

> É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (BOSI,1996, p.27)

Ao se refletir sobre esse ponto de vista, é interessante observar como isso ocorre nos textos escritos durante a pandemia, em Volta Redonda. A sensação de tédio e solidão, associada ao medo, encontra uma forma de controle da situação: a expressão por meio do registro da escrita. A palavra combatente também se faz presente em meio a injustiças e absurdos:

A PALAVRA[10]
A palavra
Anseia sair
Se espalhar no papel
Dizer o indizível
Descer ao inferno
Tocar o céu

A palavra
Aflita
Precisa ser escrita
Pintar o desespero
Denunciar os crimes

[10] Poema escrito em março de 2020 para a Revista Entreletras—UFT.

Dar fé a quem não acredita

A palavra
No tempo do cólera
Fotografa o sentimento
Cristaliza uma lágrima
Nos isola
Nos aproxima. (HUGUENIN, 2020.p.7)

A palavra não só funciona como desabafo individual, mas também como instrumento de denúncia diante do desespero geral. Para isso, ela precisa se espalhar no papel e sair, pois, apenas como registro particular, não conseguirá cumprir seu outro papel de alertar o interlocutor acerca de situações desumanizadoras e injustas. Nessa perspectiva, não há comodismo por parte do eu-lírico que, por meio da escrita, busca interagir e, ao mesmo tempo, fotografar sentimentos que serão relembrados posteriormente. A antítese isola/aproxima revela a potência do signo verbal que, devido ao tempo de distanciamento, pode unir ou separar, dependendo do teor de sua mensagem.

No poema "ALERTA DE INSEGURANÇA", a poeta Flávia Lima (2022) destaca o uso de aparelhos tecnológicos como ferramentas de comunicação a distância, mas também como fonte de angústia perante o isolamento recomendado nas notícias: "Dizem as tevês/e os jornais/e os computadores/e os celulares:/fique em casa. /Mas não dizem/qual o truque pra despistar o medo/e pousar na tua. " (p.23). Apesar de a mídia não dizer " o truque para despistar o medo", a poesia é a resposta-truque que torna suportável a insegurança sobre a qual o eu-lírico alerta. Em meio a essas possibilidades de expressar anseios, nascem sonhos e a esperança de um futuro portador de uma sociedade mais humanizada que valorizará cada instante e, talvez, volte o olhar ao que é simples em atitude de desapego a posturas prejudiciais ao planeta e aos próprios irmãos.

Nessa linha, na prosa poética do texto *O isolamento e as palavras*, Elyane Lacerdda (2022), promove reflexões otimistas sobre o futuro:

> Quando o coração acalma, os olhos brilham e perspectivas futuras surgem num pequeno toque mágico, como se a vida resolvesse pausar o pânico e o clima de terror das avenidas no nosso planeta, tão castigado por chuvas, secas, miséria, violência e doenças inexplicáveis aos nossos olhos! E assim caminhamos...Com receio, fantasiados e acreditando sempre que tudo passará em breve, e os nossos dias terão mais abraços, beijos, apertos de mãos e sorrisos! A solidão não nos acompanhará, estaremos movidos pela valorização das pequenas atitudes, dos gestos simples e cheios de carinho e admiração, porque o isolamento nos fará refletir e acredito que seremos "melhores". (p.57)

A literatura, consciente do seu papel, traça possibilidades sobre o tempo vindouro, mas não deixa de observar o aspecto socioambiental que castiga o planeta. Apesar dos receios recorrentes durante o período e isolamento, a crença em melhores dias e em melhores pessoas não cessa. A solidão, termo comum em boa parte das produções escritas, ficará para trás e será positiva na medida em que poderá ser tomada como lição que motivará ressignificação de ações simples como um abraço ou uma conversa com amigos. Esse sentimento, sem dúvida, foi compartilhado por todos na época, por tentar superar o pânico com a esperança no futuro.

Em *Pós-pandemia (p.34), o* poeta Jean Carlos (2020) apresenta visão positiva, visto que "A Covid-19 mudou, mudará as vidas, /Nosso cotidiano, deveres/ E afazeres..." A justaposição do mesmo verbo com flexões temporais diferentes infere a rapidez das ações pretérito perfeito x futuro, marcando em qualquer tempo a certeza das transformações que evidenciam a tecnologia bem como as relações que deverão ser repensadas, pois o contexto de isolamento pela doença contagiosa "Antecipa mudanças que talvez estivessem em curso, /Como o trabalho diário, a educação a distância, / A busca por mais sustentabilidade e responsabilidade..." Essa busca aponta para um futuro em que "Os cuidados com a saúde e o bem-estar precisarão ser maiores", já que o período de clausura colaborou para a viagem interior e revisão de valores. Assim, entre o antes e o que virá, "Novas regras e conceitos dentro da sociedade/ Em que vivemos e que precisaremos reinventar a cada passo, /A cada etapa que o tempo determinará! ". Logo, apesar de nem tudo ser previsível, o olhar reluz para possibilidades positivas à frente que motivam ao enfrentamento do tempo vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar o impacto do período da pandemia na escrita literária produzida em Volta Redonda. Em época de isolamento, a subjetividade lírica externa sensações, principalmente, de solidão e de angústia perante o desconhecido. Candido (2010) reflete sobre as lacunas que tentam categorizar a relação artista / grupo, ao se questionar "se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas. " (p.35). Seguindo esse raciocínio, compreendemos que, embora algumas produções escritas tenham partido dessa iniciativa pessoal pelos autores, por meio da expressão de sentimentos e impressões acerca da época de isolamento devido à pandemia, demonstram, também a influência

social. Tal interinfluência do artista para com sua época e da época sobre o artista enriquece a escrita literária, pois ecoa, de modo ambivalente, anseios e sonhos com situações melhores no futuro.

Apesar dessa influência contextual, os autores analisados até então, preservam a elaboração estética preocupada com a expressão artística que transporta o texto para além de seu tempo, ao se tratar de sentimentos inerentes à condição humana por meio do desejo de interação e proximidade, da liberdade para acessar espaços diversos e, sobretudo, pela demonstração de amor à vida que, em meio às incertezas, cultiva a esperança em tempos melhores.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. ***Aula***. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOSI, Alfredo. ***Narrativa e resistência***. In: Itinerários – Revista de Literatura. Araraquara-SP: n. 10, 1996, p. 11 -27.

CANDIDO, Antonio. ***Direitos Humanos e literatura***. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E… Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

_____. ***Literatura e Sociedade.*** 11 ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

GOMES, Renato Cordeiro. ***Todas as cidades, a cidade.*** Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda,2010.

GOMES, Jean. ***Vozes de Aço***, volume XXII. Editora PoeArt ,2020.

HUGUENIN, José. ***Poemas de tempos de cólera*** .Volta Redonda – RJ, Edições, 2021.

LACERDDA, Elyane. ***Máscaras.*** Ed. Autografia, 2022.

LIMA, Flávia Souza. ***Desjeitos*** – Alguma poesia. Editora Numa, 2022.

MOISÉS, Massaud. ***A análise literária.*** 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. ***Mutações da literatura no século XXI.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEREIRA, Elienai. ***Poesias, Contos, Crônicas e Cordel Brasileiro***. Ed. Corvo literário.

O silenciamento de Capitu

Alcimare Slva Dalbone [11]

(Sob a orientação do Professor Pedro Hussak van Velthen Ramos)

RESUMO:

O presente texto tem como objetivo investigar o silenciamento de Capitu, personagem criada por Machado de Assis no final do século XIX, no que tange ao modo como ela foi vista por um século: mulher estigmatizada como adúltera. Com o intuito de reverter essa imagem rotulada que tanto leitores quanto a crítica especializada têm dela, será posto em segundo plano a possibilidade ou não de traição. O foco recairá sobre o próprio relacionamento, considerado, neste trabalho, abusivo por parte de seu companheiro Bento Santiago. Para discorrer sobre este tema, será usada uma abordagem feminista baseada na mobilização de conceitos ligados ao feminismo contemporâneo como *gaslighting* e *ghosting*.

Palavras-chave: Capitu, feminismo, relacionamento, gaslighting

ABSTRACT:

This text aims to investigate the silencing of Capitu, a character created by Machado de Assis at the end of the 19th century, in terms of how she was seen for a century: a woman stigmatized as an adulteress. In order to reverse this labeled image that both readers and specialized critics have of her, the possibility or not of betrayal will be put in the background. The focus will be on the relationship itself, considered, in this work, abusive by her partner Bento Santiago. To discuss this topic, a feminist approach will be used based on the mobilization of concepts linked to contemporary feminism such as gaslighting and ghosting.

Keywords: Capitu, feminism, relationship, gaslighting

1) INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de cunho feminista, que visa analisar o silenciamento da personagem machadiana Capitu, na obra Dom Casmurro, por meio do relacionamento, considerado aqui abusivo. Com este estudo, pretendo abordar mais profundamente a

[11] Autora correspondente: maredalbone@hotmail.com

relação abusiva em que Capitu se envereda e que, a meu ver, não enfrenta de modo mais incisivo por ser uma mulher limitada pela moral de sua época, e que, por isso, tem uma restrita visão de mundo, o que interfere diretamente em suas escolhas.

Esse é um tema delicado por se tratar de um tipo de violência que progride muito lentamente. O *gaslighting*, um dos tipos de violência psicológica, nomeado assim pelas feministas da década de 70, ocorre em doses homeopáticas constantes, porém espaçadas, ao menos no início do relacionamento – que vai se mostrar tóxico mais adiante –, como uma espécie de teste do agressor para verificar até que ponto a vítima permite que ele a violente. O termo origina-se do título de um filme de 1944, estrelado por Ingrid Bergman: *Gas Light,* no qual a personagem do marido propositalmente acende e apaga a luz da casa, assim como liga e desliga o gás, e diz à esposa que a luz não está apagando e que não sente cheiro de gás, com o intuito de confundi-la mentalmente para ela achar que está ficando louca. Essa violência, reconhecida como psicológica, ocorre de forma gradativa e sutil, o que faz com que seu alvo demore muito para perceber que está sendo atacado. A prática permanente do *gaslighting* é grave, pois causa confusão mental, fazendo com que a vítima desse tipo de abuso duvide de sua própria sanidade, abaixando, em decorrência disso, sua autoestima. Isso pode acontecer de forma clara ou de modo quase que imperceptível, tornando-se difícil de comprovar.

Um fator que fez com que a sociedade, representada por suas instituições jurídicas, levasse tanto tempo para reconhecer a violência psicológica como agressão e a discriminasse como crime previsto em lei, sancionada no ano de 2021, é sua naturalização por um discurso patriarcal benevolente aos homens. Compreendo que estes podem ser vítimas de mulheres agressoras, mas vou sustentar o agressor, assim, no masculino, porque em uma análise estatística fica clara a absurda diferença entre homens e mulheres vitimadas.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública em seu anuário relacionado ao ano de 2020, "foram 13 milhões [de mulheres], aproximadamente uma vítima a cada três segundos". Se a pessoa for ridicularizada, humilhada, constrangida ou receber ameaças de qualquer tipo: perda da guarda dos filhos, espancamento ou até de morte, para citar poucos exemplos, isso já configura violência e o agressor pode ser penalizado com prisão de 6 meses a dois anos. De certo que esta violência supera a física, porém, por não deixar marcas no corpo, é muito mais difícil de ser assimilada e, quando

ocorre a assimilação, é muito mais difícil de ser denunciada, pois é necessário um flagrante ou testemunhas que legitimem a agressão.

Segundo dados do Relatório Visível e Invisível, em sua 3ª edição, páginas 26 e 27, esse tipo

> É uma modalidade de violência que transcende diferenças socioeconômicas e geográficas, mas, ao mesmo tempo, se entranha no cotidiano como prática silenciosa e silenciada. Permeada por sentimentos como medo e culpa, e, não raro, dificuldade da própria vítima em reconhecer a violência sofrida. Isso pode se explicar, em parte, pelo fato de se tratar de um tipo de violência de certo modo naturalizado e tolerado socialmente, e que costuma ocorrer dentro de casa, na esfera privada.

Capitu não é agredida fisicamente por Santiago em nenhum momento da história narrada por ele, porém é com refinada sutileza que o marido inflige a ela violência psicológica, o que se comprova pela mudança drástica da jovem para a vida adulta, o que não se faz somente pela maturidade alcançada. Madura, Capitu já era desde menina; o relacionamento com o marido faz dela uma mulher sem vitalidade e submissa a ele.

> Uma das mais divulgadas intervenções positivas do movimento feminista contemporâneo é, de longe, até hoje, o esforço para criar e sustentar uma maior conscientização cultural sobre violência doméstica, assim como as mudanças que devem acontecer em pensamento e ação, se quisermos ver o fim disso. [...] A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva. [...] O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência. [...] Até que desaprendam o pensamento sexista que diz que eles têm direito de comandar as mulheres de qualquer forma, a violência de homens contra mulheres continuará sendo norma. (HOOKS, 2020, p. 95, 99 e 100)

Outro ponto pertinente de ser mencionado como ênfase do silenciamento de Capitu é o ritmo narrativo. Na primeira parte do livro, apresenta-se uma personagem mais espontânea e atrevida, o que foi diversas vezes apontado como convicção de sua dissimulação, fazendo dela não confiável. Bento faz questão de prolongar-se, buscando contar em detalhes cada lembrança, preenchendo, com isso, cem capítulos.

Na segunda parte, após o casamento, com ela já moldada aos padrões de dona

de casa, esposa e mãe dedicada, a narrativa, com apenas quarenta e oito capítulos, é acelerada e as memórias são contadas de modo objetivo. O intuito é dizer que, após dois anos de casados, estavam tristíssimos, pois ainda não tinham filhos e invejavam Escobar e Sancha que já tinham sua Capituzinha. Além disso, pretende contar a alegria, que acabaria em tragédia, que foi o nascimento de Ezequiel

Acelera-se, então, o tempo da história para chegar logo ao ponto crucial, motivo pelo qual o livro foi escrito. Assim começa o capítulo *Um filho único*: "Ezequiel, quando começou o capítulo anterior, não era ainda gerado; quando acabou era cristão e católico. Este outro é destinado a fazer chegar o meu Ezequiel aos cinco anos [...]". (ASSIS, 2019, p. 151) O capítulo é concluído com um seco "Vamos ao resto". (ASSIS, 2019, p. 151) E o resto é a tentativa de convencer os leitores da infidelidade de Capitu, iniciada por meio de uma queixa logo na primeira frase de *Rasgos da infância*: "O resto come-me ainda muitos capítulos; há vidas que os têm menos, e fazem-se ainda assim completas e acabadas". (ASSIS, 2019, p. 151)

"O resto" contava com menos de um terço do total do livro, trinta e nove capítulos, de modo que "muitos" sinaliza que esta seria, para Bento, a parte mais dolorosa de ser revelada e não necessariamente a que levaria mais tempo. Essa, contudo, também é uma forma bem articulada de fazer com que os leitores fiquem comovidos com sua situação e acreditem que suas convicções são provas concretas e irrefutáveis.

2) CAPITU JOVEM

Capitolina, chamada por familiares e amigos carinhosamente de Capitu, é a vizinha curiosa, alegre, dinâmica, esperta, desinibida, cautelosa, corajosa e determinada em seu maior objetivo nessa trama machadiana, nomeadamente casar-se com seu melhor amigo Bentinho para viver plenamente seu amor por ele. Essas características incutem nela uma vitalidade que a torna uma pessoa ativa, que não espera, mas faz acontecer o que deseja. Segundo Nietzsche "[...] há que ter necessidade de ser forte; senão jamais chegamos a sê-lo" (CI, IX, § 38, p. 73 e 74). Para Nietzsche, essa força se exerce pela liberdade de agir, "onde é continuamente superada a mais alta resistência" (Ibidem), liberdade "como algo que se tem e não se tem, que se quer, que se conquista" (Ibidem).

Sua força vem naturalmente imposta pelas dificuldades que a vida lhe impõe, tanto pelo aspecto moral, já que seu amado é prometido ao seminário e ela tentará todos

os meios de impedir que isso se cumpra: "Capitu preferia tudo ao seminário. Em vez de ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou-se satisfeita" (ASSIS, 2019, p. 50), quanto pelo financeiro, pois sua família não é abastada e, inclusive deve favores à do amigo. Assim, Bentinho a apresenta ao leitor logo no início da história:

> [...] criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. [...] As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheirava a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (ASSIS, 2019, p. 26)

Mesmo levando uma vida simples, a menina não se deixa desanimar e, por meio de uma imensa vontade de vida, torna-se grande observadora das situações que envolvem as pessoas à sua volta, o que sempre lhe desperta uma sede de conhecimento assim traduzida por Assis: "as curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo". (2019, p. 51).

Ressalto, porém, que o foco desse estudo não está na classe social, mas na personalidade desta moça que, por ter ousado ser ela mesma – alguém que sabe sonhar, duvidar, questionar, discordar, amar, recusando-se a obedecer a um conjunto de regras pré-estabelecidas pela sociedade –, foi julgada e estereotipada como uma mulher que tem o "olhar de cigana oblíqua e dissimulada". E, mesmo sem nada de concreto no livro que justifique o rótulo, ainda hoje carrega o estigma de traidora que Bento Santiago lhe confere, demonstrando assim um grau de ressentimento advindo de um sentimento reativo nele por toda ação ativa, em essência, presente nela.

Sobre isso, assim se posiciona Paschoal (2016):

> A expressão 'sentimentos reativos', que parece oferecer uma chave de leitura para essas passagens, só aparece explicitamente na segunda dissertação, como um adjetivo para indicar os afetos correlatos à sensação de estar ferido e que seriam descarregados na forma de vingança. Seu oposto, os sentimentos 'propriamente ativos' como a 'ânsia de domínio, a sede de posse, e outros assim' seriam correlatos ao fenômeno da vida e

> corresponderiam à busca por 'maiores unidades de poder'. (PASCHOAL, 2016, p. 35)

Talvez, para Capitu, essa maior unidade de poder pudesse ser concretizada pelo matrimônio, já que para a maioria das mulheres do século XIX era excluída a possibilidade de construir uma carreira profissional que as tornassem independentes financeiramente e, por meio de recursos próprios pudessem ter metas mais altas e relevantes que o simples conquistar um bom marido que lhes proporcionassem conforto material e "segurança".

Para Capitu, essa maior unidade de poder talvez pudesse ser concretizada pelo enlace matrimonial, já que esse era o maior objetivo de vida a ser alcançado por mulheres na época. No intuito de impedir o infortúnio de ver seu amado se tornar padre, ela é objetiva e espirituosa e suas atitudes são de extrema inteligência prática, como observa Schwarz:

> Capitu [...] satisfaz os quesitos da individuação. A menina sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras. Em país tão sentimental, ainda mais em se tratando de mocinhas, deve-se assinalar o incomum dessa iniciativa machadiana de estudar a beleza, a aventura e a tensão próprias ao uso da razão. (2006, p. 26)

Em contrapartida às ideias dele que são infantilizadas por serem fantasiosas e praticamente impossíveis de serem realizadas conforme, nos mostra Assis:

> Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse. Quando tornei ao meu lugar, trazia uma ideia fantástica, a ideia de ir ter com o Imperador, contar-lhe tudo e pedir-lhe a intervenção. Não confiaria esta ideia a Capitu. 'Sua Majestade pedindo, mamãe cede', pensei comigo. (2019, p. 46 e 47)

É desse "ser" Capitu com traquejo perante os conflitos diários que este personagem nunca poderá ser, que Bento Santiago se ressente ao longo da vida. "Capitu dirige a campanha do casalzinho com esplêndida clareza mental, compreensão dos obstáculos, firmeza – qualidades que faltam inteiramente a seu amigo". (SCHWARZ, 2006, p. 15) Ao contrário de Bento Santiago, Capitu é movida pela coragem e pelo grande amor que sente, não exclusivamente por ele, mas pela vida em si. Enquanto Santiago a

nega, Capitu a afirma. Pode-se dizer que a maior aventura dessa jovem era viver.

Segundo Caldwell, "Sua capacidade de apreciar os prazeres deste mundo é demonstrada pela naturalidade com que se engaja na consumação de seu amor, enganando seus pais, e por seu gosto pela simples diversão" (2008, p. 77).

3) CAPITU VÍTIMA DE UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

De acordo com o Artigo 5º da Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**,** configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. Dos sete tipos mencionados, Capitu sofre de três: violência psicológica, dano moral e patrimonial.

Após o casamento, Bento Santiago passa a enxergar a mulher sob outra perspectiva, com olhos de proprietário. Logo, tudo de ousado e pretensioso que antes era visto como qualidade, que o encantava e atraía, passa a ser considerado defeito e faz com que, aos poucos, ele se afaste não somente dela, mas também do filho Ezequiel. Ironicamente, o que fazia com que a desejasse como sua esposa, depois de casados, principalmente após o nascimento do filho, passa a ser terrivelmente temido por ele.

Em nenhum momento, ele pede a ela que fique apenas trancada em casa o dia inteiro e que não apareça na janela sem ele e nem vá à rua recebê-lo quando chega do trabalho, mas é Capitu que, ciente do ciúme desmedido do marido, deixa de ter estas atitudes. A sutileza do abuso faz-se perceber porque ele não pede, mas também não a libera de tal comportamento. A verdade é que ele, a esta altura, prefere a mulher bem comportada à espevitada por quem se apaixonou aos quinze anos.

> A mesma compreensão clara das relações efetivas que havia permitido as manobras da menina agora faz que, diante dos ciúmes do marido, a mulher trate de prevenir o enfrentamento por todos os meios, renunciando à rua e à janela, terminando por viver autossequestrada, tudo naturalmente em vão. A gaiola da autoridade patriarcal voltava a se fechar, sem apelação, conforme sugere a resignação lúcida e comovente em que termina Capitu. (SCHWARZ, 2006, p. 26)

O modelo de família naturalizado no século XIX já era, por si só, abusivo, uma vez que a mulher, em tudo, dependia da autorização do pai, enquanto solteira e do marido, depois de casada. A total dependência econômica, hoje denominada violência

patrimonial, a impossibilitava de sustentar a si e aos filhos, caso perdesse o vínculo familiar de forma não amigável. Isso é ainda mais violento quando se compreende que este tipo de relacionamento torna a mulher não só dependente financeira, mas também emocional deste que não é simplesmente seu companheiro, mas seu tutor.

Importa frisar que nenhuma relação já se inicia no grau máximo de violência que pode ser atingido caso o convívio perdure, mas desde os primeiros encontros, o agressor já dá pequenos sinais que a companheira, por estar intensamente envolvida com ele, não percebe ou simplesmente releva. Santiago, após o casamento, sempre presenteia Capitu com joias e a leva para jantares e teatros, porém, seu ciúme infundado já havia sido demonstrado ainda nos tempos do namoro adolescente. O exemplo mais evidente é quando ele, ao despedir-se de Escobar, na primeira vez em que ele lhe visita, depara-se com Capitu observando-os pela janela e fica alterado quando um jovem passa e a cumprimenta. Isso torna a moça confusa ao pensar se deve ou não se portar à janela e com qual frequência poderá aproximar-se ou distanciar-se dela de modo a não perturbar seu parceiro. Após o casamento, ele informa aos seus leitores que seu ciúme, em vez de diminuir, aumenta.

> [...] é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei. Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. (ASSIS, 2019, p. 156)

Capitu não pode mais ser quem ela é. É tolhida em sua espontaneidade para falar e agir, porque "o menor gesto, a mais ínfima palavra ou uma insistência qualquer" (Ibidem) já eram suficientes para transformar um dia bom em ruim, pela oscilação de humor infundada causada pelo exagerado ciúme de seu marido. O não fazer ou não dizer nada também lhe custava a leveza do ambiente já que "muita vez só a indiferença bastava" (Ibidem). Era preciso que ela dispendesse muita energia, calculando minuciosamente cada gesto ou fala, para que o parceiro não suspeitasse sabe-se lá de quê. Fica implícito que ele a afasta, mesmo que indiretamente, dos amigos, incluindo os próximos, já que "um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, o enchia de terror ou desconfiança". (Ibidem) Como observa Schwarz, Capitu passa a viver autossequestrada

em sua própria casa, possivelmente, frequentando apenas os ambientes em que o marido estivesse e pudesse vigiá-la.

O casal, com pouco tempo de casado, também frequenta bailes, mas o marido passa a ter ciúmes de sua desenvoltura, pois ela se diverte enquanto dança graciosamente bem. Então, ele transfere a irritação para os braços da esposa que, em sua cisma, os homens não param de olhar, admirar e desejar. Santiago adverte-a de que, nos bailes seguintes, ela deveria ir com um vestido que os cubra.

"Uma das coisas insidiosas sobre a violência doméstica é que ela não começa com uma agressão explícita. Pode começar com o *gaslighter* sendo possessivo ou dizendo à parceira que as roupas dela são indecentes". (SARKIS, 2019, p. 116 e 117). Isso é grave porque desvia o foco do abusador para a vítima. Ele impede-a de vestir-se livremente da forma como se sente mais à vontade, o que, certamente, expressará sua personalidade por meio das cores, estampas, tecidos, tamanhos e formas que escolhe para seu vestuário cotidiano. Sendo coagida a escolher outros modelos "mais decentes", "menos chamativos", acaba por abrir mão de seu estilo para imprimir em si mesma a marca do outro. Ao privilegiar o gosto do companheiro, desprende-se de quem é, apaga-se, torna-se invisível. Além disso, a roupa que veste passa a ser justificativa para a violência contra ela. Em vez da atenção recair na atitude violenta, recai na roupa que a vítima estava usando no momento da agressão. Isso é grave porque, ao homem, não é cobrado que se vista de forma "mais decente" para que não se torne alvo de qualquer tipo de violência.

Outro indício de *gaslighting* é quando o parceiro usa de um silêncio constrangedor, muitas vezes até ignorando a presença da companheira em casa, como se ele estivesse sozinho e não acompanhado dela, com intenção de punição por algo que ela não sabe o que é e que, geralmente, nem fez. O silêncio, que pode se prolongar por dias, faz com que ela se sinta confusa e comece a cogitar ser é culpada pela desarmonia entre os dois.

> Muitos gaslighters têm uma ferida narcísica – uma ameaça à sua autoestima ou valor próprio. Por isso reagem com uma raiva narcísica. Essa fúria nem sempre é expressa verbalmente; ela pode ser silenciosa, mas é igualmente perigosa. Na verdade, quando o narcisista está cheio de raiva, geralmente demonstra uma estranha calma – capaz de causar arrepios. (SARKIS, 2019, p. 36)

Apesar de conscientemente ter certeza de que não fez nada que levasse o outro a agir de tal jeito, a culpa faz com que busque soluções para romper com o silêncio do marido que, além de constrangedor, passa a ser angustiante. "É muito normal que as pessoas se culpem pelo comportamento do parceiro. [...] Os gaslighters distorcem a realidade. Isso é definitivamente algo que se precisa observar". (SARKIS, 2019, p. 41). Age sozinha, sugerindo viagens, passeios curtos, jogos ou qualquer atividade que rompa o silêncio e desarme seu mau humor a fim de desfazer o clima tenso que se instaurou em seu lar pela imaturidade do outro em insistir em não dialogar, em um processo de fuga de cena. Isso acontece porque sua verdadeira intenção não é resolver nada e deixar que a atmosfera ruim permaneça como forma de prolongar o sofrimento da esposa. Esse "agir não agindo" é imaturo porque, na verdade, restaurar a paz deveria ser uma atitude, tomada em conjunto, pelo casal que deveria ser formado por dois adultos e não por um adulto e outro infantilizado. Ser pueril nestes momentos é uma forma que ele encontra de isentar-se de suas responsabilidades e fazer recair sobre ela toda a culpa pelo fracasso do relacionamento.

No capítulo CXXX, intitulado *Um Dia...,* é exatamente isso o que Santiago faz com Capitu:

> Um dia Capitu quis saber o que é que me fazia andar calado e aborrecido. E propôs-me a Europa, Minas, Petrópolis, uma série de bailes, mil desses remédios aconselhados aos melancólicos. Eu não sabia que lhe respondesse; recusei as diversões. Como insistisse, repliquei-lhe que os meus negócios andavam mal. Capitu sorriu para animar-me. E que tinha que andassem mal? Tornariam a andar bem, e até lá as joias, os objetos de algum valor seriam vendidos, e iríamos residir em algum beco. Viveríamos sossegados e esquecidos; depois tornaríamos à tona da água. A ternura com que me disse isto era de comover as pedras. Pois nem assim. Respondi-lhe secamente que não era preciso vender nada. Deixei-me estar calado e aborrecido. Ela propôs-me jogar cartas ou damas, um passeio à pé, uma visita a Matacavalos; e, como eu não aceitasse nada, foi para a sala, abriu o piano, e começou a tocar; eu aproveitei a ausência, peguei do chapéu e saí. (ASSIS, 2019, p. 173)

É importante observar que Santiago mente ao dizer a Capitu que está calado e aborrecido porque os negócios andavam mal, já que é ele mesmo que, em sua narrativa, no capítulo *Anterior ao anterior*, conta-nos que "a banca do advogado rendia-me bastante"

(ASSIS, 2019, p. 173). Sua implicância em não sentar e conversar sobre o que o angustia é a responsável por aumentar o mal-estar entre eles. Santiago faz isso porque vê-la aflita, alimenta seu desejo de vingar-se dela. "Eles [os gaslighters] mentem por nenhum motivo em particular – só para conquistar, controlar e confundir você". (SARKIS, 2019, p. 35)

Um episódio em que fica claro que o que Santiago deseja é suscitar culpa e preocupação em Capitu está no capítulo *Cismando*. Após o enterro do amigo, ele sente remorso por ter fantasiado traí-lo com sua esposa, a agora viúva Sancha, e cogita que Capitu também o amasse como Sancha amava Escobar, mas afasta o pensamento concluindo que era a antiga paixão que sentia por ela que o cegava. Logo, segue firme com seus planos de vingança, que era fazer com que, assim como ele sofria, ela também sofresse por uma traição que ele apenas suspeitava ter ocorrido, que nunca teria como provar e que julgava ter tido como possibilidade de comprovação por convicção, o modo como ela olhava para Escobar no caixão.

Ao sair do cemitério, pede que o motorista pare o carro, porque prefere voltar para casa a pé, caminhando a sós com suas cismas.

> A razão disto era acabar de cismar, e escolher uma resolução que fosse adequada ao momento. [...] Fui andando e cismando. Tinha já comparado o gesto de Sancha na véspera e o desespero daquele dia; eram inconciliáveis. A viúva era realmente amantíssima. Assim se desvaneceu de todo a ilusão de minha vaidade. Não seria o mesmo caso de Capitu? Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe a dissimulação, se houvesse algo que dissimular. O que aqui vai por ordem lógica e dedutiva, tinha sido antes uma barafunda de ideias e sensações, graças aos solavancos do carro e às interrupções de José Dias. Agora, porém, raciocinava e evocava claro e bem. Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar como sempre. Quando cheguei a esta conclusão final, chegava também à porta de casa, mas voltei para trás e subi outra vez a Rua do Catete. Eram as dúvidas que me afligiam **ou a necessidade de afligir Capitu com a minha grande demora?** (ASSIS, 2019, p. 169 e 170, grifo meu)

Outro é, ao final do capítulo *Otelo,* em que Santiago, pouco antes de ir ao teatro e assistir a famosa peça de Shakespeare, tem firme a ideia de se matar ingerindo veneno, porque não sabe mais o que fazer para lidar com a dúvida que o apavora bem mais que a convicção de que Ezequiel não é seu filho. Para o Casmurro, apenas tirar a própria vida

não bastaria, então escreve a Capitu uma carta para que, mais uma vez, a esposa se sentisse culpada pelas decisões e atitudes tomadas por ele. Não chega a cometer o suicídio, porém deixa registrado em seu livro que, se tivesse tido coragem e concretizasse seu plano, o teria feito com essa intenção.

> Cheguei em casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete, iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; **senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte.** (ASSIS, 2019, p. 178, grifo meu)

O ato é interrompido pela entrada de Ezequiel em seu gabinete. Então, ao invés de se matar, a ideia passa a ser assassinar o próprio filho, com o mesmo intuito de ferir Capitu, mas também fracassa nisso.

> Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino. (ASSIS, 2019, p. 180)

Contudo, em uma ação paradoxal, não aguentando guardar a dúvida só para si, revela ao menino que ele não é seu pai. Repete isso algumas vezes e quando percebe, Capitu está parada à porta sem entender o porquê de o filho estar chorando. Quando ele diz a ela o que lhe aflige há tempos, Capitu tem, então, a última peça que faltava para montar o quebra-cabeça da desarmonia do casal. "Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista de nosso foro". (ASSIS, 2019, p. 181).

O que Santiago tenta disfarçar com essa premissa de dissimulação é que Capitu verdadeiramente tenha ficado estupefata e indignada ao ouvi-lo dizer que ele não era o pai de Ezequiel. O Casmurro quer tanto acreditar que a esposa e o melhor amigo enganaram-no, que cria novamente um muro que, dessa vez, não tem uma portinhola que permita aos dois se encontrarem. O que Santiago faz é criar uma barreira que impede que as reações emocionais dela o atinjam. Por isso, julga como falsa uma reação que é de espontânea surpresa.

Capitu entende que a suspeita do marido só pode ser por causa da esquisita semelhança entre o filho e o amigo, que ela mesma já havia notado e apontado. Então, apenas responde a ele:

> **Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!** [...] Sei a razão disto; é a casualidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural! Apesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos fica bem dizer mais nada. (ASSIS, 2019, p. 181 e 182, grifo meu)

Ao assistir o desfecho da tragédia shakespeariana, conclui que "o último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer". (ASSIS, 2019, p. 178). Atitude esta que, se tivesse sido concretizada, atualmente seria julgada e possivelmente condenada como crime de feminicídio. Santiago deseja a extinção de Capitu, pois não suporta conviver, dia após dia, com a fantasiosa probabilidade de que ela o tenha traído. Caso este que, mesmo se fosse provado, julgado e a ré condenada, não justificaria tal ação extrema por parte dele, já que isso não seria justiça, mas sim, justiçamento, ou seja, barbárie estimulada pelo seu espírito vingativo.

> Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras [...] E era inocente – vinha eu dizendo rua abaixo. – Que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção... (ASSIS, 2019, p. 178)

Quanto à violência de danos morais, esta ocorre entrelaçada a outra que é psicológica. De acordo com Sarkis, configura violência emocional o fato de o parceiro "acusar a parceira de trair sem ter provas" (2019, p. 114). É tanto o que Santiago faz com ela em vida e que leva o casal a separar-se, quanto com ela, depois de já falecida,

ao escrever um livro que narra a sua história, induzindo seus leitores a acreditarem que ela havia sido adúltera.

> É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! (ASSIS, 2019, p. 191)

Falar de Capitu, sem ter como ela defender-se, acusando-a sem ter como comprovar tudo o que diz, também caracteriza danos morais, visto que é esta história narrada por ele que faz com que ela seja estereotipada como a dissimulada, com olhos de cigana oblíqua que, em sua versão dos fatos, o trai com seu melhor amigo.

> Eis por que o ciúme do homem tão facilmente desperta; vê-se nas lendas que a mulher, sem motivo, pode ser suspeita, condenada à menor desconfiança, como Geneviève de Brabant ou Desdêmona; antes mesmo de qualquer suspeita Grisélidis é submetida às mais duras provas. Esse conto seria absurdo se a mulher de antemão não fosse suspeita; não há necessidade de demonstrar suas culpas: a ela é que cabe provar sua inocência. (BEAUVOIR, 2019, vol. 1, p. 257)

Porém, sendo contraditório mais uma vez, e colocando o escritor hierarquicamente acima do marido ciumento, tem por últimas palavras um convite aos seus leitores. Esse convite denota praticidade e frieza da parte de quem se dizia tão penalizado. Não somente vira a página. Encerra a narrativa dizendo "Vamos à *História dos subúrbios*", que é o livro que ele cogitava escrever antes de Dom Casmurro, como se a história que acabara de contar fosse apenas mais uma e que, agora finalizada, já pudesse ver-se livre para começar a escrever outra.

> Quis variar e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, **pensei em fazer uma História dos Subúrbios** menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. (ASSIS, 2019, p. 11, grifo meu)

Agora que se vê livre do peso de guardar só para si a ideia de que Capitu havia lhe sido infiel, após difamá-la para quem estivesse disposto a ler suas páginas escritas contra ela, o Casmurro pode finalmente continuar vivendo sua vida em paz, com a consciência tranquila de quem apenas revidara um ataque. Vingança concluída, vida que segue. Que venham outras histórias! Que se inicie outro livro! Essa é a intenção que transmite ao terminar de forma tão prática uma história que faz questão de demonstrar, o tempo todo, ter sido, para ele, tão custosa de ser contada.

4) CAPITU DEPENDENTE EMOCIONAL DE SANTIAGO

Para caber no papel de esposa de Bento Santiago, Capitu diminui-se até desaparecer, literalmente, das vistas do marido que a exila nos Alpes Suíços. Ela aceita a separação sem contestar por perceber que o ciúme o corroera tanto, que mais nada do que ela tentasse argumentar adiantaria, pois ele estava convicto e recolhido em suas próprias verdades.

Porém, a mulher que passa por um relacionamento tóxico fica, de alguma forma, atrelada emocionalmente ao seu agressor em uma espécie de "síndrome de Estocolmo". É nesse sentido que, depois da morte da mãe, Ezequiel vai ao Brasil visitar o pai e revela-lhe os modos como a mãe continuara a falar sobre ele: "A mãe falava muito em mim, louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido". (ASSIS, 2019, p. 188). Ao ouvir do filho que a mãe "morreu bonita", ele responde secamente "vamos almoçar".

A violência psicológica é tão sutil que, muitas vezes, o que as mulheres pensam ser amor, é apenas dependência emocional. Depois de todos os momentos tensos que passaram ao lado do ex-marido, se existir qualquer brecha que as possibilitem de voltar a viver com ele, o vício, e não o amor, é o que fará com que voltem a morar com o agressor. Penso ser este era o caso de Capitu, que não soube inventar para si outra forma de viver que não fosse ao lado de Bentinho, vivendo, não a sua vida, mas a dele. Muitas mulheres veem-se incapazes de criar uma nova narrativa para elas, o que não significa que outra história seja impossível de ser criada.

Em Dom Casmurro, Capitu ainda tenta uma reconciliação com Santiago, mas ele está irredutível em sua decisão e inicia por responder brevemente suas cartas, até, por fim, ignorá-las de vez.

> Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. **As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a**
>
> **fosse ver.** Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. (ASSIS, 2019, p. 184)

O *ghosting* é um termo feminista utilizado para identificar o sumiço repentino de uma pessoa, no auge do relacionamento, que desaparece em vez de terminar o compromisso de forma madura, com uma conversa. Por meio de uma ruptura brusca e inesperada, faz com que a vítima sinta que o rompimento, de certo, ocorreu por algo errado em seu corpo, seu modo de pensar ou suas atitudes, já que é muito penoso para ela enxergar a verdade que consiste em que o outro simplesmente não quis mais continuar se relacionando com ela. A violência se dá pelo não fechamento de um ciclo, o que deixa a vítima esperançosa de que ele ainda vai voltar e justificar sua ausência.

> *Ghosting* ocorre quando um parceiro inicia o desligamento, muitas vezes sem que o parceiro não iniciador saiba imediatamente. A ausência de interação, a irregularidade nos padrões de comunicação e, às vezes, terminando abruptamente a comunicação fazem com que os não-iniciadores percebam que eles e seu parceiro não estão mais em um relacionamento. *Puf!* No ar, o parceiro desaparece, assim como o relacionamento. [...] *Ghosting* é uma prática de dissolução de base tecnológica, onde os iniciadores desengajados evitam o confronto direto e a discussão do estado do relacionamento, e utilizam a ausência tecnológica para evidenciar a saída do relacionamento.[1] (LEFEBVRE, 2017, p. 220 e 221, Tradução livre)

A falta de explicação para o fim faz com que a vítima pense que o outro foi embora por causa de alguma coisa errada ou inadequada que ela fez. Definitivamente, este não é o caso de Capitu e Santiago, que optam, de comum acordo, pelo fim do casamento. Porém, tudo leva a crer que Capitu morreu não de doença, mas de desgosto e tristeza. Sua morte precoce, estranhamente, não é detalhada por um narrador que até então vinha descrevendo tudo com riqueza de detalhes, principalmente, algo que induzisse seu público a duvidar da honestidade dela. Desse modo, se ela, de alguma

[1] Ver: LEFEBVRE, L.E. **Phantom lovers: Ghosting as a relationship dissolution strategy in the technological age.** In N. M. Punyanunt-Carter & J.S. Wrench (Eds.), *The impact of social media in modern romantic relationships* (pp. 219-235). New York, NY: Lexington Books, 2017.

forma, tivesse refeito sua vida amorosa ou simplesmente social, ainda que recatada, Santiago certamente teria usado isso contra ela.

O mais certo é que ela tenha vivido tão autossequestrada na Suíça como viveu na casa da Glória. Logo, conclui-se que o que a leva à morte é o descaso, o abandono pelo homem que amou e com quem conviveu por toda sua vida. Sem demonstrar nenhuma comoção, o fato é dito de forma seca, objetiva e curta, quando o Casmurro relata a visita de Ezequiel, dizendo apenas que "a mãe – creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suiça". (ASSIS, 2019, p. 187). Sabe-se que Capitu não viaja à Europa a passeio, mas apenas para livrar-se da "fofoca" carioca. Outro fato é que, mesmo tendo sido ela a pedir a separação e a aceitá-la com resignação, mostra-se arrependida e espera que Bento volte atrás em sua decisão, mas ele não o faz.

> – Confiei a Deus todas as minhas amarguras – Disse me Capitu ao voltar da igreja. – Ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou às suas ordens. Os olhos com que me disse isto eram embuçados, como espreitando um gesto de recusa ou de espera. Contava com a minha debilidade ou com a própria incerteza em que eu podia estar da paternidade do outro, mas falhou tudo. (ASSIS, 2019, p. 182 e 183)

Ela, possivelmente, entra em um estado de depressão profunda que a leva ao falecimento. Ao contrário dele que expõe que não deixou de aproveitar a vida com todas as regalias que esta vinha a lhe proporcionar.

Santiago tanto desejou que ela morresse, que sua partida definitiva, ao que parece, completou sua vingança. "Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada". (ASSIS, 2019, p. 175). Agoniante, para ele, era viver em um mundo em que ela existisse, portanto, ao invés do sofrimento e do luto, um regozijo com prostitutas e idas ao teatro, além de um livro em que a difama sem que ela tenha o direito de resposta.

> [...] Santiago reverte para a figura de José Dias: ela foi sempre a mesma fruta, podre desde a semente; enganava porque era dissimulada por natureza. Se fosse assim, certamente ela teria levado uma vida excitante na Suíça. Uma vez mais, todas as indicações estão contra ele. Ela viveu em reclusão (como Lívia, de Ressurreição), criando seu filho, amando Santiago, escrevendo-lhe cartas de partir o coração,
>
> pedindo-lhe que visitasse seu Ezequiel que, como observa Santiago, acreditava nela. Sabemos que ela era uma mulher fisicamente forte e saudável, embora tenha morrido jovem (no início dos quarenta anos), presumivelmente devido às amarguras do coração, não a uma vida de excessos. Foi Santiago que viveu essa vida. Sua alma, ele nos conta, não se fiou num canto como uma flor lívida e solitária; ele viveu o melhor que pôde – com prostitutas que o consolavam, bons jantares e peças de teatro. (CALDWELL, 2008, p. 102)

Quando diz que desde menina ela já era podre, comparando-a com uma semente que fosse incapaz de dar bons frutos, ele projeta nela sua própria história. O casmurro, desde sempre, fora ele, não Capitu. José Dias, no início do livro, tem seus motivos para querer afastar o casalzinho, mas com o passar dos anos reconhece e menciona a Santiago que:

> Aquela intimidade de vizinhos tinha de acabar nisto, que é verdadeiramente uma benção do céu, porque ela é um anjo, é um anjíssimo... Perdoe a cincada, Bentinho, foi um modo de acentuar a perfeição daquela moça. Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos, era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce... (ASSIS, 2019, p. 140)

Essas palavras são reforçadas por Bentinho ao declarar-nos o apreço que sua mãe, Dona Glória, sentia pela vizinha, em uma explícita vontade de que ele não se fizesse padre para poder casar com a "flor da casa".

> Capitu era naturalmente o anjo da Escritura. A verdade é que minha mãe não podia tê-la agora longe de si. A afeição crescente era manifesta por atos extraordinários. Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites;

> lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando. Minha mãe apalpava-lhe o coração, revolvia-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambas como a senha da vida futura. (ASSIS, 2019, p. 117)

É primeiro pela convivência com Santiago que tudo deve ser milimetricamente pensado, e depois pelo brutal afastamento que ele a submete, que ela deixa de ser "o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites" (Ibidem). Deixar de ser ativa para ser submissa às vontades do marido é o que faz com que ele, indiretamente, mate Capitu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi fazer uma leitura do livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis com um viés feminista que se contrapõe a uma consolidada crítica desta obra com foco apenas no possível adultério de Capitu e o comportamento desta personagem, considerada livre demais para uma mulher do século XIX. Essa mulher, que deveria comportar-se de acordo com as regras de etiqueta de uma dama da sociedade e guardar para si tudo o que pensava e sentia, mostra-se espontânea e, por isso, é considerada atrevida. É esse atrevimento que foi julgado, já que em nenhum momento da história há provas concretas que evidenciariam a traição.

O objetivo também foi desviar o foco do "traiu-não-traiu", já debatido à exaustão por críticos e leitores, e colocar luz no relacionamento entre ela e Bentinho. Com esta mudança de perspectiva, foi enfatizado o ciúme excessivo de Bento Santiago e o modo controlador que ele tem de agir. Por não suportar a ideia de perdê-la, ele a perde, tanto do ponto de vista da separação física do casal quanto pelo fato de ela diminuir-se ao longo do tempo para caber dentro das expectativas do marido e do modelo de casamento imposto socialmente.

Foi feito um paralelo com a Lei Maria da Penha para mostrar como Capitu estava envolvida em um relacionamento tóxico e, portanto, sofria abusos psicológicos por parte do marido. Isso deixou evidente que Santiago fazia "gaslighting", mas descartou-se a possibilidade de "ghosting".

A intenção foi denunciar o comportamento abusivo de Bento Santiago, que faz com que Capitu perca sua espontaneidade e vitalidade evidentes no início da história, no

período de namoro e noivado, e seu apagamento e submissão ao esposo após o casamento, o que tem como consequência seu silenciamento.

Ao colocar uma lente de aumento sobre o relacionamento abusivo e não na possibilidade de traição, procuro apenas mudar a perspectiva de leitura respeitando a obra machadiana que continua aberta para debates e passível de muitos outros estudos a seu respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis.** São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2008.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

LEFEBVRE, L.E. **Phantom lovers: Ghosting as a relationship dissolution strategy in the technological age.** In N. M. Punyanunt-Carter & J.S. Wrench (Eds.), *The impact of social media in modern romantic relationships* (pp. 219-235). New York, NY: Lexington Books, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **O crepúsculo dos ídolos.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche.** Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea. Brasília, vol. 4, nº 1, p. 34-43, 2016.

SARKIS, Stephanie Moulton. **O fenômeno gaslighting.** São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas.** 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

A falta de narrativa e perda de subjetividade na sociedade da transparências em Byung-Chul Han

Alcimare Silva Dalbone[12]

RESUMO

Este presente trabalho tem por objetivo relacionar a falta de narratividade que permeia a Sociedade da Transparência segundo Byung-Chul Han por meio da dispersão e dissociação temporal que se fazem evidentes no uso das redes sociais no que tange ao alto nível expositivo, principalmente, de fotografias postadas aleatoriamente e que, portanto, perdem a profundidade contida na narração existente na época das fotografias analógicas. Será abordada também a perda da narratividade devido ao sumiço do texto mediante a valorização de imagens, vídeos e textos curtos para alimentar as redes sociais.

Palavras-chave: Narratividade; Transparência; Fotografias; Redes Sociais.

ABSTRACT

This present work aims to relate the lack of narrativity that permeates the Society of Transparency according to Byung-Chul Han through the dispersion and temporal dissociation that are evident in the use of social networks in terms of the high level of exposure, mainly of photographs posted randomly and which, therefore, lose the depth contained in the existing narration at the time of analogue photographs. The loss of narrativity due to the disappearance of the text will also be addressed through the enhancement of images, videos and short texts to feed social networks.

Keywords: Narrativity; Transparency; Photographs; Social media.

12 Autora correspondente: maredalbone@hotmail.com

1) INTRODUÇÃO

Em Sociedade da Transparência, o filósofo coreano Byung-Chul Han relaciona o excesso de positividade atual com a falta de narratividade que surge com o enfraquecimento dos rituais. Neste trabalho, será enfatizado o ritual que permeava a época analógica das fotografias que eram concretas e duradouras e não digitais e fugidias. Etimologicamente fotografia significa escrever com luz. Sem iluminação não era possível a captura e consequente grafia da imagem que necessitava do escuro para revelar-se. Revelar, retirar o véu, desvendar, mostrar-se após um período em que se esteve oculto. Era a partir do negativo que surgia a imagem escrita com luz. E isso continha um tempo ritualístico. Não era de imediato que a imagem surgia após a foto ter sido batida. Era necessário esperar o tempo da revelação.

Em complemento a esse ritual, depois de reveladas, as fotografias eram organizadas em um álbum que tinha a função de narrar a história familiar ou pessoal por meio daqueles momentos fotografados. Atualmente, na sociedade da transparência, a tecnologia digital permite que a foto tirada seja imediatamente vista, perdendo assim o tempo do mistério do que viria a ser revelado. E a exposição das imagens deixa de ser em um álbum, geralmente em ordem cronológica, para ser postada nas redes sociais de forma, muitas vezes, aleatória e, portanto, descontextualizada, ou seja, sem tempo e espaço definidos, perdendo a narratividade contida em uma linha do tempo da história que poderia ser pessoal ou familiar e que, de alguma forma, contribuía para o processo de subjetivação do indivíduo.

Este processo de subjetivação vem sendo perdido pelo excessivo uso de redes sociais, que prende o sujeito em uma armadilha de padronização tanto na aparência quanto no modelo de postagens a serem publicadas. O modelo antigo de panóptico de Bentham, sugerido por Foucault, onde um controlador vigilante se posicionava no centro e os controlados vigiados ficavam ao redor e quem se comportasse de maneira inadequada, que ameaçasse a quebra do sistema era punido já não existe mais."...não vivemos o final do panóptico, mas o começo de um novo tipo de panóptico:

aperspectivístico". (HAN, 2019, p. 106)

Neste novo modelo, o controle acontece de modo sutil por meio de uma ilusão de liberdade de ação.

Ninguém mais é obrigado a se expor, mas o que se vê não é um aumento da preservação da intimidade, ao contrário, a nova ideologia traz em seu cerne a hiperexposição, com a premissa de que, quem não se expuser estará excluído do sistema. O que permite que a violência não seja percebida e repreendida é que "o que assegura a transparência não é o isolamento, mas a hipercomunicação". (HAN, 2019, p. 108)

No afã de estar sempre visível nas redes sociais, sobra cada vez menos tempo para se dedicar a uma leitura mais densa e profunda, porque se gastam as horas do dia rolando imagens e vídeos aleatórios e/ou produzindo estes conteúdos para alimentar as redes sociais. A pressa cotidiana e a exigência para se estar sempre visível nestas redes em que apenas imagens e vídeos são postados está provocando um fenômeno preocupante: o desaparecimento do texto escrito. Este espaço virtual onde todos querem falar, mas ninguém quer se ouvir, está contribuindo também para o fim da narrativa.

2) A NEGATIVIDADE E A POSITIVIDADE

É importante ressaltar que na obra de Han, a chamada negatividade é algo necessário para o bem estar da humanidade, mas que em uma sociedade capitalista hiperativa, hipercomunicativa e hiperinformativa é algo que se torna raro de acontecer, já que não corrobora com o alto índice de produtividade que nunca é satisfatório. Sempre se precisa atingir metas cada vez mais inalcançáveis. Para o filósofo coreano tudo que interrompe a atividade e gera algum nível de reflexão é negativo para a sociedade da transparência. A pausa, o descanso, a meditação, a contemplação, a lentidão, a angústia, a ira, por exemplo, podem acarretar o questionamento da atual ditadura sistêmica do excesso de positividade.

O excesso de positividade é a crença de que não o estado, mas o indivíduo é o único responsável por seu fracasso ou sucesso, ou seja, por seu desempenho, que seria

meritocrático. Logo, fica evidente a mudança estrutural que faz com que a sociedade disciplinar se enfraqueça fortalecendo o que Han denomina sociedade do desempenho. O desempenho em si não é o problema, a questão é quando um ótimo desempenho nunca é suficiente porque a produtividade pode ser sempre maior e melhor. É isso que gera o excesso de positividade que leva ao esgotamento.

Segundo Han, a sociedade do desempenho pode ser também chamada de sociedade do cansaço. Essa constante busca

por melhor desempenho não é exclusiva somente ao que se refere ao trabalho, mas passa a ser uma exigência em todas as esferas da vida hipercapitalista. Segundo Han:

> A intenção que está ao fundo desse conceito é que toda a pessoa, toda sua vida é transformada num valor puramente comercial. O hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais. [...] Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-a completamente pelo valor de mercado. (2020, p. 127)

Os corpos não são bons nem belos o suficiente, nem a alma é espiritualizada o suficiente. Nunca os cursos de autoajuda ministrados por *coaches* estiveram tão em voga, assim como as cirurgias plásticas puramente estéticas. E, para provar que o indivíduo ao menos se esforça é que ocorre a autocobrança de ser empreendedor de si mesmo, com a autoexigência de expor tudo para todos nas redes sociais o tempo todo. Torna-se uma mercadoria que necessita ser exposta, porque caso não seja, seguindo o pensamento do atual modelo social, corre o risco de não ser lembrada. Uma frase típica dessa sociedade é "quem não é visto, não é lembrado". Conforme Han "Essa supervisão total degrada a *transparent society* a uma sociedade de controle desumana, na qual todos controlam todos". (2019, p. 110)

Esse hipercontrole do desempenho faz com que a filosofia central de Descartes, Penso, logo existo, seja substituída por Posto, logo existo.

3) A FALTA DA NARRATIVIDADE

As maneiras possíveis de se narrar uma história são: utilizando as palavras, imagens, ou palavras e imagens. É interessante observar que muitos momentos da vida podem ser narrados apenas por fotografias ou por fotografias legendadas. No século XX, o álbum de fotografia era a opção ideal para a criação dessa espécie de diário imagético. E funcionava por respeitar a cronologia das fotos que ali seriam guardadas para serem mostradas apenas para os próprios familiares ou para os amigos mais próximos. Montar o álbum era um ritual que, além de fortalecer a memória visual, também exigia um processo de seleção das fotos escolhidas para compor a narração daquela história a ser revelada. A sequência de fotos ganhava um forte sentido dentro daquele contexto familiar. O álbum era bem próximo de uma composição sagrada para aquelas pessoas. A alma, de certo modo, estava presente ali, no retrato que era cuidado e protegido para que não se perdesse, sujasse ou rasgasse numa simbologia possível de proteção para as pessoas reais fora da fotografia. Havia um medo enorme de perder a foto pela preocupação do uso maldoso que a pessoa que a encontrasse poderia fazer dela.

Em caso de brigas com separações dolorosas, havia o ritual de rasgar a foto ou recortar dela a pessoa causadora do sofrimento em uma forma simbólica de concretizar a separação e exorcizar a dor.

Segundo Marx, "tudo que é sólido se desmancha no ar" e Bauman, na década de 1990, vai teorizar a "liquidez da sociedade", onde nada mais é palpável e permanente, o que será visivelmente potencializado na era digital da sociedade do desempenho e da transparência. "A sociedade da transparência elimina todos os rituais e cerimônias, visto que não podem ser operacionalizados, pois são impeditivos e atrapalham a aceleração da circulação da informação, da comunicação e da produção". (HAN, 2019, p. 71) Na atual sociedade, o álbum é digital e acessível por meio de grande parte das redes sociais. Na era da imagem digital virtualmente exposta, o alto índice de visibilidade é que gera o valor mercadológico. Isso por si só já é bem grave, porque vai impulsionar o desejo em gerar

conteúdo, não só por quem é profissional, mas por todos. A máxima do "posto, logo existo" faz com que tudo deva ser postado fazendo das redes uma grande massa de postagens aleatórias e desconexas, onde as imagens não mais narram histórias; misturadas com tantas outras, viram apenas estatísticas, mais uma foto que pode ou não ser vista e curtida. O que seria a narrativa individual ou familiar de tal indivíduo se perde no fluxo de imagens que em nada se aproxima da história que não pode mais ser narrada por ter se esvaziado de sentido.

> A coação por exposição nos rouba, em última instância, nossa própria face. Desse modo, a absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade. O problemático não é o aumento das
>
> imagens em si, mas a coação icônica para tornar-se imagem. Tudo deve tornar-se visível; o imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade. E é nisso que está seu poder e sua violência. (HAN, 2019, p. 35)

Dessa forma, o problema não é a aceleração das postagens e nem o grande número de imagens postadas, mas a perda da cronologia que possibilita a narratividade. Conforme Han:

> A atual crise epocal não é a aceleração, mas a dispersão e a dissociação temporal. [...] Com isso o tempo se torna aditivo e esvaziado de toda e qualquer narratividade. [...] E visto que não é a aceleração em si que representa o verdadeiro problema, sua solução não reside na desaceleração. A mera desaceleração não cria cadência, ritmo nem perfume, não impedindo *a queda para dentro do vazio*. (2019, p. 77 e 78)

Faz-se necessário resgatar a solidez das narrativas para evitar a liquidez das histórias de vida, que é o que, atualmente, se desmancha no ar.

3) AS REDES SOCIAIS E O DESAPARECIMENTO DO TEXTO ESCRITO

Sabe-se que texto é tudo o que pode ser lido. Assim, pode-se ler palavras escritas, imagens, vídeos e inclusive pessoas. Enfatizo, neste estudo, o desaparecimento do texto escrito atrelado à nova forma de comunicação em memes que vigora hoje por meio das redes sociais, principalmente Instagram e TikTok.

Recuando um pouco no tempo, voltando para a época em que computadores e internet foram popularizados, no início dos anos 2000, para uso pessoal, o que se destacava era a grande produção de blogs. Para se criar um era necessária muita leitura para a criação de um conteúdo semanal e consistente. Para uma abrangência internacional ainda traduziam-se seus textos para o inglês e espanhol. Era necessária muita leitura tanto por parte de quem produzia quanto por parte de quem os acessava.

Com o surgimento do Facebook, algum fragmento disso permaceceu, visto que diante de alguma indignação as pessoas extravasavam suas angústias por meio do "textão" que ainda era lido. Atualmente, com o advento do Instagram e do TikTok, isso se perdeu. "Um único conhecimento pode colocar em questão e transformar tudo o que já existe em sua totalidade, mas a informação não tem essa negatividade". (HAN, 2019, p. 71) As pessoas apenas rolam imagens e vídeos para cima em um excesso de informação que não se transforma em conhecimento, pois fica disperso e fragmentado na memória.

> Está comprovado que uma maior quantidade de informações não leva necessariamente à tomada de decisões mais acertadas. A intuição, por exemplo, transcende as informações disponíveis e segue sua própria lógica. [...] A sociedade da transparência não tolera lapsos de informação nem lapsos visuais, mas o pensamento e a inspiração necessitam de um vazio. (HAN, 2019, p. 16 e 17)

Vazio, neste caso, significa tempo ocioso para que se tenha um maior contato

consigo mesmo, com seus desejos mais genuínos, para encarar seus medos e vulnerabilidades e elaborar uma melhor possibilidade de lidar com a angústia. No entanto, na sociedade da transparência, essa pausa nos é negada. Por isso a urgência na aceleração do tempo em uma ilusória otimização deste. Assim, uma legenda de cinco linhas em uma postagem do Instagram já é considerada muita coisa para ser lida. No TikTok, vídeos aleatórios de quinze segundos são trocados por outros antes mesmo de sete segundos visualizando-os. Se não há mais paciência para um vídeo curto, imagine para um de apenas cinco minutos do YouTube, que se tornam longos cinco minutos.. Talvez seja visto acelerando o tempo de vídeo com os novos recursos oferecidos para reduzir pela metade o tempo real de duração da palestra. Será que o futuro da escrita está nos 140 caracteres permitidos no Twitter?

De fato temos os jornais online, porém o texto deste foi drasticamente reduzido em comparação com o tamanho do que era produzido para uma reportagem em um jornal impresso.

A resistência à perda da narrativa se dá por uma pequena parcela de pessoas que não abre mão da leitura de livros e continua a luta constante pelo incentivo à leitura tanto de autores clássicos quanto de contemporâneos; tanto de livros técnicos, quanto de ficção. E até mesmo entre estes, considerados leitores assíduos, percebe-se uma redução da frequência de leitura em detrimento ao tempo que se gasta em redes sociais e do poder de concentração devido à dispersão que o uso prolongado destas redes causa.

Com a redução da leitura de textos feitos por palavras escritas, mais longos e mais densos, nota-se, portanto, não só a redução da concentração, mas também da capacidade de interpretação tanto do que foi dito nas linhas quanto dos não-ditos, das entrelinhas, deixando, com isso, de se atingir as camadas mais profundas que poderiam ser alcançadas. A perda não é só da narrativa, mas também da compreensão do que até então se é narrado.

4) A QUEM INTERESSA A PERDA DA NARRATIVIDADE?

A perda da narratividade gera uma despersonalização do ser humano, o que interessa ao sistema neoliberal que só se preocupa com lucros. Caminha-se, cada vez mais, para uma padronização da humanidade. Ao sistema interessa que gostemos das mesmas coisas, usemos os mesmos aplicativos e tenhamos a mesma cara. "A transparência é um estado de simetria. Assim, a sociedade da transparência busca eliminar todas as relações assimétricas". (HAN, 2019, p. 45) Sejam todos empreendedores de si mesmos. Produção e consumo padronizados com receitas prontas de como alcançar o sucesso e ser feliz. Grave "stories" no Instagram todos os dias, faça harmonização facial para uma melhor aparência no vídeo. Aceite fazer todas as "publis" possíveis, já que é assim que você vai conseguir pagar as contas no final do mês. Adoeça, deixe de ser quem é, mas dê lucro ao sistema.

> As coisas tornam-se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço. O dinheiro, que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (Hölle) do igual. (HAN, 2019, p. 10)

Ao contrário dos criadores de blogs que produziam conteúdos riquíssimos, atualmente o que se vê é a necessidade de se estar em evidência, mesmo que para isso se fale de algo sobre o qual não se é e nem se pretende ser especialista. Há, portanto, o fenômeno do surgimento dos criadores de conteúdo sem conteúdo algum, pois há a cobrança de se postar todos os dias para que não se perca engajamento e seja esquecido. Essa cobrança faz com que as pessoas gastem a maior parte de seus dias no mundo virtual e se afastem do real. As metas, cada vez mais inatingíveis, trazem a sensação de fracasso, o que gera um aumento do nível de ansiedade e de casos de depressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, observou-se que as redes sociais, em sua forma de funcionamento, geram dispersão e falta de concentração. Isso, juntamente com a

obrigatoriedade imposta pelo próprio indivíduo de postagens de fotos e vídeos para se manter sempre visível e com alto engajamento, gera a perda do tempo cronológico, tornando cada vez mais rara a narratividade. As redes sociais, de alguma forma, são um espaço virtual onde se fala muito sobre nada, do ponto de vista de que muita informação não necessariamente se transforma em conhecimento.

Com o desaparecimento do texto em detrimento das imagens e vídeos, perde-se a narrativa e, com isso, fragmenta-se a subjetividade, pois o que poderia ser registrado como história pessoal ou coletiva fica cada vez mais pulverizado e fora de contexto em uma padronização preocupante não só de modelos de postagens, mas também de aparência física, pensamentos e atitudes. Observou-se também que a ausência de rituais corrobora para o empobrecimento da subjetividade que gera, em consequência, a perda da narratividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência.** Petrópolis: Editora Vozes, 4ª reimpressão, 2019.

_____. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Editora Vozes, 9ª reimpressão, 2020

Relatos Historiográficos

A literatura nos jornais de Barra Mansa

Nikson Salem[13]

RESUMO

Pequeno estudo sobre a instalação das primeiras tipografias no Brasil e consequentemente do primeiro jornal publicado em Barra Mansa, com destaque para as primeiras obras literárias publicadas no município.

No início do século XVIII, instalou-se na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, uma pequena tipografia para a impressão de letras de câmbio e orações devotas, que foi suprimida por Carta Régia de 8 de junho de 1706, a qual determinava "sequestrar as letras impressas e notificar os donos de tipografia para que não imprimissem livros ou papéis avulsos". Outra tentativa de se instalar uma tipografia no Brasil foi a do português Antônio Isidoro da Fonseca que, em meados do século XVIII, se acomodou no Rio de Janeiro com seus equipamentos e até chegou a imprimir algumas obras, mas, infelizmente, por meio da Carta Régia de 6 de junho de 1747, a Corte de Lisboa determinou o retorno de Antônio Isidoro para Portugal e passou a proibir a instalação de tipografias e a publicação de livros e papéis avulsos no Brasil.

Com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, impôs-se, naturalmente, um conjunto de medidas necessárias à acomodação da Corte e à satisfação das novas demandas administrativas, entre elas, destacou-se a criação da Impressão Régia, em 13 de maio de 1808, dando início à publicação de jornais e livros. Sua criação representou o fim da proibição de instalação de tipografias, que vigorou durante o período colonial.

Ao longo do século XIX, o texto literário encontrou nos jornais sua via de divulgação, uma vez que, publicar livros era uma tarefa para poucos, dada a precariedade das atividades editoriais e do alto custo.

No município de Barra Mansa, o primeiro jornal surgiu no dia 3 de janeiro de 1877, com a publicação da Aurora Barramansense, periódico literário, agrícola e noticioso, fundado por Jesuíno Attaliba Bittencourt, que instalou sua tipografia na Av. Joaquim Leite, nº 177. Através das páginas da Aurora, os leitores encontram as mais variadas notícias e seções dedicadas exclusivamente às obras literárias (romances, folhetins, crônicas, contos, poesias e ensaios críticos), das quais, muitas eram publicadas sem o título, sem assinatura ou assinadas por autores que optaram

[13] Presidente da Academia Barramansense de História. Autor correspondente: niksonsalem@hotmail.com

por adotar um pseudônimo. Há trabalhos de escritores de várias partes do Brasil e local, entre eles, o que apresenta a assinatura de S. Algemiro, autor da poesia "A Ilusão", a primeira publicada na Aurora que se tem registro.

A Ilusão

Doce companheira de minha vida,
Porque me abandonas-te tão cedo!
Tu que minha alma ingênua seduziste,
Mostrando-lhe um porvir tão ledo!
Tu que foste no desabrochar da vida
A voz de minha alma, a amante de meu peito,
A vida que vivi, os sonhos que sonhava
A voz suave que me embalava o leito...

Porque me foges? ...porque tão cedo
Me abandonas neste árido deserto?
Não vês que a vida esvai-se
E que o espírito sedento vagueia incerto?

Não vês que sem ti, as crenças belias
O mundo celestial que me mostraste
Tudo de mim desapareceria em breve
E voltaria o esqueleto que apagaste?

Oh! Não me fujas! Em febris insônias
Pálidas noites velei contigo...
Lá nessas horas em que tudo é morto
Um ente te ouvia, um só, teu amigo.

Oh1 fala-me ainda! Essa voz divina
Faz de eflúvios transbordarem-me a alma,
Repete sempre essas mágicas falas,
E nos transes da vida não perderei a calma.

Oh! Vem... e amemo-nos sempre
Voemos ainda aos mundos teus!
Quero contigo abater exausto
E voar de um amplexo aos pés de Deus!

Dois anos mais tarde, em 1879, foi publicado nas páginas da Aurora o primeiro trabalho escrito por uma mulher - Maria Amália Vaz de Carvalho - escritora portuguesa que na época conseguiu entrar nesse mundo dominado quase exclusivamente pelos homens, que se tornou profissional das letras no contexto

português e brasileiro, reconhecida como autoridade quando o tema era o universo feminino.

Pecadora

Pobre mulher! Ecôa-me,
Nesta alma entristecida,
Da tua voz dorida
A flébil vibração!
Do teu caminho aspérrimo
Ferem-me as sarças duras,
E as tuas amarguras
Sinto-as no coração.

Tu eras rosa esplendida
De viço e de perfume,
Queimou-te o rubro lume
Do desejar sem fim.
Sonhaste no mistério
Das murmurosas selvas,
No doce olor das relvas,
No plácido do jardim.

E hoje o teu rosto mórbido
Traduz quanto suplico
Pode infringir o vício,
A quem renega os céus,
Chame-te o mundo réproba,
Eu chamo-te iludida...
Pobre mulher perdida!
Lavem-te os prantos meus.

Chora mulher! As lágrimas
Lavam a dor e o crime,
Benção do céu sublime,
Que nos legou Jesus,
São como o orvalho célico
Descendo a flor pendida...
Trazem aos mortos – vida,
Trazem as sombras – luz.

À medida que a imprensa se desenvolveu no país, a produção de material impresso em Barra Mansa encontrou condições para expandir-se e ao longo de cem

anos (1877-1977) surgiram aproximadamente oitenta novos periódicos, entre os quais, destacamos a Gazetinha, Cartão Postal, A Evolução, A Semana, Projeção e O Sul Fluminense, que reservam em suas páginas um espaço para a publicação de trabalhos dos escritores locais, tais como: Henrique Zamith (1888-1939), autor do Hino à Barra Mansa e do livro "As Cores, Crônicas e Poesias"; Luiz Pistarini (1877-1918), autor do Hino de Resende e dos livros "Bandolim" e "Sombrinhas Postais"; e o jornalista e poeta José Lourenço (1913-1995), autor dos livros "Canteiro de Saudades", "Jardim Sombrio" e "Cantigas que o vento leva". Temos ainda que evidenciar outros dois grandes nomes que surgiram nos jornais e alcançaram projeção nacional: Fagundes Varella (1841-1875), um dos maiores expoentes da poesia brasileira da segunda geração do romantismo e autor de dez livros; e Lacyr Schettino (1914-2004), escritora premiada no Brasil e no exterior, com extensa obra que inclui poesias, pesquisas históricas, traduções, crítica literária e literatura infantil.

Por fim, é preciso destacar o papel fundamental que os jornais exerceram na formação e ampliação do público leitor, estimulou a produção literária e contribuiu de forma significativa para o aparecimento de novos escritores.

Referencias:

JORNAL AURORA BARRAMANSENSE. Barra Mansa, 1877-1889. Semanal.

LAJOLO, Marisa. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1999.

MEYER, Marlyse. Folhetim, uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLINA, Matías M. História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500- 1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. V. 1.

RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822. São Paulo: Imprensa Oficial, 1988.

ROMERO, Sílvio. História da Literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

As primeiras instituições educacionais de Barra Mansa

Nikson Salem[14]

RESUMO

O texto apresenta um resumo sobre o início da instrução pública no Brasil e em Barra Mansa, onde é mencionado o primeiro Decreto que versa sobre o tema e também aborda as principais escolas fundadas em Barra Mansa no período de 1833 e 1942.

A primeira lei sobre a instrução pública no Brasil foi criada por Decreto do Imperador D. Pedro I, no dia 15 de outubro de 1827. A lei abordava os métodos e programas de ensino, práticas pedagógicas e a remuneração dos professores, mas sua maior contribuição foi determinar no artigo 1º a criação de Escolas de Primeiras Letras em todas as cidades, vilas e lugares populosos. No entanto, poucas localidades possuíam edifícios escolares ou condições para construí-los, com isso, a solução foi oferecer aulas na casa do professor ou na residência do aluno, posteriormente, passaram a utilizar prédios alugados para tal finalidade. Ainda de acordo com a lei, os professores deveriam instruir os meninos a leitura e a escrita, as operações aritméticas, noções de geometria, gramática da língua nacional, princípios de moral cristã da religião católica, leitura da constituição do império e da história do Brasil. Na instrução das meninas, os professores deveriam substituir as aulas de noções de geometria pelas prendas domésticas (costurar, bordar, cozinhar). Em Barra Mansa, a **Escola de Primeiras Letras** foi criada no dia 20 de dezembro de 1833, com aulas lecionadas na residência do professor José da Costa Ferreira, o primeiro educador de Barra Mansa. As escolas com sede própria ou alugada só surgiram em 1863, com a fundação do **Ateneu Barramansense**, com ensino exclusivo para os meninos, e o **Colégio Ornélia Schimit**, reservado para as meninas. Depois surgiu o **Instituto Barramansense**

[14] Presidente da Academia Barramansense de História. Autor correspondente: niksonsalem@hotmail.com

(1869), fundado pelo Dr. Miguel Arcanjo da Costa e Silva; o **Colégio Emulação da Juventude** (1870), dirigido pela D. Maria Fortunata de Almeida Bastos; o **Colégio São Sebastião** (1874), sob a direção do professor Pedro Ribeiro Vianna; o **Colégio Figueiredo** (1877), de propriedade de Bento José de Sá Figueiredo; a **Escola Noturna para Adultos** (1878), fundada pelo professor Eduardo dos Santos Rodrigues, a primeira a oferecer aulas noturnas; o **Colégio Santos Silva** (1878), criado pelo professor Miguel dos Santos Silva, com aulas primárias e secundárias; o **Colégio Interno** (1879), do professor José Joaquim de Mendonça Cardoso; o **Colégio Ramos Leal** (1880), fundado pelo professor de francês Antônio Ramos de Oliveira Leal; o **Colégio de Meninas** (1880), do professor Henrique Augusto de Siqueira, com aulas de francês, geografia, música, piano e canto; e o **Colégio Santa Cruz** (1883), fundado pela professora Francisca de Paula da Rocha Muniz. No ano de 1883, o então presidente da Câmara Municipal, Joaquim Leite Ribeiro de Almeida, mandou construir as primeiras **Escolas Municipais de Barra Mansa**, distantes do centro da cidade, pois segundo ele, a intenção era levar instrução aos filhos dos pobres que residiam fora do centro e não podiam pagar pelos estudos. Em 1884, a professora Adelaide da Cruz Magalhães fundou o **Colégio Santa Adelaide**, com aulas de primeiras letras, trabalhos de agulha, leitura em prosa e verso, caligrafia, francês e geografia. Depois, foi criado o **Externato para Meninas** (1885), da professora Gertrudes Maria de Santa Rosa; o **Colégio Progresso** (1886), da professora Carolina de Boucherville; e o **Externato São Pedro** (1887), do professor Pedro de Boucherville, com aulas de português, inglês, francês e alemão. No mesmo ano, foi fundado o **Internato Barramansense**, do professor Hercílio Alves Machado; e a **Escola Noturna Vieira da Silva**, mantida na época pela Loja Maçônica Independência e Luz. Hoje, a escola é administrada pela Prefeitura Municipal e denomina-se Centro Educacional Integrado Saturnina de Carvalho e Vieira da Silva.

Em 1889, foi inaugurado o **Colégio Lameira de Andrade**, dirigido pelo professor Boaventura Plácido Lameira de Andrade, e o **Externato Culto a Instrução**, do professor Telles Guimarães. No ano de 1896, o Governo do Estado adquiriu um casarão ao lado da Praça da Matriz para abrigar a **Escola Normal de Barra Mansa**, com o objetivo de formar professores para atuar no ensino primário. Cinco anos depois, o casarão passou a

abrigar o **Grupo Escolar Honorato de Carvalho**, que mais tarde teve o seu nome alterado para **Escola Complementar Fagundes Varella**. Em 1949, os alunos do Fagundes Varella foram transferidos para um novo prédio e outra vez teve o nome alterado, desta vez, a denominação escolhida foi **Grupo Escolar Barão de Aiuruoca**, que funciona até os dias atuais. Com a transferência da escola, o antigo casarão passou a abrigar o Fórum de Barra Mansa, até ser demolido em 1983. Em 1912, quatro novos educandários foram inaugurados: **Colégio Amor à Ciência**; **Colégio Bom Conselho**; **Escola União** e o **Colégio Nossa Senhora da Conceição**. No dia 15 de agosto de 1915, foi fundada a **Escola Doméstica Cecília Monteiro de Barros**, também conhecida como Asilo das Órfãs, a mais antiga em atividade no município.

Em 1920, o professor Pedro de Oliveira Vaz fundou na Rua Andrade Figueira, no centro, o **Colégio Pedro Vaz**, com turmas para alunos internos e externos. Em 1922, o professor Henrique Zamith fundou o **Externato Santo Antônio**, que inicialmente funcionou na Rua Nilo Peçanha e depois foi transferido para a Loja Maçônica Independência e Luz. No mesmo ano, o Governo do Estado inaugurou a **Escola da Figueira**, situada no local onde mais tarde foi construída a fábrica da Nestlé. A diretora da escola era a professora Maria Luiza Gonzaga, que também era responsável pela **Escola do Tijuco**, antigo nome do bairro Saudade.

No dia 23 de janeiro de 1933, o professor José Correia Pinto instalou uma escola em uma casa situada ao lado da Igreja Matriz, que, no ano seguinte, foi municipalizada e passou a denominar-se Ginásio Municipal. Três anos depois, a prefeitura transferiu a administração do ginásio para a Congregação do Verbo Divino, que encaminhou os alunos para o prédio que ocupa até hoje e alterou o nome para **Colégio Verbo Divino**. Em 1934, de acordo com o relatório apresentado pela Prefeitura Municipal, haviam 486 alunos matriculados nas seguintes escolas: **Ginásio Municipal** (Centro), **Teixeira de Mello** (Centro), **José do Patrocínio** (Cotiara), **Domício da Gama** (Viaduto), **Euclides da Cunha** (Saudade), **Mucio da Paixão** (Quatis), **Azevedo Cruz** (Floriano), **Alberto Torres** (Ano Bom), **Benta Pereira** (Joaquim Leite), **Vieira da Silva** (São José), **Pessôa de Barros** (C. Alegre), **Ibrantina Cardona** (Volta Redonda), **Quintino Bocaiuva** (Afra), **Luiz Pistarini** (Cachoeirinha) e **Raul Pompeia (Sant'anna).** No dia 17 de abril de 1942, foi

fundado o **Colégio Nossa Senhora do Amparo**, com isso, o setor feminino do Colégio Verbo Divino foi transferido para o Amparo e só retornou para o CVD em 1969.

Referências

ALMEIDA, Antônio Figueira. **Memória Comemorativa do 1º Centenário**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Tipografia Arlindo, 1932.

ALMEIDA, José Ricardo Pires. **História da instrução pública no Brasil** (1500-1889). Brasília/São Paulo, INEP/PUC-SP, 1989.

ANDRADE FILHO, Bento de. **História da educação**. Rio de Janeiro, Saraiva, 1941.

ATHAYDE, J.B. de. **A Igreja Matriz de São Sebastião da Barra Mansa**. Gráfica Laemmert, Rio de Janeiro, 1960.

ATHAYDE, J.B. de. **Barra Mansa e seus administradores**. Gráfica Sociedade Propagadora Esdeva, 1971.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro, Aurora, 1958.

Prefeitura Municipal de Barra Mansa. **Registro Biográfico dos Patronos das Escolas Municipais**. 1988.

SALEM, Nikson. **Textos Históricos 2**. Gráfica Drumond, 2020.

Utopia e realidade em convulsão

Erasmo Quiricci[15]

Quando dirigimos estudos ao conjunto das economias nacionais, a partir de uma perspectiva mundial, podemos notar que seu desenvolvimento perpassa de forma desigual apresentando diferenças determinadas por setores periféricos e centrais. Isto é, de um lado por economias subordinadas, produtoras de bens de consumo e exportadora de matérias-primas e, por outro, por nações e economias centrais, agraciadas pelo acúmulo de capitais dos períodos de apogeu comercial e pelo avanço do progresso técnico com força no sistema produtivo. De acordo com João Manuel Cardoso de Mello, em sua obra *"O Capitalismo Tardio"*, sobre os incrementos da produtividade e às relações de troca, observamos que: *A dinâmica da economia mundial tende, portanto, a aprofundar o desenvolvimento desigual (cuja expressão imediata é o desnível de produtividade média e de renda entre centro e periferia) [...]*. A partir deste raciocínio observamos que a tendência natural desta lógica econômica é uma apropriação paulatina e intensa não somente do acréscimo produtivo, mas, do mesmo modo, das melhorias ocasionadas pelo avanço tecnológico advindo da fadada periferia, tecendo assim uma totalidade centralizadora e determinante no sentido das economias centrais. Ainda, segundo as conclusões de Mello, observa-se que *há uma tendência à concentração dos frutos do progresso técnico nas economias centrais, e o mecanismo pelo qual isto se dá é a deterioração das relações de troca.*

Nos últimos anos da década de 1920, o cenário mundial apresentava-se totalmente absorvido e submerso em uma crise econômica, até o momento, sem precedentes na história. A ruína decorrente da queda das ações na Bolsa norte-americana induziu ao arrasamento uma vasta quantia de especuladores, atravancando toda venda a crédito, inviabilizando as quantias de reembolso de praticamente todo o sistema financeiro, dando início, irreversivelmente, a um desastroso curso de quebra do sistema bancário. Através dos economistas Hunt & Sherman, podemos entender a dimensão atingida pela crise na economia:

> Essa era de prosperidade e abundância econômica foi subitamente interrompida, em 24 de outubro de 1929. Nesse dia, que ficou conhecido como a "Quinta-Feira Negra", o valor dos títulos negociados na Bolsa de Nova Iorque iniciou a sua trajetória descendente, abalando profundamente a confiança nos negócios. Os empresários, atemorizados e descrentes, efetuaram

15 Autor correspondente: erasmo.doc.historia@gmail.com

> cortes drásticos na produção e nos investimentos. A conseqüência disso foi o declínio da renda nacional e o desemprego em massa, o que, por sua vez, minou ainda mais a confiança na economia.

Os problemas não eram simples de resolver, pois, as decorrências econômicas e, por conseguinte, sociais foram desmesuradas. Em pretexto desta incomensurável crise financeira ocorre a queda dos preços dos produtos industriais causando um ritmo vertiginoso de falências, produzindo, além do desemprego em grandes escalas, afetando diretamente a classe trabalhadora, influindo, também, na perda do poder de compra dos salários, conferindo um abatimento econômico e financeiro, impossibilitando, desta maneira, estabelecer condições para reversão da crise de mercado mundial. De acordo com Hunt & Sherman:

> Entre 1929 e 1932, registraram-se 85.000 falências de empresas; mais de 5.000 bancos suspenderam suas ações; o valor das ações na Bolsa de Nova Iorque caiu 87 bilhões de dólares para 19 bilhões de dólares; 12 milhões de pessoas ficaram desempregadas e cerca de um quarto da população se viu privada dos meios necessários para garantir a sua subsistência; a renda agrícola reduziu-se a menos da metade; o produto industrial diminuiu cerca de 50%.

Deste cenário catastrófico, apenas a disciplinada Economia Planificada Soviética conseguiu manter distância e se colocar de maneira segura frente à crise capitalista que arruinou o mundo. De suas análises, da década de 1960, Alec Nove, realça que, para a União Soviética, "[...] *o movimento para a frente dificilmente será interrompido pelas crises ou retrações que afetam adversamente o crescimento das economias ocidentais de quando em vez.*

Os EUA, num plano defensivo de Estado de Emergência, repatriam seus capitais antes disponíveis e espalhados por todo o aparelho financeiro mundial, provocando, com isso, uma falência no sistema bancário internacional abrangendo, inclusive, os investimentos de grande porte dos principais países da Europa. Todas as grandes potências do mundo foram obrigadas a recuarem o ritmo de produção, não vendo outra forma de solução senão reter e estocar suas produções pela simples ausência de mercado que pudessem absorvê-los. Tal foi a dimensão da crise produzida no mercado, que, acabou por afetar de imediato os países não industrializados, exportadores de matérias-prima (economias periféricas). Em decorrência disto, adotam medidas radicais como, por exemplo, a queima de seus excedentes. Todas as ações tinham como característica central a inevitável consagração de uma realidade devassadora.

Certamente, que, em razão de tudo isso, inexoravelmente, desencadeia-se crises de caráter social profundo, primando à fome, o desemprego, a miséria, a pauperização das classes intermediárias (médias), derivando para crescimento das lutas sociais, propiciando, num determinado momento, a organização, o avanço e a consolidação de algumas reivindicações do movimento operário em todo o mundo. Para evitar o advento de convulsões sociais que

pudessem chegar ao nível das revoluções impuseram que *o controle social fosse feito através da presença de um Estado forte*.

Essa conjuntura forçou a então recente república brasileira (ainda economicamente dependente da monocultura de exportação, com um desenvolvimento industrial extremamente tímido e incipiente voltado para o mercado interno) a criar um plano de administração e medidas no sentido de viabilizar estudos visando solucionar a questão siderúrgica do Brasil. Sobre a fragilidade e atraso da economia brasileira o economista Guido Mantega observa que:

> Trata-se, pois, de um país fundamentalmente agroexportador, sob o jugo do imperialismo comercial, interessado na extração de excedente ou de mais-valia por meio da exploração de riquezas naturais, da comercialização de produtos primários e da comercialização de manufaturados no mercado brasileiro.

Para tanto, foi necessário hierarquizar, de forma estratégica, o planejamento institucional da organização das medidas referentes à questão siderúrgica do Brasil. De nossa capacidade técnica humana até a mais dedicada e eficiente atenção do pensamento político e econômico, a solução às demandas da fundição do aço foi decididamente uma prioridade estratégica do Estado brasileiro na primeira metade do século XX. Em publicado, dos últimos dias do mês de janeiro, do ano de 1931, de comunicação interna do Exército Brasileiro, percebe-se o caráter militarizado das ações públicas e administrativas, necessitando por medidas e diretrizes na busca por soluções do problema da siderurgia no Brasil. Desta maneira, utilizando o conteúdo de tal informativo como material de suporte na elaboração de seus estudos, Macedo Soares relata que, de acordo com os *informativos* da época constata-se que:

> "A solução do problema da siderurgia pátria, porém, apaixona de tal maneira a opinião nacional que, desde que foi criada esta Comissão, inúmeras foram as pessoas que se puseram em contato com Vossa Excelência e com ela, propondo colaboração e sugerindo alvitres. No capítulo XVI deste relatório resumimos os trabalhos que, por ordem de Vossa Excelência, foram feitos relativamente ao aproveitamento das jazidas ferríferas do alto vale do Rio Doce e sobre a viabilidade de adoção do processo W.H. Smith para a fabricação de esponjas de ferro em nosso país, trabalhos que resultou a nomeação da Comissão Nacional de Siderurgia, ora em funcionamento e sugerida em nosso ofício de 17 de março."

Ainda para Macedo Soares: *"A "Comissão Nacional de Siderurgia", em consequência do ofício acima, foi criada no Ministério da Guerra, em agosto de 1931, por sugestão e ato do Ministro Leite de Castro e aprovação do Presidente da República."*

Este foi um momento (não se pode deixar de considerar) em que o desenvolvimento econômico brasileiro se encontrava submetido desde seu interior a se desenvolver para o exterior, ou seja, de dentro para fora, com a função de abastecer as economias centrais, gerando provimento primário, impulsionando a produção e o avanço tecnológico das mesmas. Portanto, a dinâmica da economia mundial refletia (e de certa maneira ainda reflete) um desacerto entre as nações, localizando-as, em grau de desenvolvimento, dentro da conjuntura internacional, pois, de acordo com Mello: *"A desigualdade do desenvolvimento mundial reflete-se, em primeiro lugar, no descompasso entre as técnicas produtivas "avançadas" do centro e a capacidade de poupança da periferia [...]."*

O Brasil, coerente com suas condições históricas advindas deste período, inicia as décadas de 1930 e 1940, marcado pela busca incessante da industrialização de grande porte. O progresso e a independência tecnológica eram vistos, assim, como a égide ideológica do patriotismo e do desenvolvimento nacional num mundo assolado e recém-saído da depressão econômica internacional. Sobremaneira, numa conjuntura conturbada e carente de respostas imediatas concretas para a economia, Getúlio Vargas assume um discurso claramente ofensivo e determinado a resolver de vez a questão siderúrgica brasileira. Nas palavras de Edmundo de Macedo Soares e Silva, aquele que viria a ser um dos mais importantes idealizadores e construtores da cidade de Volta Redonda, pode se constatar que: *"Getúlio Vargas que, assumira a chefia do governo, prometera, como candidato, executar um grande plano de reabilitação da economia nacional; nele incluíra, enfaticamente, a criação da grande siderurgia."* Ainda, segundo Macedo Soares, o momento era crítico e necessitava-se de ousadia combinada com habilidade e uma forte dose de planejamento, pois: *"A recessão mundial estava no auge e iria durar 10 anos."*

O desenvolvimento econômico brasileiro era desigual, mas, ao mesmo tempo, combinado. Pois, de certa forma, com a mesma dimensão dada ao salto industrial, o legado do passado recente ainda se fazia intrinsecamente presente no desenvolvimento econômico brasileiro. Com uma herança econômica culturalmente advinda dos modelos coloniais, muito presente e ainda recente na primeira república, a imagem da estagnação econômica referente à ausência de um setor industrial forte era ainda latente. Era necessário, portanto, romper com a dependência para com o setor agroexportador e com a tímida indústria de bens de consumo. Para Sérgio Silva conferimos que:

> A dominação das relações capitalistas em escala internacional significa também a submissão do desenvolvimento de cada economia nacional, isto é, da reprodução do capital em escala nacional à reprodução internacional do capital. É a partir desse momento que podemos falar de *economia mundial*, na medida em que ela supõe obrigatoriamente um todo estruturado e não uma simples justaposição de partes desconexas.

Nesse sentido, é importante observar que o sistema capitalista brasileiro, apesar de se desenvolver em dissonância com o clássico desenvolvimento europeu. Isto é, o estágio capitalista brasileiro, naquele momento era ainda e, certamente, uma economia agrária e ausente de investimentos significativos para com a indústria, exceto pela iniciativa de uma insólita indústria de bens de consumo. Para o especialista em economia, Guido Mantega, contudo, vemos que: "*O avanço do setor industrial reflete-se, [...], em suas taxas de crescimento, com uma expansão anual média de 7,5% entre 1939 e 1956, muito superior à expansão da agricultura no mesmo período, cuja taxa ficou na modesta marca de 2,5%*". Isso já refletia uma mudança nos rumos da economia. Contudo, os estudos continuam apontando uma economia voltada para um crescimento para fora. Ou seja, uma economia periférica subordinada para o abastecimento primário da produção de economias de países centrais, como relata em seus estudos, João Manuel Cardoso de Mello:

> As economias periféricas enquanto exportadoras de produtos primários (mais tarde se diria: na **etapa do desenvolvimento para fora**) não dispõem, assim, de comando sobre seu próprio crescimento, que, ao contrário, depende, em última instância, do vigor da demanda cêntrica. A demanda por produtos primários exercida pelo centro, após o rápido auge do comércio internacional que vai, digamos, de 1880 a 1914, e marca o nascimento das economias periféricas, teria revelado pouco dinamismo, por duas razões: devido ao crescimento econômico relativamente lento dos países centrais e à queda de seu coeficiente global de importações, decorrente do deslocamento da hegemonia cêntrica da Inglaterra para os Estados Unidos.

Não é de surpreender, portanto, que a jovem burguesia nacional tenha adquirido sua própria peculiaridade enquanto classe dominante em forte ascensão. Para Boris Fausto:

> O sistema de poder é concebido fundamentalmente como um sistema de dominação de classe, tal qual o Estado que dele resulta. [...]. Eles constituem, antes de mais nada, produtos históricos engendrados pela vitória de certos interesses particulares, ou seja, interesses de classe. Tais interesses se apresentam, enquanto ideologia e somente enquanto ideologia, como interesses gerais, como "objetivos da sociedade".

Era necessário, assim, dar um salto de qualidade que viesse garantir ao país o seu próprio desenvolvimento interno. Para Osório da Rocha Diniz, a respeito do estágio de desenvolvimento brasileiro no final da década de 1920, pode-se verificar o seguinte:

> Desprezando o artesão, o obreiro, o comércio, e outras profissões liberais e lucrativas, por classificá-las de plebéias – como fizemos em todo nosso passado – tendo como único elemento produtor o escravo, não víamos as razões que nos fariam estacionar, enquanto outros povos atingiriam grande escala em seu progredir. Em grande parte o atraso nacional é conseqüência da falta de engenheiros, de mecânicos, de maquinistas, de ferreiros, de eletricistas, de artistas e artífices, e de comerciantes brasileiros – elementos esses a cuja atividade nosso ambiente sempre fora hostil.

Com efeito, o governo dirigido por Getúlio Vargas tinha plena consciência de suas demandas e desafios, já que, em foco, desde os primeiros momentos, a questão siderúrgica foi colocada na ordem do dia como caráter de prioridade estratégica nacional, pois, de acordo com os estudos de Sérgio Silva: *"Todo desenvolvimento de relações de produção implica um tipo específico de desenvolvimento das forças produtivas e portanto a transformação das relações técnicas de produção correspondentes às antigas relações de produção."* Para uma visão mais epistemológica do assunto, é relevante atentar para o conceito marxiniano referente a *modo de produção*.

> Não tendo sido a expressão usada num sentido único e coerente por Marx, essa categoria foi, desde então, desenvolvida como elemento central de uma explicação sistemática da história enquanto uma sucessão de diferentes modos de produção. [...]. Segundo essa perspectiva, a DIALÉTICA consiste no desenvolvimento paralelo dos dois elementos: as forças produtivas que se desenvolvem com base em determinadas relações de produção [...].

Sobremaneira, já em meados da primeira metade do século XX, a classe dominante brasileira tinha plena e notável consciência de suas demandas políticas e econômicas, pois, como nos demonstra Edílson Graciolli: *"A prioridade que o Estado deu à indústria de base objetivava garantir os pressupostos da acumulação capitalista de caráter industrial. Os interesses industriais eram apresentados como interesses nacionais."* A base social que respondia ideologicamente através, da superestrutura estatal, segundo este autor, eram: *"Expressivos segmentos da burocracia governamental (Forças Armadas, tecnocratas e funcionários públicos) tornaram-se importantes aliados da burguesia industrial, aliança esta que favorecia a industrialização."*

Em conseqüência de uma conjuntura internacional marcada pela crise econômica de 1929, o modelo intervencionista estatal estava em voga, pois, era a forma centralizadora

encontrada, a partir de políticas públicas do Estado para a conversão da crise. Segundo Lincoln de Abreu Penna: *"A concepção do Estado forte capaz de responder afirmativamente às exigências da modernidade capitalista era uma tendência dominante nos anos 1930"*. Dessa forma, tal concepção, inerente ao modelo *Keynesiano* de interagir Estado e economia, nesta época, significava, ainda segundo o autor:

> Assim, a intervenção do Estado na vida econômica estava coerente com essa concepção. Os princípios do liberalismo com base na iniciativa privada e na livre-concorrência eram considerados inadequados para o desenvolvimento da economia nacional. O Estado Novo opta por uma política econômica de fomento às indústrias de base, privilegiando os grupos industriais.

No Brasil, não poderia ser diferente. Seguindo a mesma linha e padrão das economias estatais centrais, o desenvolvimento capitalista brasileiro se destacou como, um movimento efetivado por cima, ou seja, pelo alto, isto é, também através de uma intervenção direta do Estado. Assim, sobre efeito das demandas externas e, coerente com o seu próprio desenvolvimento capitalista, a peculiar e jovem burguesia nacional almejava a implantação da indústria de grande porte (siderúrgica), buscando alçar o Brasil a um patamar de nação em pleno desenvolvimento com condições de romper a dependência econômica e, desta forma, obter melhores condições de mercado.

A Revolução Industrial Brasileira é promovida pelo próprio Estado, com o capital acumulado pela antiga oligarquia cafeeira, respeitando no desenvolvimento capitalista brasileiro uma forte peculiaridade. É o que observa Sérgio Silva, pois, segundo o pesquisador: *"A industrialização é o estágio final de uma fase mais longa do modo de produção capitalista: o período de transição."*

Não podemos esquecer que este movimento industrial já era buscado desde as primeiras décadas do século XX. Para tanto, um grande passo foi dado visando estabilizar a produção siderúrgica no país. A inauguração da siderúrgica Belgo-Mineira, em Contagem-MG, em 1921, representava a iniciativa de uma parceria do capital nacional com o capital belga, com o objetivo de solucionar tal desafio. Valente iniciativa que, porém, não conseguiu prover as condições necessárias das demandas nacionais, tendo sido relacionado a isto, uma série de fatores da ordem de investimentos e tecnologias necessárias. Entretanto, tal empreendimento não chegou a corresponder os objetivos almejados. Segundo Graciolli: *"Tal fundação foi a primeira superação da resistência do capital internacional em financiar a instalação de siderurgia no Brasil. [...] a Belgo-Mineira não chegou a resolver o problema da siderurgia de grande porte."* Para Macedo Soares: *"Os brasileiros eram pouco versados em assuntos de metalurgia, na época."*

Contudo, isso não significa dizer que não havia interesse no assunto, já no início da década de 1930, o progresso industrial era blindado de uma forte couraça ideológica. Novamente, de acordo com Graciolli, podemos conferir que: *"[...] a ideologia legitimadora da intervenção estatal se assentava no projeto nacionalista e de industrialização."* Portanto, patriotismo e desenvolvimento industrial davam a tônica desse imenso projeto chamado de indústria de

grande porte. Para Boris Fausto, tal intervenção era ideologicamente estratégica, protocolando medidas com caráter de segurança nacional, pois:

> O caráter ideológico do vago projeto nacionalista de industrialização ganha contornos extremamente claros quando se analisam alguns momentos significativos da política do aço a partir de 1930. O programa da Aliança Liberal apresentado por Vargas, em janeiro desse ano, conferia ênfase à promessa de acelerar a solução do problema siderúrgico, cuja discussão vinha se arrastando desde a presidência de Nilo Peçanha. Tratava-se — dizia Vargas — de uma exigência do desenvolvimento industrial e da segurança nacional, retomando os mesmos argumentos de Peçanha, e que "não podia ficar à mercê de estrangeiros".

Desta forma, o Estado, deixando então a posição de responsável pela transição capitalista brasileira, passou neste momento a representar o principal elemento centralizador não somente da política e da economia nacional, mas, também, sendo predominante nas próprias relações sociais, sobretudo, nos referentes ao mundo do trabalho. O governo buscou, assim, articular um conjunto de ações visando estabelecer formas de controle dos trabalhadores mantendo-os institucionalmente atrelados ao Estado e, naturalmente, ao projeto político-ideológico do Estado, pois, se observarmos as reflexões de Mello:

> Exatamente porque a industrialização latino-americana é problemática (e específica), a resolução das dificuldades não pode ser entregue ao livre jogo das forças de mercado, mas há de ser objeto de uma intervenção consciente na realidade, que é apreendida pela idéia de **planificação**.

Nesta mesma trama, é criado o Ministério do Trabalho, em 1930, e é elaborada a Lei de sindicalização em 1931, de acordo com o Decreto Lei 19.770, cerceando e proibindo toda e qualquer iniciativa e liberdade de associação sindical. Este era, sem dúvida, um claro sinal do tipo de relação que viria se estabelecer deste momento em diante. Assim, depois do Golpe de Estado de 1937, Getúlio Vargas e seu ministério instauram o Estado Novo, dando continuidade a uma série de ações, sendo, dentre elas, relevante destacar, o aceleramento da política siderúrgica para a realização da tão almejada implantação da grande indústria de base. O que viria a ser, também, as primeiras, de muitas, formulações jurídicas das relações de trabalho, sendo, nesta época, sancionadas várias leis de cunhos sociais e trabalhistas. Para Edílson Graciolli: *"No discurso de anúncio do Estado Novo, Vargas refere-se ao ramo siderúrgico como estratégico à criação da indústria de base."* Para Alkindar da Costa, um estudioso da memória de Volta Redonda-RJ, observa-se que:

> [...] em fins de abril de 1939, redundou em contato com a "United States Steel Corp", interessada em colaborar na construção de nossa primeira usina com coque. O então Ministro do exterior Dr. Oswaldo Aranha havia conseguido em março dos Estados Unidos, um crédito de US$ 60.000.000 para diversos empreendimentos, entre os quais financiamento da aquisição para toda a usina.

Destaca-se, portanto, neste período, um forte sentimento direcionado para o rompimento com o passado agroexportador (pelo menos em termos) enaltecendo o progresso tecnológico promovido unicamente pelo processo industrial. A este evento soma-se o culto à idéia de nação forte, da defesa da pátria, e do sentido nacional. Para Boris Fausto:

> [...] o caráter urgente conferido à "organização da indústria pesada", partindo do princípio de que o Brasil tinha necessidade de "constituir-se o mais rapidamente possível em grande potência"; fundamenta tal necessidade incorporando idéias do universo ideológico fascista da época, explicando que não havia mais lugar para "países fracos" num mundo em que os povos fortes, lutando para possuir um "espaço vital", tudo fariam para conquistar os fracos, "tanto no plano econômico como no político militar". [...] no caso da siderurgia, o "Estado assumia a tarefa de romper pontos de estrangulamento para o desenvolvimento industrial, devido a razões de defesa nacional" [...].

A Era Vargas muito irá contribuir com essa ideologia. O sentimento de pertencimento (para com a cidade e a CSN) nacional e de desenvolvimento foram forjados no calor desta conjuntura.

O SURGIMENTO DA GRANDE INDÚSTRIA DE BASE BRASILEIRA: NASCE VOLTA REDONDA

O advento da indústria de grande porte ocorre somente (levando-se em conta todo o processo) no início dos anos de 1940. É importante também ressaltar o período de guerra mundial ditando o ritmo dos acontecimentos. A CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) nasce sob o calor do conflito, no desenrolar das tramas, nos bastidores de uma guerra, naquele momento, totalmente sem a certeza de favoritismos. Para Boris Fausto:

> No início de 1940, após o fracasso das negociações com a United States Steel, Vargas volta-se para a Alemanha, renovando contatos com a Krupp, que se dizia interessada no projeto siderúrgico brasileiro. O Ministério da Economia do Reich acreditava que os Estados Unidos, naquele momento, estavam desinteressados do negócio, que seria importante aproveitar a oportunidade para reforçar a posição alemã no Brasil.

As dificuldades nas negociações entre o governo norte-americano e seus investidores nacionais cadenciavam seus receios com os desfechos do cenário internacional. O financiamento de tamanho empreendimento carecia de decisões de setores privados e governamentais estrangeiros, pois, as nações envolvidas diretamente no evento da guerra se encontravam sob a tutela do regime de guerra, repatriando capitais, resguardando suas economias. O desembolso de investimentos direcionados ao Brasil era por demais arriscado tendo em vista o clima de insegurança e cuidados nacionais. Era, então, natural imaginar que, segundo Boris Fausto: *"[...] a solução do problema siderúrgico continuava bloqueada pelo obstáculo externo. [...]"*.

Contudo, por outro lado, para os Estados Unidos (envolvido decisivamente no conflito) o aceno à possibilidade de uma grande siderurgia no Brasil, era, a princípio, de grande interesse para o desenrolar da guerra numa perspectiva de provento de produção bélica. Tamanho interesse era acompanhado de muita preocupação uma vez que o Brasil já mantinha abertura de negociações com a Alemanha. Ainda, segundo o ritmo dos interesses em disputa, podemos conferir um interesse específico por parte do Exército Brasileiro em se manter precavido quanto à equipagem militar, tendo em vista a ameaça de um ambiente de conflito mundial. Para uma fatia dos militares, de acordo com Fausto:

> Na época, a instituição estava interessada sobretudo em conseguir recursos para a aquisição de armamento no exterior, e é por meio desse viés que Vargas irá conseguir seu apoio, empreendendo, sob pressão do Alto Comando, uma política comercial com a Alemanha à base dos marcos de compensação, da qual o Exército extraiu altos dividendos, como se verá mais adiante.

De certa forma, o conflito exercia uma força então contrária, segundo os rumos e interesses nas negociações, pois, para Fausto: *"[...] A solução do "problema siderúrgico" podia esperar, uma vez que não seria através dela que se estaria em condições de atender, a curto prazo, as necessidades de reequipamento urgente do Exército."* Mas, decididamente, numa guerra, em seu momento mais crítico, o que não existe são situações de ordem absoluta. O próprio desenvolvimento da guerra junto às articulações diplomáticas foi evidente no ajustamento dos fatos. Ainda, segundo Fausto:

> No entanto, o fato da Alemanha estar concentrada inteiramente no esforço de guerra tornava a cooperação praticamente impossível. Para o Reich, portanto, tratava-se de continuar a negociar com o governo brasileiro apenas para ganhar tempo. "Negociações dilatórias, sim", aprova o assessor Gustav Schlotterer, "mas não podem ser dadas garantias para a entrega do equipamento". Ao que tudo indica o governo brasileiro não tinha conhecimento desta orientação, assim como o Departamento de Estado norte-americano.

O pragmatismo militar, nesse sentido, tornava-se insólito frente às demandas de ordem econômica da própria conjuntura de regime de guerra. Numa guerra de tais proporções, de dimensões continentais, a questão do abastecimento e da reposição de produtos primários como o minério de ferro, são tratados com relevância extrema. Boris Fausto argumenta que mesmo antes da década de 1940 essa já era uma preocupação de terceiros, conveniente com os interesses do Brasil, pois, já:

> No início de 1938, enquanto Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, esforça-se para "reaproximar" Vargas dos Estados Unidos, acenando-lhe com uma proposta do Eximbank para financiar a usina de aço, o Ministro da Viação, Coronel João Mendonça Lima, estabelecia contatos com a Demag alemã, para "instalar uma siderúrgica em troca de pagamentos em minério brasileiro".

Destarte, o processo de negociação sobre o investimento para a nova indústria tinha, de antemão, situações complexas a serem solucionadas, como por exemplo, o convencimento dos investidores privados norte-americanos, ainda resistentes devido à própria conjuntura de guerra, forçando, por parte do governo dos EUA, a adoção de uma estratégia buscando ganhar tempo nas negociações. No entendimento de Fausto consiste que:

> Do lado norte-americano, Roosevelt, movido por interesses político-militares, estava disposto, pessoalmente, a conceder o financiamento para a construção da siderúrgica, mas defrontava-se com um impasse: a Federal Loan Administration e o Departamento de Estado só concordariam com o empréstimo se o projeto fosse entregue a uma empresa norte-americana, e nenhuma delas naquele momento, demonstrava qualquer interesses pelo negócio. As conversações prosseguiram, mas,

> seguindo a mesma orientação do governo alemão, tinham um caráter puramente dilatório.

O forte empenho de setores governamentais e militares norte-americanos, somado aos efeitos dos acontecimentos de guerra, que passaram a adquirir novos e decisivos contornos, foram determinantes não só para a indefinição brasileira, como também, e agora definitivamente, para os EUA. Segundo Fausto, os entendimentos e pronunciações políticas eram preocupantes para os norte-americanos:

> Em 11 de junho, Vargas pronuncia seu famoso discurso a bordo do *Minas Gerais*, que a imprensa dos Estados Unidos interpretou imediatamente como uma adesão do Brasil ao Eixo, e que, aparentemente pelo menos, teria preocupado Roosevelt sobre as verdadeiras intenções do governo brasileiro. Aproveitando a ambigüidade da situação criada pelo discurso, que podia significar uma opção do Brasil pelo Eixo, apesar dos compromissos assumidos pelo governo de Vargas com o pan-americanismo patrocinado pelos Estados Unidos, o Embaixador alemão no Rio é autorizado pelo Reich a comunicar ao ditador uma grande transação de 300 milhões de marcos e a "entrega rápida de uma siderurgia" um ano depois do "fim da guerra".

Contudo, foi a intervenção militar direta dos EUA, a partir de sua entrada no conflito, devido ao ataque japonês ao Hawai. Para Roosevelt, não poderia haver mais dúvidas, era necessária a hegemonia política das Américas. O Brasil passou a ser, então, um preço a ser pago. Assim, para Boris Fausto: *"[...] havia chegado a hora de Washington decidir se manter o Brasil fora do controle alemão valia esse preço. Nessa época, o Brasil valia indiscutivelmente tal preço, dada a preocupação dos Estados Unidos com a situação militar na Europa. [...]."* Para Edílson Graciolli:

> Os EUA continuavam preocupados com a indefinição do governo brasileiro diante do conflito mundial. O ataque na base norte-americana de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, teve como resposta do governo Vargas a ruptura com o Eixo. A negociação ganhava novo patamar. Em 3 de março de 1942, foram assinados os *Acordos de Washington*, cujos termos estabeleceram créditos ao Brasil de 20 milhões de dólares e cooperação militar Brasil-EUA, pelos quais bases do Nordeste brasileiro poderiam ser utilizadas pelas Forças Armadas norte-americanas, além do fornecimento de matérias primas nacionais aos EUA.

Em 1943, outros 25 milhões de dólares foram injetados na CSN, que inaugurou sua produção em 1946.

Para Boris Fausto: *"A siderúrgica passa, assim, a assumir para os Estados Unidos uma importância decisiva em relação à política econômica e militar com o Brasil."*

Assim, dadas as decisões necessárias coerentes com o grau dos acontecimentos, realiza-se, de uma vez por todas os investimentos necessários para a tão sonhada questão siderúrgica brasileira. Restava, então, a escolha do local que viria a ser endereço das primeiras perfurações e sondagens de solos da grande siderúrgica. O local escolhido dizia respeito a um pequeno distrito do município de Barra Mansa, conhecido como Volta Redonda (devido aos contornos do rio Paraíba do Sul), no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba. Segundo Macedo Soares: *"O Governo do Estado do Rio de Janeiro expediu Decreto-lei, desapropriando por utilidade pública as áreas que seriam ocupadas pela Cia. Siderúrgica Nacional em Volta Redonda [...]."* A constituição e formalização da criação da CSN, no dia 09 de abril de 1941 ocorre, segundo Macedo Soares: *"[...] no salão nobre da Câmara Sindical de Corretores de Fundos Públicos, no Rio de Janeiro, foi constituída a Companhia Siderúrgica Nacional."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Estado Novo: Novas Histórias*. In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6ª ed. — São Paulo: Editora Contexto, 2007.

COSTA, Alkindar. *Volta Redonda: ontem e hoje – visão histórica e estatística*. 3ª ed. Volta Redonda: Grêmio Literário de Autores Novos, 1991.

DINIZ, Osório da Rocha. *A política que convém ao Brasil*. Brasiliana, vol. 96, 1937. Apud. SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. *O ferro na história e na economia do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Sesquicentenário, 1972.

FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira — Tomo III: O Brasil Republicano — V. 10: Sociedade e política (1930-1964)*. 9ª ed. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GRACIOLLI, Edílson José. *Um caldeirão chamado CSN – resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Minas Gerais: EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1997.

HUNT, E. K. & SHERMAN, Howard J. *História do pensamento econômico*. 23 ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. 4ª Ed. São Paulo / Petrópolis: Polis / Vozes, 1987.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. *O ferro na história e na economia do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Sesquicentenário, 1972.

SILVA, Sergio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1995.

As leis para os ingleses e abolicionistas verem

Guto Mello[16]

Na história sobre a escravidão no Brasil Imperial, a primeira lei contra o tráfico de escravos foi elaborada em 1831 conhecida também como a lei "para inglês ver". A Inglaterra fiscalizava o Atlântico para que o tráfico de escravos terminasse, olhando com uma ótica de capitalismo moderno devido a Revolução industrial Inglesa. Agora, os escravos eram os próprios ingleses que trabalhavam em condições de insalubridade e sem qualquer respaldo da burguesia industrial Inglesa (THOMPSON).

Eusébio de Queirós criou a polícia civil e fiscalizava o tráfico de escravos em 1832 com a criação do Código de Processo Penal e em 1850 foi criada a Lei Eusébio de Queirós para sepultar de vez o tráfico de africanos para o Brasil. Nesse momento o Vale do Café Fluminense encontrava-se no apogeu na produção de café e riqueza fruto desse café que era exportado, além é claro da compra e venda de escravos. Como bem colocou como título da sua obra O Vale era o escravo - obra essa que já está nos anais da História da Historiografia dos oitocentos -, escrita pelo historiador Ricardo Salles. Após a chegada da família real em 1808, o Vale do Paraíba Fluminense e Paulista ganharam pujança econômica e vinda de homens livres e escravos da Bahia e de Minas Gerais em busca do novo ouro que era o café (SILVA).

O fim do tráfico de escravos foi uma exigência de um mundo em transformação, a modernidade e a burguesia urbana e industrial chegando de uma forma periférica para a subtração total de um regime que já estava sendo debatido na segunda metade do século XIX. Era o início, ainda acanhado, do movimento abolicionista com sinais que foram apontados pela Literatura de Machado de Assis (SCHWARZ).

A outra lei não para inglês ver, mas para os abolicionistas verem é a Lei do Ventre Livre de 1871 dando a condição de que toda criança filha ou filho de escravos estavam livres da escravidão, porém não foi bem isso que aconteceu. Escravas no Vale do Café Fluminense não ganhavam alforria, obrigando as crianças terem a verdadeira liberdade só depois de suas mães terem em mãos a carta de alforria.

Em 1883 em Vassouras uma menina de 10 anos com nome Francisca foi estuprada pelo seu senhor e mesmo ter passado por uma violência sexual, a

[16] Membro efetivo da AVL, Historiador e escritor. Autor Correspondente:

posição social do "senhor" deu-lhe a liberdade e ainda saiu na condição de vítima e a Francisca saiu como culpada em uma sociedade patriarcal, barroca, uma antítese ao ser "civilizada" perante a elite rural e a Corte e bárbara com as ações mais cruéis que se possa imaginar.

Diga-se de passagem, Francisca nasceu em 1873, dois anos após a Lei do Ventre Livre e não poderia estar em uma condição de escrava e nem sofrer maus tratos do rico proprietário de terras no Vale do Café Fluminense (SANTOS). As leis que foram criadas, da Lei que tinha o propósito de eliminar o tráfico de escravos, passando pelas leis do fim do tráfico de escravos (1850), a do Ventre Livre (1871), do Sexagenário (1885) e por fim a Lei Áurea (1888) não foram suficientes para derrubarem a mentalidade atemporal de patriarcalismo, autoritarismo e violência sexual camufladas até hoje com os "cidadãos de bem".

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

- SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. Machado de Assis. Ed. 34. São Paulo- SP, 2000;

- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa. Ed. Paz e Terra, São Paulo-SP, 1980;

- SALLES, Ricardo. O Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro-RJ, 2008.

SANTOS, Adelci Silva. A caminho da liberdade: estratégias de alforrias no Vale do Paraíba Fluminense no século XIX . Ed. Estudos Americanos, Rio de Janeiro-RJ, 2022;

- SILVA, Antônio Carlos da. E outros. A introdução do café no Vale do Paraíba do Sul. Ed. Interagir, Valença - RJ, 2020.

Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br